

# Crónica de onomástica paleo-hispânica (14)

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA

## R E S U M O

Nesta oportunidade, incidimos a nossa atenção sobre uma trintena de nomes próprios, ocupando a onomástica celta um peso relativo superior ao que lhe vínhamos reconhecendo em trabalhos precedentes.

## A B S T R A C T

This time, we focus our attention on a group of about thirty proper names, giving Celtic onomastics a role that was not recognized in previous papers.

**aiduiscer.** Prato de cerâmica. Can Badell (Bigues, Vallès Oriental, Barcelona). *MLH* III 2 C.22.1.

Tal como vimos defendendo há muitos anos (Faria, 1990-1991, p. 74, 1994a, p. 66, 2000a, p. 125, 2002a, p. 123, 2004a, p. 294), a adequada transliteração do presente NP é **aiduiscer**, e não **duiduiscer** (Silgo, 1994, p. 148), **tuiduiscer** (Correa, 1992, p. 284), **tuiduiscer** (Correa, 1992, p. 265), **TuiTuiscer** (*MLH* III 1, p. 236; Quintanilla, 1998, p. 141; Panosa, 1999, p. 284) ou **TuiTuiscer** (Velaza, 1991, p. 172, n.º 827; Correa, 1992, p. 265, 1993a, p. 332; Arteaga & Correa, 1994, p. 52; Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], pp. 262, 271, 2005a, p. 133). Efectivamente, a analogia que é passível de ser estabelecida com o NL *\*Tutugi* < *\*tuitugi* < *\*tuitugi* deixa entrever a probabilidade de ambas as dentais integrantes do segmento onomástico ibérico **Tu(e)iT(ui)** serem surdas (Faria, 2005a, p. 286), pelo que não pode haver qualquer confusão com **aidu**. Recorde-se que **Tu(e)iT(ui)** faz parte dos NNP **TuiTubolai** (*CNH* 343:11-14), **TuiTuiboren** (*CNH* 346:36-37) e **TueiTiceildun** (F.21.1) < *\*TueiT(u)-iCe-ildun* (Faria, 1991a, pp. 189-190, 1993a, p. 151, 1994a, p. 65, 1998a, p. 237, 2000b, p. 62, 2002a, p. 130, 2004a, p. 283), que, em conformidade com o exposto, passamos agora a transliterar respectivamente do seguinte modo: **tuitubolai**, **tuituiboren** e **tueiticeildun**.

Conquanto faltem as provas de que pertencem a uma mesma língua, não podemos deixar de sublinhar as surpreendentes semelhanças entre **tuitui/tuitu/tueit(i)** e os NNP **tueidu** e **tueidunos**, alegadamente celtibéricos, constantes do Terceiro Bronze de Botorrita (Untermann, 1996a, p. 160; Prósper, 2005, p. 274). Não menos intrigante é a similitude entre **tueiticeildun** e DVITIQ(*um*) (González Rodríguez, 1986, p. 156, n.º 114), NF invocado por Untermann (1996a, p. 160) como *comparandum* dos dois NNP documentados em *Contrebia Belaisca*.

Retomando a análise do NP a que esta entrada diz respeito, convirá ter em atenção que, em alternativa a **tuiduiscer**, José Antonio Correa (1992, p. 284) aventou **duiduiscer** e **aiduiscer** como hipóteses de restituição. Por seu lado, Joan Ferrer (2005 [2006], p. 958, n. 4) decidiu-se sem quaisquer hesitações por **aiduiscer**, mas não chegou a facultar a bibliografia anterior.

Cabe, todavia, contemplar a possibilidade, que o exame do que sobra do primeiro signo não invalida, de a transliteração correcta ser **gaiduiser**, caso procedamos à equiparação entre o componente inicial deste NP e o NL (ou orónimo) **gaiduf**, recentemente estudado por M.<sup>a</sup> Paz García-Bellido (2001 [2002], *passim*).

Independentemente da restituição do primeiro membro deste composto, é de admitir a interpretação de **aidu** como forma apocopada de *\*aidur*, segmento que é susceptível de se isolar em **aidurgi** (G.16.3, 4) (Silgo, 1994, p. 34; Pérez Orozco, 2007, p. 108). Assim sendo, a segmentação em *\*aidur-gi* não pode deixar de ser encarada como alternativa a *aidu-(u)rgi* (Faria, 2003a, pp. 315-316), sobretudo se, ao invés do que suspeitávamos num primeiro momento (Faria, 2003a, pp. 313-314), o sufixo **-gi** não ocorrer exclusivamente em>NNL (Faria, 2007a, p. 163).

**aiuniCarbir**. Fragmento de estátua de pedra. Cerro de los Santos (Montealegre del Castillo, Albacete). *MLH* III 2 G.14.1.

A circunstância de termos transliterado o NP em questão sucessivamente como **aiuniTulbir** (Faria, 1990-1991, p. 76) e como **aiuniCarbir** (Faria, 1991a, p. 192, 1994a, pp. 65, 66, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 315) deixa desde logo entrever as dificuldades de leitura que o mesmo envolve. De resto, a partir do momento em que optámos definitivamente pela leitura **aiuniCarbir**, não deixámos de evidenciar, em várias ocasiões, alguma inconsistência na forma de o segmentar, tendo em conta a natureza equívoca da documentação em causa. Numa delas (Faria, 2002b, p. 238), além de termos reiterado as nossas incertezas — as quais, importa reconhecê-lo, não serão desfeitas tão cedo — cremos que ficou provada a nossa boa-fé. Convirá, em contrapartida, sublinhar que Rodríguez Ramos (2001, p. 17, 2002b [2003b], p. 19) não reconheceu que alguém o tinha precedido na segmentação de **aiunicarbi** (*sic*) (Rodríguez Ramos, 2001, p. 17) como **aiun-iC(e)-arbir** (Faria, 1994a, pp. 65, 66). E o facto de termos abandonado esta última transliteração — ainda que não completamente, porque o testemunho disponível está longe de ser esclarecedor — não confere, em nosso entender, a Jesús Rodríguez Ramos o direito de se apropriar do que, estando certo ou errado, não lhe pertence.

Aos incontáveis exemplos deste comportamento ignóbil podemos agora acrescentar aquela que é a segunda tentativa (Faria, 2005a, p. 280) ensaiada por Rodríguez Ramos — que, é bom não esquecer-lo, chegou a exercer as funções de professor universitário — no sentido de se fazer passar por autor de duas das quatro possíveis identificações do NL subjacente à legenda monetária **ig(a)le(n)scen** (Rodríguez Ramos, 2006 [2007], p. 58, n. 9): *\*Igle* (Faria, 1991b, p. 15, 2005b, p. 164) e *\*Igale* (Faria, 2005a, pp. 280, 281, 2005b, p. 164).

Verificamos com alguma mágoa que, em vez de suscitar natural repulsa, esta sórdida conduta tem, salvo uma honrosa excepção (Billy, 2004, p. 285), gerado uma indiferença pública preocupante, conseguindo inclusive recolher a condescendência dos órgãos directivos e assessores da revista *Faventia* (Faria, 2006, p. 118). O escabroso comportamento exibido com enjoativa empáfia por Rodríguez Ramos mereceu igualmente o apoio tácito da parte do professor Javier de Hoz (2007, p. 36, n. 68), através da recomendação de dois textos (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], 2002b [2003b]), que, encarados numa perspectiva ética, deviam fazer corar de vergonha quem os escreveu e levar a reflectir quem, conhecendo de antemão a “metodologia” aplicada por Rodríguez Ramos, não tem quaisquer problemas em citá-los. Incluem-se neste grupo Garcés & Pérez Conill (2006, p. 58, n. 15), que não hesitaram em remeter os seus leitores para o famigerado “Índice crítico” (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a]) a propósito do NP TARTIGAR[---] (Beltrán, F., 1980, p. 103, n.º 88), passando por cima da restante bibliografia, quase toda ocultada por Rodríguez Ramos (Silgo, 1988, p. 72, 1994, p. 129; Faria, 1999a, p. 159, 2000a, pp. 139-140, 2003a, p. 328;

v. agora também Faria, 2004a, p. 300, 2007a, p. 213). De resto, a omissão das referências ao NP **tarticeles**, que foi duplamente desfigurado por De Hoz (2005 [2006], p. 79: **tartinceles**), bem como à individualização dos respectivos componentes (Faria, 1997, p. 110, 1999a, p. 159, 2002a, p. 125) tão-pouco deverá ser obra do acaso (Garcés & Pérez Conill, 2006, p. 58 e n. 12).

Como se a recomendação dos ditos artigos de Rodríguez Ramos não bastasse, o professor De Hoz, além de ocultar as numerosas tentativas de esbulho patentes no mais recente de ambos, aproveitou exactamente o mesmo parágrafo em que os avalizava para desacreditar em abstracto a totalidade do nosso trabalho:

Faria ha dedicado numerosos artículos a la onomástica ibérica, no todos recogidos en la bibliografía de este artículo, en los que comenta los progresos de la investigación, proponiendo a menudo nuevos elementos onomásticos que sin embargo pecan de criterios de identificación excesivamente laxos (De Hoz, 2007, p. 36, n. 68).

Esperemos que a supracitada nota de rodapé não venha, certamente contra a vontade do seu redactor, a transformar-se numa autêntica carta de corso, a usar por quem ainda necessite de um tal incentivo.

Salvo melhor opinião, não nos parece ser esta a maneira mais digna e curial de o professor De Hoz reagir às críticas objectivas, até hoje não rebatidas, que dirigimos a determinadas leituras ou interpretações por ele conferidas a diversos nomes próprios ibéricos, designadamente a NNP.

Para não nos alongarmos demasiado em torno desta lamentável questão, salientemos, entre outros exemplos, o caso de **urceteger** (CNH 47:69; Faria, 2003b, p. 227, 2007a, p. 230), que o professor De Hoz (1995a, p. 321) transliterou como **urbate+r/urbateger**. Curiosamente, foi esta mesma leitura que o recomendado Jesús Rodríguez Ramos só conseguiu piorar, convertendo-a em **urbater** (Rodríguez Ramos, 2004, p. 134). Este dislate foi dado à estampa alguns anos antes de o mesmo Rodríguez Ramos, no paroxismo da baixa moral, se atrever a expelir insinuações torpes (Rodríguez Ramos, 2007 [2008], p. 95) a propósito de uma transliteração que nos pertence (Faria, 2003b, p. 227, 2007a, p. 230), por muitos engulhos que tal lhe possa provocar.

Invoquemos outrossim o caso do NP ibérico Ελερνας (Faria, 1994a, p. 69, 1998a, p. 234, 2000a, p. 131, 2001, pp. 99-100, 2004a, p. 292, 2006, p. 118, 2007a, p. 170), que Javier de Hoz, em numerosos trabalhos (e.g., De Hoz, 1997, pp. 264-265), nunca deixou de ler como Βλερνας, atribuindo ao mesmo, em consequência desta leitura errónea, uma filiação não-ibérica. É claro que aquela leitura não podia deixar de ser subscrita sem pestanejar por Rodríguez Ramos, que, fazendo uso de um castelhano razoavelmente arrevezado, se pronunciou assim sobre o tema:

Así, de un claro [sublinhado nosso] Βλερνας (nombre de persona según el texto griego, pero no necesariamente íbero) Faria dictamina [sublinhado nosso] que es evidentemente \*ελερνας [recte: Ελερνας] [...]. Pero por más que vuelva a hacer una lista de autores que no admiten la evidencia, ello no pasa de una arriesgada propuesta sobre lo que de hecho dice la inscripción, habiendo interpretaciones ibéricas más sencillas como **balar-bas** [sic!], que sólo precisa entenderlo como helenización del nombre y, pese a ello, sólo es una hipótesis (Rodríguez Ramos, 2002b [2003b], pp. 44-45).

Num estilo bem mais perceptível do que o exibido pelo autor precedente, também Javier Velaza (2003 [2004], p. 180, 2006a [2007a], pp. 275, 278) se debruçou sobre este assunto, criticando, tal como nós o havíamos feito muito antes dele (Faria, 1993a, p. 155), a propensão manifes-

tada por Javier de Hoz (1993, pp. 654-655, 2005 [2006], p. 79) para outorgar uma procedência não-ibérica (“indígena”) a NNP ibéricos, misturando-os com outros de filiação discutível ou mesmo desconhecida. Javier Velaza, no entanto, além de se enganar, seguindo parcialmente J. Gorrochategui, na leitura de três dos NNP mencionados no chumbo grego de Pech Maho — *Golobiur* (Gorrochategui, 1995 [1997], p. 187, 2002a, p. 6; Velaza, 2003 [2004], p. 180, 2006a [2007a], p. 278), *Nalbeadin* (Gorrochategui, 1995 [1997], p. 187, 2002a, p. 6, 2002b, p. 76; Velaza, 2003 [2004], p. 180, 2006a [2007a], p. 278) e *Segedon* (Velaza, 2006a [2007a], p. 278) —, silenciou os nossos textos respeitantes a esta matéria, que fomos produzindo ao longo de quase década e meia. Nestes artigos — que foram há pouco citados sem subterfúgios nem preconceitos de qualquer espécie por Xaverio Ballester (2008a, p. 82) —, vimos igualmente a comprovar a procedência ibérica de todos os NNP identificativos das testemunhas constantes do supracitado documento, facto este que Velaza omitiu, como se quisesse assumir a autoria de tal demonstração. Esta não é, infelizmente, a primeira vez que nos deparamos com este comportamento da parte do professor Javier Velaza, que, no tocante a manifestações de “amnésia bibliográfica”, parece querer vir a rivalizar com Jesús Rodríguez Ramos. No entanto, porque, apesar de tudo, não é possível confundir a atitude de um com a de outro, ainda não perdemos a esperança de que Velaza se venha a retractar de alguns “esquecimentos” que detectámos em vários artigos seus nos últimos anos.

Voltando a incidir a nossa atenção em Rodríguez Ramos, é nossa firme convicção que estamos perante um caso de irreversível falta de civilidade à mistura com uma egolatria sem limites. Efectivamente, apercebemo-nos demasiado tarde de que o indivíduo em questão mergulhou há muito num vórtice de indigência moral, do qual não virá nunca a ser resgatado, apesar da solidariedade pública que agora lhe foi prestada por Javier de Hoz, o investigador que um dia, pelos vistos demasiado longínquo, denunciou “el silencio sistemático sobre el trabajo de colegas de diferentes escuelas o, lo que es peor, la utilización sistemática del trabajo de otros sin reconocerlo” (De Hoz, 1991, p. 189). Um exemplo paradigmático deste comportamento abjecto, desta feita a propósito de *arsbigisdeegiar* (v. *infra*, p. 62), pode ler-se na versão publicada da tese de doutoramento de Rodríguez Ramos (2004, pp. 76, n. 53, 265 e n. 23), obra cujo conteúdo o professor Javier de Hoz Bravo deve conhecer bem. Nas páginas supracitadas, Rodríguez não hesita em auto-atribuir-se despudoradamente a autoria da correcta leitura e interpretação da dita legenda monetária a partir de umas fotografias publicadas há meia dúzia de anos (Ripollès & Llorens, 2002), fazendo tábua rasa de tudo o que, vários anos antes dele, escrevemos sobre o assunto (Faria, 1994a, p. 66, 1994b, p. 40, n.º 53, 1994c, p. 123, 1995a, p. 80, 1996b, p. 153, 1998b, p. 246, 2000a, pp. 127-128, 2001, pp. 96-97, 2003b, p. 213, 2004a, p. 278, 2007a, pp. 210-211). É, de facto, assombrosa a desfaçatez deste sujeito, que tem sido inexplicavelmente “levado ao colo” por investigadores que nos habituámos a respeitar.

Não restam dúvidas de que o à-vontade com que Rodríguez Ramos se tenta apropriar daquilo que não lhe pertence é o reflexo inevitável de uma deficiente formação cívica que se manifesta das mais diversas maneiras, entre as quais uma mal disfarçada xenofobia, bem patente na passagem ora transcrita (Rodríguez Ramos, 2002a, p. 188, n. 2):

No entro en la discusión las [*sic*] arbitrarias lecturas de algunos estudiosos portugueses, últimamente V. H. Correia, que se limitan a llenar el casillero de signos sin seguir criterio alguno y sin siquiera molestarse en intentar justificarlas o dar una mínima explicación.

Depois das indignidades despejadas nalgumas dezenas de páginas do último número de revista “Arse” (Rodríguez Ramos, 2007 [2008], *passim*), nunca fizeram tanto sentido as palavras de

protesto que dirigimos em mensagem electrónica ao professor Agustí Alemany, ao tempo director da revista “Faventia”, por ter decidido publicar um dos mais desprezíveis artigos da autoria de Rodríguez Ramos:

Não posso deixar de lamentar que a ignóbil conduta que o doutor Rodríguez Ramos tem vindo a manifestar na repugnante página que sustenta na Internet tenha passado a contar com a cobertura académica e institucional da direcção da “Faventia”.

É certo que a solidariedade nacional é um sentimento muito louvável, mas, na minha opinião pessoal, aquela não se pode sobrepor ao respeito pela verdade. E a verdade é que a desqualificação absoluta do trabalho alheio, acompanhada das mais reles injúrias ao seu autor, não pode, em nenhuma circunstância, legitimar a respectiva apropriação.

Por razões óbvias, a propósito do conteúdo de um outro artigo deste desbragado linguista (Rodríguez Ramos, 2002c [2003c]), também manifestámos a nossa indignação junto do professor Rolf Bergmann, director da revista “Beiträge zur Namenforschung”, mas, por culpa nossa, que assumimos por completo, não foi dada sequência à nossa reclamação, apesar da boa vontade manifestada em mensagem electrónica por um dos editores daquela publicação periódica.

Retomando a abordagem de **aiuniCarbir**, cabe notar que Rodríguez Ramos (2001, p. 17) fez desaparecer o incómodo signo com que termina o NP a fim de que a analogia estabelecida com o segmento onomástico **arbi** fosse perfeita. Só por estultícia pode Rodríguez Ramos (2007 [2008], p. 86) negar, recorrendo a piruetas de última hora, que nunca encarou “**aiuniCarbi**” (*sic*) como um NP ou, no mínimo, como um composto de tipo onomástico (Rodríguez Ramos, 2001, p. 17, 2002b, p. 209). Todavia, entretanto, o signo de vibrante, que vimos lendo desde 1991 (Faria, 1990-1991, p. 76, 1991a, p. 189, 1994a, pp. 65, 66, 1997, p. 106, 2000a, p. 122), acabou por ser reabilitado — num processo que, se recorrêssemos à expressão que nos dedicou Rodríguez Ramos, poderíamos rotular como uma «oportunista ‘recuperación’» (Rodríguez Ramos, 2002b [2003b], p. 19, n. 3) — com o objectivo de fazer parte integrante do (bastante suspeito, dada a forma do penúltimo signo) NP **aiunigaldur** (Rodríguez Ramos, 2002b, p. 209).

Recordado este clássico exemplo da prosápia ardilosa que Rodríguez Ramos vem exibindo com insofismável maestria, vimos nesta ocasião dar conta de dois presumíveis paralelos, no domínio do léxico ibérico, para o segundo membro de **aiuniCarbir**, caso este nome próprio se decomponha em **aiuni-Carbir**. Trata-se de **carbi** (F.13.3) e de **karb** (De Hoz, 1998, p. 222; Correa, 2008, p. 293), proporcionando esta analogia a transliteração de **aiuniCarbir** como **aiunicarbir**. Nada obsta a que a segunda parte deste NP (*MLH* III 2, p. 620; Velaza, 2007, pp. 277-278) — ou ND, atendendo a que se encontra gravado no busto de uma estátua feminina — se relacione com o basco medieval *Garbisso* (e suas variantes, palatizadas ou não), formado por sufixação a partir de *garbi* (< \**garbir?*) ‘limpo, puro’, termo patrimonial basco (Michelena, 1997<sup>5</sup>, p. 93, n.º 261; Arzamendi, 1985, p. 248; Cierbide, 1996, p. 125, 2005, p. 24). Sendo a sonorização da velar surda inicialmente expectável na fonologia basca (Uhlenbeck, 1910, pp. 101-102; Gavel, 1921, p. 365; Michelena, 1977<sup>2</sup>, pp. 238-239, 243, 529-531; Knörr, 1995, pp. 216-218; Trask, 1997, p. 129; González Ollé, 1997, pp. 689-690; Orpustan, 1999, pp. 85-86; Hualde, 1999, pp. 85-88, 100-101, 2003a, p. 63), não vemos que razões objectivas possam ser invocadas com o propósito de rejeitar o reenvio de *garbi* para **carbi(r)**. A viabilidade da indagação etimológica aqui ensaiada permite-nos sugerir, sempre com as devidas ressalvas, a identificação de **aiunicarbir** com uma divindade salutífera, caso não estejamos perante um NP.

ANAIPORA. Moedas. *Anaipora* (localização indeterminada). CNH 400:1.

Desde cedo que manifestámos a nossa concordância quer com a leitura, quer com a interpretação — “la Ipora del Ana” — conferidas por Francisco Villar (1999, p. 701, 2000, pp. 101-102) à presente legenda toponímica (Faria, 1996a, p. 228, 1998b, p. 245, 1998c, p. 124, 2000a, p. 125).

Não obstante, têm vindo, nos últimos anos, a ser veiculadas outras perspectivas, que, por serem baseadas na individualização do pretense NL AIPORA, deverão ser completamente abandonadas (Ripollès, 2005, p. 99, n.º 526; Correa, 2005 [2006], p. 149; Sims-Williams, 2006, pp. 78, 225-226, 230-231, 321; Mora, 2007, p. 149).

**arsbigisdeegiar**. Moedas. **arŕse** (Sagunto, Valência). CNH 304:2, 5.

Num percurso trilhado sem quaisquer tergiversações, que alguns autores têm experimentado certas dificuldades em relatar (Moncunill, 2007a, p. 87, 225, 300; Burillo, 2007<sup>2</sup>, p. 329; Ferrer, 2006 [2008]), p. 154 e n. 100; Silgo, 2007 [2008], p. 17 e n. 1), temos vindo, desde 1994 (Faria, 1994a, p. 66, 1994b, p. 40, n.º 53, 1994c, p. 123, 1995a, p. 80, 1996b, p. 153, 1998b, p. 246, 2000a, pp. 127-128, 2001, pp. 96-97, 2003b, p. 213, 2004a, p. 278, 2007a, pp. 210-211), a sustentar ser esta, e não qualquer outra, a transliteração da mais polémica legenda monetária de **arŕse**, nunca hesitando em isolar na mesma o NP ibérico **arsbigis**. Aliás, ao contrário do que se depreende das palavras de J. Ferrer (2006 [2008], p. 154), não é de agora que vimos sustentando que o sufixo **-cu** jamais se posicionou imediatamente antes de **egiar** (Faria, 1994b, p. 40, n.º 53, 1995a, p. 80, 1998a, p. 238, 2000a, pp. 127-128, 2001, p. 97), postura que ainda vimos defendida há bem poucos anos por Jesús Rodríguez Ramos (2004, pp. 76, 265). Tudo isto foi silenciado quer por Moncunill (2007a, p. 225, 2007b, p. 96), quer por Burillo (2007<sup>2</sup>, p. 329), que, inexplicavelmente, coincidiram em atribuir a Javier Velaza a autoria da correcção de «arŕsakiskuekiar» em «arŕsbigisteekiar».

Resta acrescentar que, num texto onde também se pode ler uma interpretação equivocada das famosas inscrições musivas de La Caridad e *Andelo*, Nathalie Barranton (2006 [2008], p. 165) deu mostras de um completo desconhecimento acerca da existência de **arsbigis**, ao considerar **aiubas** (ou **aidubas**) (CNH 308:31-32; Faria, 2000a, p. 125, 2000b, p. 63) o mais antigo dos magistrados documentados na numária de **arŕse**.

**astebeibas**. Pendente de xisto. Can Gambús (Sabadell, Vallès Occidental, Barcelona). Artigues & al. 2007 [2008], p. 244.

Estamos perante um NP ibérico trimembre, segmentável em **aste-bei-bas**. O primeiro elemento pode ser localizado nos NNP **astebei** (F.6.1), SIR[A]STEIVN < \*sirasteiun/\*sirasteiun (E.R.Ter, 5; Faria, 1997, p. 110, 2000a, p. 123, 2002a, p. 129, 2004a, p. 309, 2005a, p. 274, 2007a, p. 173) e em ASTEDVMA (Corell, 2005, pp. 52-53, n.º 11; Faria, 2005a, p. 274), ao passo que **bei** é reconhecível não só no já citado **astebei** (F.6.1), mas também em **aurunibei** (F.6.1) e em **unibei** (F.9.5), caso não haja que completar estes NNP respectivamente como **astebeice**, **aurunibeice** e **unibeice** (Faria, 1997, p. 110, 2000a, p. 128, 2004a, p. 303, 310). Também **uldibei** (Benages, 1990, pp. 42-43) deverá corroborar a existência de **bei**, a menos que este NP esteja por \*uldi-(i)bei (Faria, 1995b, p. 327). **bas**, por sua vez, faz parte de **aiubas** (ou **aidubas**) (CNH 308:31-32; Faria, 2000a, p. 125, 2000b, p. 63) e eventualmente doutros NNP, que, contudo, pelo facto de figurarem em escrita grega ou latina, podem, em alternativa, ser compostos por **baś** (Velaza, 1992, p. 265 e n. 3). É o caso de Βασπεδ[, NP mencionado numa carta de chumbo grega achada em Ampúrias, que Rodríguez Ramos (2007 [2008], p. 104), obnubilado pela petulância e pela má-fé, não hesita em ler como Βασπεδ[ας], ou (o que é bem mais grave) como Βασπεδας, sem querer saber da existência de soluções alternativas, tal como Βασπεδ[ιν], que ele próprio (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a],

p. 257) chegou a copiar de outros autores, tendo todos eles sido condenados ao habitual silêncio (Velaza, 1992, pp. 265-267; Correa, 1992, p. 266; Pérez Vilatela, 1996-1997, p. 110). Só Luciano Pérez Vilatela (1996-1997, p. 110) chegou a admitir a viabilidade de Βασπεδ[αζ], concedendo-lhe inclusive a primazia sobre as outras hipóteses de restituição que enunciou, sem que, todavia, se aventurasse a caracterizar esta forma como helenização de um NP ibérico. Seria interessante conhecer as razões que levaram Rodríguez Ramos a esquecer-se de Βασπεδ[ιν] e a encarar Βασπεδαζ como a única helenização possível de \**basbetin*, reconstituição que, já o recordámos, foi por ele equacionada a par de \**basbetan* (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 257)...

A bazófia mais uma vez exteriorizada com espanto por Rodríguez Ramos (2007 [2008], p. 104) mascara afinal uma supina ignorância acerca dos processos de adaptação à morfologia nominal grega de NNP alógenos. Com efeito, a gabarolice por ele manifestada contrasta gritantemente com os resultados do estudo que Olivier Masson (1976, pp. 55-57; v. igualmente Masson, 1977, p. 310 e n. 7) dedicou à helenização de NNP líbicos documentados na epigrafia da Cirenaica, no qual o filólogo francês demonstrou sem margem para dúvidas que os nomes em -αν, além de coexistirem com os terminados em -αζ, são bem mais numerosos do que estes últimos. *Mutatis mutandis*, e independentemente da pertinência das outras opções já aventadas na bibliografia supracitada — faltam por completo as provas de que tenha sido \**basbedan* o NP em causa —, não há qualquer razão para privilegiar Βασπεδ[αζ] em detrimento de Βασπεδ[αν].

Seja como for, e voltando ao elemento inicial de Βασπεδ[, continuamos a preferir uma correspondência com **bas**, atendendo à circunstância de **bas** não ocorrer até hoje em idêntica posição nos testemunhos em escrita epicórica (Faria, 2003b, pp. 215-216).

O exíguo conhecimento da língua grega patenteado por Rodríguez Ramos, de que acabámos de dar devida conta, só é comparável à não menos supina ignorância dos rudimentos do latim, que se depreende dessa autêntica aberração linguística por ele fabricada, à qual deu o nome de “duanómina/*duanomina*” (Rodríguez Ramos, 2005a, p. 49, 2005b, p. 30). Efectivamente, o latim de quem inventa e volta a usar *duanomina* (no masculino singular!), de quem fornece *dolias* como plural de *dolium* (Rodríguez Ramos, 2004, p. 285) ou de quem reincide em veicular a expressão *strictu sensu* em vez de *stricto sensu* (Rodríguez Ramos, 2004, p. 285, 2007 [2008], p. 77) não consegue atingir sequer o patamar da mediocridade. Importa, de resto, referir que estas não são as únicas insuficiências linguísticas de quem, como Jesús Rodríguez Ramos, vivendo sob telhados de vidro, se diverte a apedrejar o do vizinho. Atentemos, por exemplo, nos pontapés alegremente dados por Rodríguez Ramos na gramática inglesa: “as well remarked”, “no parallel known case”, “do is”, “its explanation must accept wheter”, “doesn’t allows”, “as well as I stated”, “It’s ordinary that”, “In according with”, “presumed”, “stadistics”, “wheter the presumed” e “dissappear”. Estas constituem algumas das “pérolas” distribuídas por um artigo em que Rodríguez Ramos (2002c [2003c]), além de ter continuado a assumir como seus os resultados das investigações de outrem, confundiu os seus desejos com a realidade ao distorcer interessadamente um dos signos gravados numa legenda monetária — **ařsCitar** — cuja transliteração nunca poderia suscitar quaisquer dúvidas (Faria, 2003b, p. 225). Afastada toda e qualquer responsabilidade da nossa parte, serão os tratos de polé dispensados à língua inglesa por Jesús Rodríguez Ramos (2002c [2003c]) imputáveis aos redactores dos “Beiträge zur Namenforschung”?

BELCILE[...]. Mosaico de *opus Signinum*. *Segobriga* (Cerro de Cabeza del Griego, Saelices, Cuenca). Fita, 1892, pp. 250-251.

Dada a inexistência de qualquer motivo que nos conduza a abdicar da nossa interpretação de BELCILE[...] como latinização do NP ibérico \**belceles* (Faria, 2002a, p. 123, 2003b, p. 216, 2004a,



p. 304, 2005a, p. 285), deixamos aqui consignada aquela que se nos afigura a leitura correcta da totalidade da epígrafe: [.]ESSO[---]L̄OQ[VM]/BELCILE[SISF(*ilius*)A]RTIFEX/AFVNDAME[NTIS FECIT]. Ainda que tal não possa ser inteiramente assegurado, ao NP gravado no início da inscrição deverá faltar apenas a primeira letra. A ser assim, deveremos estar perante o NP [L]ESSO (Hübner, *ad EE VIII*, 1899, 184), conquanto não sejam de excluir como alternativas [D]ESSO (Albertos, 1966, pp. 105-105; Curchin, 1997, p. 266; Abascal, 2002 [2003], p. 17; Prósper, 2005, p. 244; Delamarre, 2007, p. 219) ou mesmo [T]ESSO (García Alonso, 2006 [2007], p. 103; Delamarre, 2007, p. 234). Também [B]ESSO seria uma possibilidade a considerar (DLG, p. 76; Falileyev, 2007, pp. 55-56), mesmo que a pista celta fosse abandonada e o NP em causa derivasse do elemento ibérico **beś** (*\*beśu* <*\*beś-su*) (Faria, 1995b, pp. 326-328, 1997, p. 107, 2000a, pp. 122, 126, 130, 2001, p. 96, 2002a, p. 126, 132, 2003a, pp. 316, 326, 2003b, pp. 215-216, 2005b, p. 166). De qualquer modo, partindo do princípio, por nós aqui adoptado, de que [.]ESSO se encontra no nominativo, a restituição do mesmo NP como [B]ESSVS (Albertos, 1964, p. 229; Gómez Pallarès, 1997, p. 89; Almagro & Abascal, 2008, p. 21, n. 68) não é de todo admissível.

Na eventualidade de o provável patrónimo ibérico ter sido adaptado à flexão nominal latina de tema em -o (García y Bellido, 1955, pp. 15-16; Faria, 2005a, p. 285), a segunda linha restaurar-se-ia do seguinte modo: BELCILE[SI F(*ilius*) A]RTIFEX. Ao invés do que chegámos a sustentar (Faria, 2002a, p. 123, 2003b, p. 216, 2004a, p. 304, 2005a, p. 285), nada indicia que BELCILE[...] esteja por BELCILE[SVS]. Juan Manuel Abascal (1994, p. 35) chegou em tempos a descartar por completo a existência de BELCILESVS, mas, na companhia de outros autores, veio a reabilitá-lo alguns anos depois (Almagro & Abascal, 1999, p. 148; Abascal, Almagro & Cebrián, 2006, p. 190).

Creemos que vale a pena recordar quais os nomes próprios que veiculam — ou são passíveis de veicular — **bel** ou **celes**, elementos participantes de *\*belceles*: BALSIBIL < *\*balcebel* (TSall; Schuchardt, 1909a, p. 242), *belagašikaur* (G.1.1; Faria, 1998a, p. 238, 2004a, p. 304), [B]ELGAVN (TSall; Faria, 2002b, p. 240, 2003b, p. 216, 2004a, p. 304, 2005a, p. 285), BELGONI (dat.) (Gorrochategui, 1984, pp. 315-316, n.º 475; Faria, 2002a, p. 125) (< *\*belgaum?*), BELNES (Chic, 2001, p. 307; Faria, 2003b, p. 216), **belordin** (Fletcher & Silgo, 1991-1993, p. 90; Faria, 1995b, p. 324, 1998a, p. 235, 2002a, p. 125, 2003b, p. 216, 2004a, p. 296), Βέλσινov (Ptol. 2.6.57; Quintero, 1913, p. 94, n. 1) < *\*bel-sin-o*, **belsor** (Untermann, 2002 [2003], pp. 358-360; Faria, 2003a, pp. 317-318, 2007a, p. 213), **belsosin** (F.20.3; Faria, 2002a, p. 125, 2003b, p. 216, 2004a, p. 296, 2007a, p. 214), BELTESONIS (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 162, n.º 83; Faria, 2003b, p. 216), *\*Caribel* < CARIBELO (dat.) (v., no entanto, *infra*, p. 71), L'VNT'IBELSAR (*HEp* 6, 4; Gorrochategui, 1995 [1997], pp. 219-220), LV<N>TIBELSCOTTIO (dat.?: Faria, 1997, p. 108) (*HEp* 6, 3; Gorrochategui, 1995 [1997], pp. 219-220), **tarbelior** (C.2.3; Faria, 1994a, p. 67, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003b, p. 215, 2006, p. 116; Ferrer, 2005 [2006], p. 963), **taneiceles** (C.15.1; Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 269; Faria, 2004a, p. 300), **tarticeles** (Vilà, 1996, p. 296; Faria, 1997, p. 110, 1999a, p. 159, 2002a, p. 123, 125, 2003a, p. 328, 2004a, p. 300, 2007a, pp. 179-180, 2007b, p. 227) e V'NI'BEL (*HEp* 7, 300; Faria, 2002a, p. 125, 2003b, p. 216).

A tentativa de identificar BELCILE[...] com um localício (De Hoz, 2002 [2003], p. 160, n. 5) derivado do suposto NL *\*Belcilum* (Fita, 1892, p. 251), apesar de legítima, deve ser encarada com grandes reservas, já que não existe qualquer indício da sua ocorrência noutras fontes. Em contrapartida, consideramos completamente abusiva a transmutação de BELCILE[...] em BELCIDE[...] ou BELGIDE[...] com o único propósito de acomodar o testemunho epigráfico a um NL já conhecido (Hübner, *ad EE VIII*, 1899, 184; Quintero, 1913, p. 94; Curchin, 1997, p. 262 e n. 17).



**bersif**. Pendente de xisto. Can Gambús (Sabadell, Vallès Occidental, Barcelona). Artigues & al. 2007 [2008], p. 243.

Não podemos deixar de estranhar que aos primeiros editores desta interessante peça arqueológica tenha escapado a circunstância de se conhecer há muito tempo o NP ibérico **bersif** (Faria, 1990-1991, pp. 77, 79, 1991a, pp. 190, 194-195, 1994a, pp. 67, 69, 1995a, p. 80, 1995b, p. 326, 2001, p. 99, 2002a, p. 125, 2007a, p. 212), que, pese embora o uso do outro signo de sibilante, é evidentemente passível de ser cotejado com **bersif**. Não estamos em condições de concluir que o NP mencionado no pendente de Can Gambús, por ser mais recente, configura uma forma evolucionada de **bersif**; nem sequer é possível assegurar, tão-pouco, que aquele constitui uma variante diatópica deste último.

A despeito da convicção evidenciada por Artigues & al. (2007 [2008], p. 243), a divisão de **bersif** em **ber-sif** não está completamente demonstrada, podendo, em alternativa, o mesmo NP segmentar-se em **bers-if**, caso seja **bers-a** a segmentação apropriada de **bersa** (Faria, 2005a, p. 278), NL ibérico que designa uma ceca de localização indeterminada (CNH 439:1-2; v. *infra*, p. 74).

BHTARRATIC. Moedas. \**Betarra* (Béziers, Hérault). RIG IV 70.

A observância da hierarquização dos critérios de fiabilidade a conceder às diversas fontes transmissoras de NNL antigos, tal como foi judiciosamente definida por Correa (2002 [2003], p. 134) para a toponímia pré-romana da Bética, obriga-nos a privilegiar o testemunho veiculado pela numismática, que constitui, de resto, a fonte mais antiga (Chalon & Florençon, 2002, p. 162), em prejuízo das grafias que nos chegaram deste NL através de Plínio (*nat.* 3.4.36, 14.8.68: *Baeterrae*), Estrabão (*Geog.* 4.1.6: Βαιτέρρα) e Mela (2.75, 2.80: *Beterrae*). Talvez influenciado por estes três autores clássicos, os únicos invocados por Ledo Caballero (1999, p. 337) na abordagem ao presente NL, o professor Untermann (1992a, p. 24), imitado por Gailledrat (1997, p. 45), veiculou uma lição errónea – BHTERRATIS – da legenda objecto da presente entrada. A marginalização a que a legenda monetária foi votada permitiu que vários investigadores (Schuchardt, 1909b, p. 466; Untermann, 1992a, p. 24; Pérez Vilatela, 2000, pp. 242, 243; De Hoz, 2005, p. 183) se baseassem em *Baeterrae* (nom. pl.) (Chalon & Florençon, 2002, p. 162) com vista a analisar os respectivos componentes. Untermann, ao assumir este pressuposto, entrou em aparente contradição com o que preceituava uns anos antes, na mesma altura em que, numa simplificação ilegítima, asseverava que a legenda monetária objecto destas linhas não era mais do que o NL “*Betarra* em letra grega” (Untermann, 1999, p. 187). Ora, tanto quanto nos é dado perceber, nem *Baeterrae* nem *Beterri* (Pérez Orozco, 2007, p. 101) podem provir de \**Betarra*, a menos que a vogal constante da segunda sílaba da legenda monetária não seja etimologicamente motivada e testemunhe a alteração vocálica que De Bernardo Stempel (2006 [2007], p. 53, n. 62) descreveu como “lowering from *e* to *a* before *r*” a propósito de **neroncen** ~ *Narbo* (v. *infra*, s.u. **seloncen**). Além de vigorar na alternância **tarmes** ~ *Termes* (Jordán, 2008, p. 123), vamos encontrar este mesmo fenómeno fonético, caracterizado por J. N. Adams (2007, p. 609) como “[o]pening of *e* to *a* before *r*”, no latim da Grã-Bretanha, decerto por influxo do substrato celta britânico.

Na perspectiva de Untermann (1992a, p. 24), adoptada sem hesitações por Antonio Ledo (1999, p. 337), o NL em causa assenta na raiz *Baet-* sufixada por *-erra*, sendo esta a mesma segmentação que já alvitrava Schuchardt (1909b, p. 466). Convém, no entanto, ter em atenção que <η> figura nas inscrições galo-gregas sistematicamente como variante de <ε> (RIG I, pp. 442-443; Mullen, 2008, p. 256 e n. 58), pelo que, tal como seria de esperar, a primeira vogal de BHTARRATIC não pode corresponder ao ditongo /aj/. Decorre desta observação que deveremos encarar BHTARRATIC como um adjectivo étnico gaulês (nom. sg.) (Lambert, *apud* Chalon & Florençon, 2002, p. 162), formado pelo NL ibérico \**Betarra* e pelo sufixo (sg.) *-ati-* (Degavre, 1998, p. 64; Lam-

bert, 2003<sup>2</sup>, pp. 35, 87, 184). Há que isolar em *\*Betarra* o sufixo toponímico ibérico *-a*, que detectámos em **bersa**, **etogísa**, EGARA, **ildicira** e Λάσσιρα/*\*Lessera* < *\*lesira* (*\*lasira*) (Faria, 2000a, p. 132, 2003a, p. 314, 2004a, p. 283, 2005a, p. 277). A menos que *\*Betarra* resulte da composição de *bedi-arr-a*, *\*begi-arr-a*, *\*bebe-arr-a* ou *\*behi-arr-a* (v. *infra*, p. 67), **isbetarticef** (F.11.3) conforma o único nome próprio ibérico passível de ser cotejado com a base do NL em questão; importa, todavia, frisar a existência de alternativas a **is-betar-ticef**, a segmentação ora perfilhada (v. *infra*, p. 75).

Teremos, por conseguinte, de concluir que, ao reconhecermos o primado da legenda BHTARRATIC – gravada em moedas datáveis, o mais tardar, da primeira metade do século I a.C. – na transmissão de *\*Betarra*, estamos a invalidar por completo quase todas as versões do NL veiculadas pelos autores clássicos alto-imperiais, que comportam na primeira sílaba a representação gráfica do ditongo /aj/. Só se nos basearmos exclusivamente nestas últimas, poderemos encarar *\*Baitarra* como NL primigénio. Nesta perspectiva, inviabilizada pela legenda monetária gaulesa, que constitui a fonte mais fidedigna, a segmentação adequada de *\*Baitarra* deveria ser *\*bai-tar-a*, mais um NL que deveria ser acrescentado a uma extensa série de nomes próprios paleobascos/ibéricos compostos pela raiz *bai* ‘rio’ (Orpustan, 1987, p. 61, 2000a, p. 109, 2006, p. 26) ou dela derivados por sufixação. Contudo, é de admitir que *\*Baitarra* não passe de uma hipercorreção, a exemplo do que terá sucedido com outro NL ibérico, **eño**, que surge irregularmente latinizado em *Aeso* (Mariner, 1972, p. 295; Faria, 2007a, p. 180).

BETATVN. Cipo de calcário. Arredores de Fuerte del Rey (Jaén). Corzo & al., 2007 [2008], *passim*.

Corzo & al. (2007 [2008], p. 255) acham possível, sem trazerem à colação quaisquer paralelos para a síncope, em posição intervocálica, da nasal alveolar em ibero, que BETATVN “contenga las palabras ibéricas *betun* [sic] y *atun*” (*\*betun*, apesar da ocorrer por duas vezes na mesma linha, é gralha óbvia). Nem mesmo a fonologia do paleobasco poderia servir de sustentáculo à (inexistente) argumentação dos autores do artigo com vista a justificar a queda do /n/ intervocálico, já que o reenvio de *bai* ‘rio’ (Orpustan, 1987, p. 61, 2000a, p. 109, 2006, p. 26) para *\*bani* seria quase tão improcedente como procurar em *\*urbani* a génese de *ibai* (Faria, 2002b, p. 237; *contra*, Lakarra, 2002a, p. 434, 2002b, p. 419, 2004, p. 67), a menos, é claro, que *bai* e *ibai* apresentem distintas etimologias. Seja como for, não há provas de que a perda do /n/ intervocálico tenha ocorrido em basco antes do século X (Michelena, 1977<sup>2</sup>, p. 302; Trask, 1997, p. 139). Além do mais, Corzo & al. (2007 [2008], p. 255) eludiram o facto de **betan** ocorrer uma só vez, e em posição final, especificamente no NP **turgosbetan** (Sanmartí, 1988, p. 100; Ferrer, 2005 [2006], p. 962, 2006 [2008], p. 140), o que levou Ferrer (2005 [2006], p. 963, n. 33) a encarar aquele elemento, testemunhado, talvez não por acaso, no Sudoeste da Gália, como provável variante dialectal de **bedan**. Deste modo, consideradas as fragilidades de que padece a interpretação formulada por Corzo & al. (2007 [2008], p. 255), parece-nos inteiramente legítima a tentativa de proceder a uma distinta análise morfológica do ND em questão. Assim sendo, vimos propor que BETATVN possa configurar o resultado da combinação lexical de **begi** e **atun**. Esta nossa sugestão assenta na observância da seguinte regra morfofonológica que alegadamente só teria tido aplicação no chamado basco comum (Lakarra, 2002a, p. 427): “[i]f, after deletion of the final vowel, the final consonant is *-d* or *-g*, it is replaced by *-t* (...)” (Hualde, 2003a, p. 58). É esta a regra que se verifica em diversos compostos documentados em basco a partir da Idade Média, designadamente em *betagin* < *\*begi-agin*, *betazal* < *\*begi-azal*, *betile* < *\*begi-ile*, *betondo* < *\*begi-ondo* e *vetiturri* < *\*begi-iturri* (Schuchardt, 1907, p. 63; Azkue, 1920, p. 171; Bähr, 1948, p. 175; Uhlenbeck, 1949, p. 109; Michelena, 1977<sup>2</sup>, pp. 71, 112, 222, 237, 249, 1997<sup>5</sup>, p. 28; Trask, 1997, p. 186, 2008, p. 40; Orpustan, 1999, pp. 95-96; Hualde, 2003a, p. 58, 2003b, p. 354; Jauregi, 2007,

p. 531). Nesta conformidade, poderemos trazer à colação como *comparanda* para o componente inicial o NP **begibilos** (Faria, 1995a, p. 80, 2003a, p. 317) e o ND LACVBEGI (dat.) (IRMN 34) < \**Lacubegis* < ib./pb. \**lacubegi* (Iraburu, 1975, p. 85). A cabeça de bovídeo (Gorrochategui, 1995 [1997], p. 225: “cabeza de vacuno”; *contra*, Canto, 1997, p. 37: “cabezas de toro”) esculpida na ara votiva de Ujué deixa entrever que, ao menos em LACVBEGI (dat.), ‘vaca’ será a tradução mais provável para BEGI (> *behi*) (Iraburu, 1975, p. 85; Gorrochategui, 1995 [1997], p. 225; Salaberri, 2006, p. 700). Não pode, no entanto, ser teoricamente rejeitada a hipótese de, em alternativa a **begi**, o primeiro elemento de BETATVN ter sido **bedi**, testemunhado quer no NF **bedicum** (Faria, 1997, p. 107), quer nos NNP bimembres **beleśbedi** (C.4.1) e **biurbedi** (B.8.20; Ferrer, 2006 [2008], p. 155, n. 101), mas, nestes dois casos, apenas em posição final, o que não deixa de representar um óbice à nossa hipótese. Seja como for, também este formante estaria em condições de revestir a forma composicional *bet-*, de acordo com a supracitada regra morfofonológica aplicada à construção de determinados compostos bascos. De resto, às consoantes finais que dão lugar a *-t* depois da supressão da vogal que lhes sucedia deve adicionar-se *-h* (Michelena, 1977<sup>2</sup>, p. 222, 1997<sup>5</sup>, p. 28). Não é certo, porém, que *behi* certifique, desde 1025, o cumprimento desta regra em *Betolhazaha* (Michelena, 1997<sup>5</sup>, p. 69, n.ºs 144 e 485; Trask, 2008, p. 133), pois este NL poderá incluir *begi* na sua composição, numa fase prévia à substituição de <g> por <h>. Tudo isto, claro, partindo da hipótese de que *behi* corresponde a uma fase intermédia, à qual se seguirá *bei*, da evolução fonológica de *begi* ‘vaca’ (Iraburu, 1975, p. 85). De qualquer modo, só nos deparamos com o último estágio da evolução — *beia*, *beya* — a partir de 1154 (Arzamendi, 1985, p. 163). Já a seriação cronológica da documentação disponível impede-nos de acolher a evolução propugnada por Salaberri (2006, p. 700) para o mesmo vocábulo: BEGI < *behi*. No pressuposto de que é o processo morfofonológico acima descrito que ocorre em BETATVN, forçoso se torna pesquisar, no âmbito da onomástica paleobasca/ibérica, outros eventuais exemplos do mesmo tipo de construção de compostos. Assim, a BETATVN poderíamos juntar, sempre com as reservas que se impõem nestas situações, os NNP Βεταλδι (Fletcher & Silgo, 1991, p. 5; Faria, 2004a, p. 305) < \**bedi-aldi*, \**begi-aldi*, \**bebe-aldi*, \**behi-aldi*, **bitarfs** (F.20.1) < \**bigi-arís*, \**bibi-arís*, além do localício BHTARRATIC (RIG IV 70) < \**Betarra* < \**bedi-arr-a*, \**begi-arr-a*, \**bebe-arr-a*, \**behi-arr-a* e do NL Βιτουρις (Ptol. 2.6.66) < \**bigi-uri*, \**bibi-uri*.

Como alternativa à análise acima enunciada, caberia isolar em BETATVN um cognado do advérbio basco *beti* ‘sempre’ (Trask, 2008, p. 137), lexema cuja inclusão num ND teria toda a pertinência; a relação de BET- com *bete* ‘cheio’ (Trask, 2008, p. 137) seria também uma hipótese a considerar.

Passando agora à segunda parte do nosso ND, a par da evocação dos nomes próprios que contêm **atun** (Corzo & al., 2007 [2008], pp. 255-256), não seria despropositado o cotejo do segundo elemento de BETATVN com o ND latinizado AITVNEO (dat.) < \**Aituneus* < \**aitun* < **atun** (< \**ata-un?*), mencionado numa inscrição, entretanto desaparecida, achada em Araia (Álava) (Albertos, 1970, pp. 156-157). Não cremos, por conseguinte, que a semivogal observável em AITVNEO, ND que, para Villar (2005, p. 502), carece de uma ascendência linguística concreta, seja possuidora de uma motivação etimológica e corresponda ao segundo elemento de um ditongo original, não sendo raros os lexemas bascos que exibem ditongos decrescentes de carácter secundário (Michelena, 1977<sup>2</sup>, pp. 159, 218, n. 31; Trask, 1997, pp. 154, 170). É nossa convicção que \**aitun-* está na génese de *Aizu*, *Azu* e *Axu* (Cierbide, 1996, p. 123, 124, 2005, p. 23), que surge atestado a partir do século XI em zonas vascófonas do Nordeste peninsular. O dito lexema, nas suas versões medievais, pode corresponder a um NP simples (*Aizo*) ou figurar em composição, por exemplo em *Azubel*/*Azubele*/*Axubele*/*Axubeli* e em *Azubeliz*/*Axubeliz*/*Axubeleiz*, o patronímico correspondente (Cierbide, 1996, p. 123, 124, 2005, p. 23; Irigoyen, 1990, p. 48, n. 107, 1997, p. 401), além de servir de base derivacional aos NNL *Aizoain* (Belasko, 1999<sup>2</sup>, pp. 53-54; Ramírez, 2002, p. 41) e *Azoz* (Belasko, 1999<sup>2</sup>, p. 115). Este, conhecido a partir do século

XIII sob as formas *Açoiz*, *Açotz* e *Açoz*, compõe-se de *Azu* + suf. toponímico *-otz/-ots*. O sufixo em questão configura a provável evolução do genitivo de NNP de tema em *-n* (Caro Baroja, 1945, pp. 110-112; Ramírez, 1987, pp. 565, 571; Irigoyen, 1990, pp. 65-70; Belasko, 1999<sup>2</sup>, p. 472; Iglesias, 2002, pp. 131-132), e não em *-o*, como escrevemos por lapso (Faria, 2002b, p. 236).

A palatização da sibilante, decorrente da simplificação do ditongo (Michelena, 1977<sup>2</sup>, pp. 185-183; Trask, 2008, p. 30), que se detecta em certas variantes de *Azu* (*Achu*, *Aju*, *Atxu*, *Axu* e *Achu*), encontra um paralelo perfeito em *Acha* < *Aita*, *Echa* < *Eita* < *Aita* e em *Exo* < *\*Eito* < *Eita* (Menéndez Pidal, 1952, pp. 223-231; Michelena, 1977<sup>2</sup>, pp. 103, 186, 1997<sup>5</sup>, p. 41, n.º 20; Gorrochategui, 1984, p. 148; Arzamendi, 1985, pp. 90-91; Cierbide, 1996, p. 125; Orpustan, 1999, p. 64). É certo que *Azu* não evidencia quaisquer traços de palatização, mas não é menos verdade que David Peterson (2005, p. 125, n. 216) forneceu há pouco tempo dois inquestionáveis exemplos, datáveis da primeira metade do século XI, respeitantes a um mesmo patrónimo — *Ozoiz* e *Uzoiz* —, do emprego de <z> na representação da sibilante africada palatal surda. De qualquer modo, independentemente da influência exercida pela localização da vogal anterior antes da dental surda, talvez haja que dar razão a Cierbide (1996, p. 124) e a Irigoyen (1997, p. 401) quando consideram *Achu* e *Axu* formações dotadas de palatização expressiva, ou seja, construções hipocorísticas baseadas em *Aizo* ou *Azu*. Resta-nos acrescentar que, não sendo, em bom rigor, possível definir a evolução fonética do elemento/NP que nos ocupa — *Achu*, *Axu* < *Azu* < *Aizu* < *\*aitun* < **atun** ou, pelo contrário, *Achu*, *Axu* < *Aizu* < *Azu* < *\*aitun* < **atun** —, é um tanto indiferente que o NL navarro *Aizoain*, acima mencionado, remeta para *Aizo* (Belasko, 1999<sup>2</sup>, p. 53-54) ou para *Azu* (Ramírez, 2002, p. 41).

Tanto quanto sabemos, coube a Alfonso Irigoyen a única tentativa de encontrar uma origem linguística para o formante onomástico *Azu*. Irigoyen (1990, p. 48, n. 107, 1997, p. 401) considerava *Azu* (e variantes) o resultado da assibilação do NP latino *Attius*. No entanto, dificilmente se afiguraria aceitável que, caso fosse esta a sua proveniência linguística, o mesmo comparecesse no NP *Azubel/Azubele/Axubele/Axubeli*, numa combinação com *bel* ‘escuro, negro’ (Michelena, 1997<sup>5</sup>, p. 69, n.º 145) ou, segundo o parecer de Cierbide (1996, p. 124, 2005, p. 23), com *bele* ‘corvo’ (Michelena, 1997<sup>5</sup>, p. 69, n.º 147), ambos os lexemas de indiscutível filiação paleobasca/ibérica. Além do mais, Irigoyen deixou por explicar as razões da popularidade de um NP derivado de *At(t)ius* no Nordeste, em contraste com a sua ausência noutras áreas da Península Ibérica em época medieval. De resto, todos os *A(t)tii*, sejam eles de extracção indígena ou latina, mencionados na epigrafia da época romana, procedem de regiões razoavelmente distantes do quadrante nordeste da Península, merecendo especial referência, pela sua abundância, os que se conhecem na Lusitânia e na Bética (Abascal, 1994, pp. 289-290; Vallejo Ruiz, 2005, pp. 189-194).

Ao finalizar o presente verbete, cabe-nos reconhecer que a nossa exegese de BETATVN carece de confirmação futura. De qualquer modo, acreditamos que a exposição da mesma se encontra plenamente justificada, porquanto julgamos ter demonstrado que a única abordagem linguística ao ND em apreço até hoje publicada estava longe de ser exaustiva.

**bolścen.** Moedas. *\*Bolšce* (Huesca). CNH 211:1-15.

Como é sabido, a leitura por nós adoptada (Faria, 2003b, pp. 218-219, 2004b, p. 178, 2005a, pp. 275-277, 2005c, p. 632) foi proposta há alguns anos por Rodríguez Ramos (2000, pp. 44, 45, n. 6, 53), num artigo que veio pôr fim à unanimidade existente em torno da transliteração **bolścän**.

Carlos Jordán Cólera (2008, pp. 123-129), a exemplo do que sucedeu no passado recente (Jordán, 2004, pp. 205-207), decidiu prescindir da numerosa literatura produzida em torno dos problemas epigráfico-linguísticos levantados pela legenda em causa. Grande parte daquela, exceptuando dois textos de Miquel Dolç (1951, 1955), já tinha sido por nós reunida em três artigos redigidos há alguns

anos (Faria, 2003b, pp. 218-219, 2004b, p. 178, 2005a, pp. 275-277), também eles contornados por Jordán, a despeito de, por exemplo, este autor fazer agora corresponder **auśescen** a AVSETANORVM [Faria, 2005a, p. 276], e não a AVSETANI [Jordán, 2004, p. 207]. Já a omissão dos trabalhos de M. Dolç (1951, 1955) sobre a mesma matéria parece ter sido involuntária. Seja como for, no mais recente de ambos, cuja existência é ignorada no texto dedicado por Álvaro Galmés de Fuentes (2000, pp. 131-133) ao dito NL, um dos raros trabalhos cuja leitura C. Jordán (2008, p. 124) entendeu aconselhar, Dolç (1955, pp. 19-21) já havia relacionado a raiz do localício *\*Boletanus* < BOLETANO (dat.) (CIL II Suppl. 5845) com **bolścan** – largas décadas antes do nosso texto de 2003, no qual, precedendo o professor Jordán, ensaiámos similar aproximação. Coube também a Miquel Dolç, na senda traçada por Caro Baroja (1947/1988<sup>3</sup>, p. 152), cotejar este NL com os *Volciani* (Dolç, 1951, p. 160), deixando bem claro, alguns anos depois, que o genitivo plural expectável de *\*Boletani* é *\*Boletanorum* (Dolç, 1955, p. 19; v., no mesmo sentido, Faria, 2005a, p. 276), e não *\*Boletanum*, tal como parece preconizar C. Jordán (2008, p. 127). Mas este é um engano menor, não mais relevante do que insistir em apresentar “de los de Sedeis” como tradução de **sedeiscen** (Jordán, 2004, p. 207, 2008, p. 125; o mesmo equívoco em Pérez Almaguera, 2008, p. 61) ou asseverar que “en el signario paleohispánico ibérico nord-oriental y en el celtibérico la **o** se representa con dos trazos horizontales rectos y uno vertical” (Jordán, 2008, p. 125). Cremos que mais importante é a circunstância de o professor Carlos Jordán ainda não ter conseguido, na nossa perspectiva, demonstrar a equiparação, por nós questionada (Faria, 2003b, p. 219), entre **bolścan** e *\*Boletanorum*. Mantemos, por conseguinte, na íntegra a objecção que colocámos à viabilidade de uma tal correspondência (Faria, 2005a, p. 276):

Admitindo [...] que *\*Laeetanorum* < LAEETANI (K/J-31, p. 97) corresponde, em ibérico, a **laieścen** (Jordán Cólera, 2004, p. 207), *\*Boletanorum* < *\*Boletani* deverá remeter para *\*boleścen* (Faria, 2003a[b], p. 219); de outro modo, a derivação expectável de **bolścan** seria *\*Boltanorum* < *\*Boltani*, e não *\*Boletanorum* < *\*Boletani*.

Sem colocarmos em causa a validade da equação *\*Laeetanorum* ~ **laieścen** (Jordán, 2004, p. 207, 2008, p. 126) (conquanto desconheçamos o NL de que deriva o NE LAEETANI) como paralelo para *\*Boletanorum* ~ *\*boleścen* (e não **bolścan**), a verdade é que Jordán (2004, p. 207, 2008, p. 126) se esqueceu de assinalar a consequência resultante do facto de o NL subjacente a **otobeścen** ter sido *\*otobés*/*\*otobesa* (Faria, 1995b, pp. 327, 328, 2000a, p. 126, 2003a, p. 326, 2005a, p. 278), tal como se depreende do localício OTOBESANVS (CIL II<sup>2</sup>/14(1) 145, etc.). Assim, à luz deste testemunho, que comprova uma evolução fonética diferente da que foi objecto o NE LAEETANI < *\*Laeetanorum* < **laieścen**, *\*boleścen* poderia ter derivado do NL *\*boleś* ou *\*boleśa*.

Seja como for, persistimos em advogar a coexistência de dois NNL identificadores de outras tantas cidades contíguas – *\*Boletum*/*\*Boleta* < *\*bole* e OSCA < (*\*olśce* <) *\*bolśce* < *\*boleśce* – formados a partir da mesma raiz (*\*bol*) (Faria, 2003b, p. 219, 2005a, p. 276). Muito nos surpreenderia, por conseguinte, que a evidente afinidade entre os NNL *\*bolśce* e OSCA não fosse mais do que uma “mera coincidência” (Quintanilla, 1998, p. 269).

Resta saber por que motivo não há em OSCA quaisquer vestígios da oclusiva inicial presente em **bolścan**. Cremos que a melhor explicação para este facto reside na interferência ou na contaminação por “etimologia popular” do NE itálico *Osci* (Untermann, 1964, p. 103 e n. 47; Corominas, 1972, p. 273; García Alonso, 2003, p. 401 e n. 69; García Sánchez, 2007, p. 35).

A não ser que a legenda **olścen** (CNH 211:7; Faria, 2003b, p. 219, 2005a, p. 276) esteja efectivamente documentada (*contra*, Untermann, 1964, pp. 103, 127, n. 147, *MLH* I 1, pp. 246, 247; Jordán, 2008, p. 125), bem menos provável é que OSCA testemunhe a aférese de /b/ antes de vogal posterior, já

que assim ficaria por explicar a não-ocorrência da mesma alteração fonética em *\*Boletum*/*\*Boleta* < *\*bole*. Seja como for, convém não perder de vista que a supracitada aférese constitui um metaplasmo bem conhecido em (paleo)basco (Uhlenbeck, 1910, p. 92; Gavel, 1921, pp. 329-330; Michelena, 1977<sup>2</sup>, pp. 253 e n. 48, 531-532; Mariner, 1972, p. 295; Gorrochategui, 1984, p. 187; Quintanilla, 1998, pp. 269-270; Faria, 2002a, pp. 124, 138, 2003b, pp. 218-219; Ferrer, 2006 [2008], p. 152 e n. 79, 2007 [2008], p. 69, n. 44; Pérez Orozco, 2007, p. 104). Lembremos, a título de presumível *comparandum*, o NP *QLSAILACOS* (G.12.4), que admite, entre outras, as seguintes segmentações: *\*olś-sair-acos*, *\*olś-sail-acos* e *\*olś-śail-acos* (Faria, 2007a, p. 175). Nada obsta a que *QLSAILACOS* resulte, por aférese, de *\*bolsailacos*.

De qualquer modo, tenha, ou não, ocorrido a aférese da oclusiva labial, pode ser excluída com alguma segurança a individualização de um prefixo *b-* em **bolścen** (Villar, 2002, pp. 185-186, 2005, p. 468), aventada há várias décadas por Untermann (*MLH I* 1, p. 247), e retomada bem mais tarde pelo próprio (Untermann, 1995, p. 309), assim como por outros autores (De Hoz, 1995b, p. 275; Adams, 2007, p. 406, n. 179). Do mesmo modo, a detecção de um infixos *-l-* em **bolścen** (Casares, 1945, p. 26; Villar, 2002, p. 186, 2005, p. 468) é passível de ser descartada por falta de fundamento (Dolç, 1951, pp. 157-158; Correa, 2004 [2005], p. 17).

Carlos Jordán (2008, p. 129) não aduz um só indício de que “[e]l topónimo OSCA no tiene nada que ver etimológicamente con el de **bolśken**”. Já Menéndez Pidal (1960, pp. lxxiii-lxxvi) havia tentado sem êxito dissociar **bolścan** de OSCA, conferindo uma matriz ibérica ao primeiro e latina ao segundo. Assim sendo, do nosso ponto de vista, apresenta-se bem mais sensata a postura tradicional, exemplificada na recente declaração de J. N. Adams (2007, p. 406, n. 179) sobre este tema: “[t]he place name is likely to be a Latinisation of an Iberian name”. Apesar de Adams ignorar a transliteração alvitrada por Rodríguez Ramos, a legitimidade desta asserção mantém-se por completo, não correspondendo de maneira nenhuma à realidade que a adopção da transliteração **bolścen** < *\*bolśce* (Faria, 2003b, pp. 218-219, 2004b, p. 178) elimine “la consistente relación entre la leyenda **bolśkan** y el nombre de la ciudad en su versión latina, *Oscá* (...)” (Gorrochategui, 2006, p. 125). Com efeito, nem Gorrochategui nem Pérez Almoquera (2008, p. 62) se deram conta de que a alteração morfológica da vogal final de *\*bolśce* em lat. *-a* nada tem de excepcional (Untermann, *MLH I* 1, pp. 73, 80, 1995, p. 309; Faria, 1995b, p. 324).

Como é óbvio, não conseguimos entender como poderá a invocação de **oścuYcen**/**oścucen** (*CNH* 197:1-2) e de *Oscá* (Plin. *nat.* 3.10), a que poderíamos adicionar *Oscua* (Plin. *nat.* 3.10), **osciciri** (Campmajó & Untermann, 1993, pp. 514-515; Faria, 2004b, p. 180, 2007a, p. 176), *OSCITARIS* (nom./gen.) (Gorrochategui, 1984, p. 250, n.º 278) e *Oscidates* (Plin. *nat.* 4.108), servir para autenticar OSCA como forma primitiva do NL, de que **bolśkan** constituiria a versão iberizada, ou, ainda menos, para sustentar uma génese indo-europeia do mesmo, tal como pretende o professor Villar (2000, p. 302, 2005, pp. 468-469). Eventualmente, estes testemunhos poderiam lançar algumas dúvidas sobre a proveniência linguística de OSCA (Quintanilla, 1998, p. 269), se não se desse o caso de a legenda **bolścen** preceder o mencionado NL, passando este a ser usado após um período sem cunhagens, que durou umas quatro décadas.

Contrariando a notícia de que dispúnhamos (Faria, 2005a, p. 275), importa referir que a interpretação como sufixo de locativo, há poucos anos questionada por Correa (2004 [2005], p. 17), do <**n**> com que encerra a legenda monetária **bolścen** (outrora **bolścan**), cuja prioridade julgávamos caber a J. Caro Baroja (1947/1988<sup>3</sup>, p. 159), havia sido previamente formulada por J. Vallejo Sánchez (1946a, pp. lii-liii).

Vale a pena assinalar, por último, que a analogia encontrada por Curchin (2008, p. 18) entre **bolścen** e **bolśco** (C.4.1) é improcedente, considerando que a adequada transliteração deste NP passou há poucos anos a ser **talsco** (Ferrer, 2005 [2006], p. 962).



**CARIBELO** (dat.). Bloco de arenito. *Ercauica* (Castro de Santaver, Cañaveruelas, Cuenca). Rodríguez Colmenero, 1983, pp. 329-330.

A presente inscrição consiste, muito provavelmente, numa dedicatória a uma divindade, mas não pode ser descartada a hipótese de *\*Caribelus* corresponder a um NP (Rodríguez Colmenero, 1983, pp. 329-330). Seja como for, muito embora esteja ausente do inventário recentemente elaborado por Delamarre (2007), *\*Caribelus* é um nome cujos componentes encontram diversos paralelos na onomástica pessoal celta (Evans, 1967, pp. 162-166, 326-327; Delamarre, 2007, pp. 213, 215).

Talvez valha a pena, contudo, não descartar por completo a hipótese de *\*Caribelus* ser reconduzível ao ibero. Se partirmos, pois, deste pressuposto, teremos de concluir que a forma indígena de *\*Caribelus* teria sido *\*Caribel* ou, mais remotamente, *\*Caribeleś*. Se acerca de *bel(és)* não há nada de novo a dizer (Faria, 2003b, p. 216), o mesmo não se passa com *cari*, que podemos isolar nos seguintes NNP: **carilos** (Correa, 1989, pp. 183-189; De Hoz, 1994, pp. 170-171), **carinabar** (Gómez-Moreno, 1949, p. 307) — caso seja esta, e não **Cirinabar** (Faria, 2004b, p. 180), a lição correcta — *Garico*, *Garinno*, *Garino*, *Gariso*, *Garisso*, *\*Garito*, *Garitto* e *Garixo* (Caro Baroja, 1945, p. 72; Michelena, 1997<sup>5</sup>, pp. 46, n.º 47, 132, n.º 463; Salaberri, 2000, pp. 119, 130-131; Ramírez, 2002, p. 42). Importa, no entanto, contemplar a eventualidade de os últimos oito NNP acima arrolados, que figuram em textos medievais, exibirem a alteração da lateral intervocálica para vibrante, típica da fonologia basca (Peterson, 2005, p. 270). Deste modo, estaríamos na presença de mais alguns NNP detentores do componente paleobasco/ibérico *cali/gali*, encarado como celta por B. Prósper (2005, pp. 176-177), que foi objecto da nossa atenção em artigos prévios (Faria, 2007a, p. 168, 2007b, p. 212). Por outro lado, *Garinno* e *Garino* poderão configurar o resultado da evolução basca do NP *Galindus/Galindo*, aparentemente de filiação germânica (Michelena, 1997<sup>5</sup>, p. 39, n.º 18; Fort, 1992, p. 973; Cierbide, 1996, p. 129; González Ollé, 1997, pp. 660, 695; *contra*, Orpustan, 2006, p. 215).

Ao darmos por finda a presente entrada, é indispensável sublinhar que a circunstância de a epígrafe dedicada a *\*Caribelus* foi recuperada na cidade de *Ercauica*. Apesar de ser romana no planeamento e na construção, a cidade supracitada sucedeu a um núcleo populacional de idêntica denominação, de matriz provavelmente celta (García Alonzo, 2003, pp. 336-337), localizado nas imediações, em La Muela (Alcocer, Guadalajara) (Lorrio, 2001, *passim*). A filiação linguística do NL em apreço reforça as probabilidades, acima expressas, de *\*Caribelus* constituir um nome celta, em detrimento da sua consideração como ibérico ou, genericamente, como não-indo-europeu.

**CefeCes**. Placa de xisto. Ampúrias (La Escala, Gerona). Aquilué & Velaza, 2001 [2002], pp. 281-282; *HEp* 11, 264.

Não vamos repetir aqui tudo o que expusemos há pouco tempo a respeito deste presumível NP ibérico (Faria, 2007a, pp. 169-170). Nesta ocasião, cabe-nos, tão-somente, aduzir mais um NP que comporta **Cefe** como elemento inicial: trata-se de **Cef[e]jiscar** (Ferrer, 2006 [2008], p. 142).

Ao trazermos à colação o NP CERECO (Gorrochategui, 2003 [2004], p. 31) < *\*cereco*/*\*ceéco* e o NE *Ceretani* < *\*cere*/*\*ceé* (Untermann, 1992b, p. 31, 1998, p. 81), não podemos deixar de questionar a convicção com que Joan Ferrer (2006 [2008], p. 142) postula a transliteração **gefe**, elemento até hoje por documentar (Faria, 2007a, p. 169), em detrimento de **Cefe**, que estimamos mais prudente. Também em sentido diverso daquele que é adoptado por Ferrer concorrem os seguintes NNP, que finalizam com **cefe** ou **cere** (Faria, 2007a, p. 169): **ABARCERIVS** < *\*abarcerere*/*\*abarceré* (Faria, 1995a, p. 79), **tofsincere** (Untermann, 1991-1993, p. 100) e **urcecere** (F.6.1).

Um dos NNP que Ferrer (2006 [2008], p. 142) não recolheu, talvez por considerá-lo supérfluo na sua argumentação, foi **Βασιγερος** < *\*basigere* (Correa, 1992, pp. 266-267; De Hoz, 1993, p. 158; Faria, 1999a, p. 154, 2000b, p. 62). Cremos, porém, que nunca é demais lembrá-lo, aten-



dendo à extraordinária capacidade de sobrevivência que o espúrio \*Βασιγγερος vem evidenciando (Ballester, 2005 [2006], p. 365, 2008a, p. 82).

Falta-nos ainda manifestar a nossa discordância com Ferrer na transliteração de um outro *comparandum*, **aurgere** (C.1.9) (Faria, 2007a, pp. 169-170), que este investigador, na esteira de Untermann (*MLH* III 2, p. 30), preteriu em favor de **biurgere** (Ferrer, 2006 [2008], p. 142).

**Cobesír**. Inscrição rupestre. La Camareta (Agramón, Hellín, Albacete). Pérez Rojas, 1993, pp. 164-165.

Cumpre-nos informar de que tanto a transliteração como a subsequente interpretação de **Cobesír** como NP são da nossa autoria (Faria, 1997, p. 107, 2000a, pp. 122-123, 2003b, p. 215, 2004a, p. 305, 2004b, pp. 180-181, 2006, p. 116, 2007a, p. 167). Contudo, ao ter omitido todos os sete títulos que acabámos de mencionar (bastava que tivesse citado apenas um deles para a situação se alterar), o professor José Antonio Correa (2008, p. 286) permitiu involuntariamente que outros lhe reconheçam, sem qualquer fundamento, inteira legitimidade para reivindicar uma e outra. De resto, a invocação deste NP não é mais do que um pretexto para manifestarmos a nossa total estupefacção por vermos o professor Correa transcrever *expressis uerbis*, sem a literatura correspondente, parte das nossas transliterações, algumas delas apresentadas há quase duas décadas (Faria, 1990-1991, 1992-1993, 1995a, 1997), dos textos que levam os n.ºs 3, 4, 5, e 7 da sua “Crónica epigráfica del Sudeste I”. Entre aquelas transliterações, encontra-se, por exemplo, a do NP ibérico **salbiriáf** (Faria, 1990-1991, pp. 77, 80, 87, 1992-1993, p. 278, 1993a, p. 154, 2000a, p. 138, 2002a, pp. 128, 134, 2004a, p. 309, 2007a, p. 163), que o professor Correa (2008, p. 283) vem agora apresentar como sua (porque nenhuma bibliografia é disponibilizada). Através deste modo de proceder, Correa consente que se espalhe a ideia, absolutamente inadmissível, de que **saluriabe**, transliteração veiculada na *editio princeps*, nunca chegou a ser corrigida por nós, permanecendo intocada durante mais de três lustros. Nada disto teria muita importância se a nossa lição não fosse justamente a que Correa perfilha: **salbiriáf**.

No entanto, mesmo as variantes de leitura, nossas ou de outrem (*e.g.*, Untermann, 1996b, p. 101; Rodríguez Ramos, 2002c, *passim*), deveriam constar de um trabalho com estas características, mas Correa só aceitou fornecê-las a respeito da inscrição n.º 12. Queremos acreditar que seja alheia a esta decisão excepcional a circunstância de nunca nos termos pronunciado sobre tal inscrição. Como é óbvio, a disparidade (ou ausência?) de critérios de citação evidenciada pelo professor Correa constitui para nós fonte de enorme perplexidade.

Parece-nos inaceitável que J. A. Correa declare a propósito da inscrição n.º 7 que “[e]s tentador pensar que en la línea 1 a un NP (**kobesír**) sigue **ekuan** (cf. H.3.4 EGVAN), como he señalado en otra ocasión (Correa 2004: 98, n. 82)”, aparentando ignorar que já havíamos chegado antes dele a idêntica conclusão. É triste sublinhar que, no que concerne especificamente a **eguan**, Correa segue o enlameado rasto deixado por Jesús Rodríguez Ramos (Faria, 2004a, p. 283). De nada serviu, afinal, termos, no passado, chamado a atenção para o que supúnhamos ser uma omissão involuntária (Faria, 2005b, p. 166):

Vem ainda a propósito referir que quer a identificação de **eguan** (forma verbal?) na inscrição rupestre de La Camareta (Pérez Rojas, 1993, p. 164-165) quer a sua comparação com **eguan** (E.5.1) e EGVAN (H.3.4) já haviam sido por nós contempladas num texto (Faria, 1997, p. 107) que Correa (2004, p. 98, n. 82) omite.

Atentemos ainda noutro exemplo igualmente extraído da inscrição de La Camareta: Correa (2008, p. 286) decidiu corrigir **Carosi[be]** (Pérez Rojas, 1993, p. 190) por **Caresi\***. Não obstante as

incontestáveis pareenças entre a transliteração da autoria de Correa e a nossa — **Caresi[ǃ?]** (Faria, 1997, p. 107, 2004a, p. 285) —, o catedrático da Universidade de Sevilha prescindiu desta última, silenciando também a nossa interpretação do mesmo lexema como NP (Faria, 1997, p. 107, 2004a, p. 285).

Se não foi sequer esboçada a mais pequena tentativa de reunir a bibliografia pertinente — tarefa que deve preceder ou (na pior das hipóteses) acompanhar a realização de qualquer trabalho académico —, com a promessa de que tal recolha se efectuará mais tarde “en la medida en que tenga noticia de ello [*sic*] y afecte al establecimiento del texto correspondiente [*sic*]” (Correa, 2008, p. 281), teremos de formular a seguinte questão: que objectivos pretende o professor José Antonio Correa cumprir com a publicação de um artigo bibliograficamente amputado (ou enviesado) como o que agora comentamos?

Mudando de assunto, não podemos deixar de colocar alguns reparos ao cepticismo revelado pelo professor Correa relativamente aos valores fonéticos atribuídos nas últimas décadas a determinados silabogramas pertencentes ao signário meridional. Assim sendo, temos alguma dificuldade em compreender que José Antonio Correa (2008, p. 285) rejeite a pertinência da comparação/identificação da sequência morfemática **basbidurbařtin** (Faria, 1992-1993, p. 278, 2003a, p. 322, 2004a, p. 279) com **basbidirbařtin** (G.1.1), preferindo transliterá-la como **[?]sbitur[?]řtin**. Considere-se também o caso do NP **tegiailcoś** (Schmoll, 1966, p. 190, 191, n. 3; Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991b, p. 18, 1994b, p. 54, n.º 360, 1996b, p. 173, 2003b, p. 212, 2006, p. 125; Correa, 2001, p. 312), que, à luz do conservadorismo agora adoptado pelo autor em causa (Correa, 2008, p. 285) no tocante à transliteração do silabograma inicial, retrocederia escusadamente para **[?]kaiilcoś**.

**curucuru/adin**. Moedas. **bersa** (localização indeterminada). *CNH* 439:1.

A presente legenda monetária foi interpretada durante muitos anos como um só NP (Siles, 1985, p. 180, n.º 720, com a bibliografia anterior), opinião que Untermann (*MLH* I 1, p. 222) chegou a partilhar. Mais tarde, porém, o linguista alemão (*MLH* III 1, p. 227, n. 79), secundado por Quintanilla (1998, pp. 116, 126, 127, 183, 188), julgou vislumbrar mais do que um idióntimo: **curu** e **curuadin**. Cremos, no entanto, que a diferenciação de dois NNP só faz sentido se separarmos **curucuru** de **adin** (Correa, 1993b, p. 116), não havendo, na nossa opinião, qualquer necessidade de considerá-los abreviados (*contra*, De Hoz, *apud* *DCPH* II, p. 260, n. 96), particularmente **curucuru**.

Não dispomos de qualquer explicação para o facto de **adin** se encontrar ausente da legenda de reverso de *CNH* 439:2, pesem embora as dúvidas expressas por Villaronga (*CNH*, p. 439), que admite a sua presença.

Se nada temos a acrescentar ao que já foi escrito a propósito de **adin**, não se passa o mesmo no tocante a **curucuru**; trata-se sem dúvida da adaptação ao semi-silabário levantino de *Crucuru*, NP gaulês (de tema em *-n*) que se encontra atestado em escrita latina através das seguintes variantes: CRICIRO, CRICIRONIS, CRICIRONVS, CRICIRV, CRICIRVS, CRICVRO, CRICVRV, CRIGIRV e CRVCVRO (Albertos, 1966, p. 102; Billy, 1993, p. 60; Degavre, 1998, p. 171; *RIG* IV 125-127; Vallejo Ruiz, 2004, p. 136; Depuyrot, 2005, pp. 117-120; Delamarre, 2007, pp. 77, 78; Genin & Schenk-David, 2007, p. 198, n.º 147). Tão-pouco poderá ser posta de parte a existência da variante CRVCI(*ro*) (Polak, 2000, p. 218).

Em consonância com os pareceres exarados por diversos investigadores (Albertos, 1966, p. 102; Marichal, 1988, p. 59; Degavre, 1998, p. 171; Genin & Schenk-David, 2007, p. 288), não cremos que a oscilação do timbre vocálico possa ser esgrimida como único argumento passível de justificar a diferenciação etimológica, preceituada por Delamarre (2007, pp. 77, 78, 218), entre

CRICIRO e CRVCVRO. Parecem-nos, pois, exageradas as precauções que tomou Polak (2000, pp. 216, 217-218) ao ter procedido à distinção entre CRICIRO e CRVCVRO, nomes que devem corresponder a um só oleiro a laborar em La Graufesenque, tendo inclusive o próprio ceramólogo chegado a reconhecer isto mesmo: “[i]t is not impossible, however, that *Criciro* is identical to *Crucuro*” (Polak, 2000, p. 216).

Remetendo a etimologia de CRICIRV para o gaulês, não faz qualquer sentido alegar, mesmo a título de hipótese, que este constitui uma adaptação celta do NP latino *Cicero* (*contra*, Allen, 1980, pp. 80-81; Haselgrove, 1993, p. 17).

Patrizia de Bernardo Stempel (2007, p. 158) quis ver em **curucuru** um NL, alegadamente uma variante, por inserção de uma vogal epentética, de **Κόρυρα** (*uel sim.*). A inconsistência de uma tal perspectiva releva da omissão da existência de **bersa**, aquela que é, sem margem para dúvidas, a legenda identificadora da ceca em que foram produzidos os numismas em questão (*MLH I 1*, p. 222; Siles, 1985, p. 180, n.º 720; Faria, 1994a, p. 65, 1994c, 123, 1995a, pp. 80-81, 1995b, pp. 324-325, 1999a, p. 155, 1999b, p. 278, 2000a, p. 134).

**etogísa**. Moedas. Localização indeterminada (Quetglas, 2005, pp. 38-42: Els Castelletts, Mequinenza, Saragoça?). *CNH 51:96-100*.

Pelas razões consignadas com algum pormenor noutra ocasião (Faria, 2005a, pp. 277-279), não nos parece que seja defensável a equivalência entre *\*O(c)togesa*, NL que consideramos uma deturpação de **etogísa**, e *\*Otobesa* < *\*otobeśa*/*\*otobeś*. Não obstante, a equação *\*O(c)togesa* ~ *\*Otobesa* continuou nos últimos tempos a ser sustentada, com maior ou menor convicção (mas sem que fossem esgrimidos argumentos válidos), por vários investigadores (Quetglas, 2005, p. 115 e n. 208; Nieto, 2006, pp. 502, 503; Noguera, 2006, p. 399; Luján, 2007, p. 63; Ballester, 2007, p. 25; Pérez Orozco, 2007, p. 94; Moncunill, 2007b, p. 98; Jordán, 2008, p. 126).

Ao contrário do que seria expectável, continua a ser necessário recordar que, em nenhum dos códices do relato de César, designadamente nos três parágrafos que testemunham o nosso NL (*BCiu.* 1.61.5, 1.68.1 e 1.70.4) — 1.61.4 é desacerto de Jordán [2008, p. 126], o mesmo se passando com 1.88.1, que surge em vez de 1.68.1—, figura *Otobesam* como variante de *O(c)togesam* (Vallejo Sánchez, 1946b, p. 261; Faust, 1966, p. 139; Faria, 2005a, p. 278; Quetglas, 2005, p. 37). Por outras palavras, ao arrepio da opinião emitida por Jordán (2008, p. 126), *\*Otobesam* não passa de uma conjectura moderna.

Configurando *\*O(c)togesa* uma versão deformada de *\*Etogesa*/*\*Etogisa* < **etogísa** (Faria, 2005a, p. 278; *contra*, Curchin, 2008, p. 24), a tentativa de fazer remontar o segundo componente do NL tal como nos foi transmitido pelos manuscritos do *De Bello Ciuili* ao celta continental *\*gaiso*- ‘dardo, lança’, esboçada num primeiro momento por Delamarre (*DLG*, p. 174), carece de qualquer consistência. Ao ter-se apercebido do equívoco, Delamarre (2007, p. 222) deixou aparentemente de preceituar semelhante relação etimológica. Já a objecção, de natureza exclusivamente semântica, colocada por Leonard Curchin à aceitação de uma tal etimologia é improcedente. Na verdade, quem declara que “Celtic *\*gaes*- ‘spear’ does not seem suitable for a town” (Curchin, 2008, p. 24) não parece conhecer nenhum dos diversos NNL, entre os quais *Gesocribate*, *Gesodunum* e *Gesoriacum* (Delamarre, *DLG*, p. 174, 2007, p. 222; Lacroix, 2003, p. 74), que afiançam a tese oposta. Aliás, L. A. Curchin, que evidencia grande parcimónia no uso da bibliografia — por exemplo, tal como Luján (2007, p. 63), não conseguiu mencionar quem procedeu à equiparação entre o primeiro membro de **otoildir** (F.21.1) e o que figura na mesma posição em **otobeścen** (*CNH 228:1*) (Faria, 1995b, p. 327) —, nem sequer chega a questionar a bondade da leitura *\*Otogesa*.

Muitas foram as páginas redigidas acerca deste NL, mormente desde que o indispensável artigo de J. Vallejo Sánchez (1946b, *passim*) foi publicado. Não obstante, em obras de grande fôlego, ainda nos vamos deparando com referências a “*Octogesa*” (Goldsworthy, 2006, pp. 401, 402; Cadiou, 2008, pp. 433 e n. 67, 447 e n. 136, 459, n. 200), como se os graves problemas de transmissão textual que têm dificultado a fixação definitiva do NL em apreço nunca tivessem existido.

HISSI (gen.). Placa votiva de prata. Hagenbach (Germersheim, Renânia-Palatinado). Gorrochategui, 2003 [2004], pp. 32-33.

A identificação de HISSI (gen.) < \**Hissus* < \**Issus* < \**is* como NP paleobasco (Gorrochategui, 1995 [1997], p. 215, 2003 [2004], pp. 32-33) reforça a probabilidade de os NNP ibéricos **isbatar** (F.11.13), **isbetarticef** (F.11.3) e **isbinai** (G.1.1) principiarem, a exemplo do NL *Isturgi* (Plin. *nat.* 3.10) (*contra*, De Hoz, 2001 [2002], p. 132, que opta por segmentá-lo em *Ist-urgi*), pelo formante **is**. A propósito deste NL, acreditamos que a individualização de um segmento (prefixo) *con-* em \**Consabura*/\**Consabora*, abonada pela convocação de *Sabora* (García Alonso, 2003, p. 338), consente que, mediante as necessárias ressalvas, analisemos \**Conisturgi* como \**Con-isturgi*.

É também por **is** que parece começar ISVRGVTES, nome correspondente a uma das misteriosas centúrias referidas em inscrições de Peña de la Sal e de Carmona (Faria, 1992, p. 44). Ficaria deste modo em causa a comparação estabelecida por García Alonso (2003, p. 322, 2007, p. 87) entre os NNP **isbataris** (F.11.13) e **isbetarticef** (F.11.3), por um lado, e o NL Ἰσπινον (Ptol. 2.6.56), por outro. No entanto, aceitando a legitimidade de semelhante analogia, haverá que colocar a hipótese de aqueles dois NNP se decomporem, respectivamente, em **isb(e)-atar** e em **isbe-tarti-cef** ou **isbe-tar-ticef**; por maioria de razão, **isbinai** admitiria uma segmentação em **isbi-nai**, análoga à que propusemos para **barnai** (Untermann, 1996a, p. 130) — **bar-nai** (Faria, 2002a, p. 124, 2004a, p. 303) —, ou em **isbin-ai**. Esta última análise radica na comparação quer com o supracitado NL Ἰσπινον < \**isbin*, quer com **isbinci**[/**isbini**] (Silgo, 1994, p. 187; Moncunill, 2007a, p. 191). Neste sentido, não podemos deixar de realçar a afinidade, pelo menos fonética, entre **isbi/isbe** e **sisbi/SISBE** (Faria, 1992, p. 44, 2000a, p. 134), cabendo a possibilidade, bem remota, é certo, de **isbi** e **isbe** configurarem versões dissimiladas de **sisbi** e **SISBE**. É sabido que a aférese da sibilante, resultante de dissimilação, sobrevém igualmente no basco medieval *Anso* < *Sanso* (Michelena, 1957, p. 139). Este NP terá tido uma origem indígena (Orpustan, 2000b, p. 205; *contra*, Lapesa, 1988, *passim*; Irigoyen, 2000, pp. 116, 117), vindo mais tarde a ser latinizado/cristianizado como *Sancius* < *Sanctius* < *sanctus*.

Retomemos agora o exame de **isbinai** para assinalar que o cotejo deste presumível NP com **barnai** no intuito de apoiar uma decomposição em **isbi-nai** talvez seja destituído de fundamento, caso o NP mencionado no Terceiro Bronze de Botorrita não pertença à antroponímia ibérica. Efetivamente, **barnai** poderá consistir numa adaptação do NP BARNAEVS, documentado por diversas vezes na epigrafia latina, ao ibero (em celtibero esperar-se-ia \**barnaios* ou \**barnaiu*). É certo que também se afigura *a priori* admissível a individualização do segmento **nai** em **CanCinai** (A.102-1., -2.), conquanto não disponhamos de indícios suficientemente sólidos que abonem a atribuição deste NP à antroponímia ibérica. Por conseguinte, não podemos excluir a hipótese de **CanCinai** pertencer à onomástica turdetana (Faria, 1990-1991, p. 81, 1998a, p. 237) ou, mais provavelmente, celta, a exemplo de outros NNP peninsulares formados a partir do radical *canc-* (Vallejo Ruiz, 2005, p. 257), pelo que as semelhanças que aquele deixa transparecer com o NP CANGINAI (gen.) (Delamarre, 2007, p. 56) não deverão ser casuais.

Sem menosprezo pelas objecções levantadas por M.<sup>a</sup> J. Pena (2002, p. 59), que preceitua a filiação de BARNAEVS no latim, a este NP deverá ser reconhecida uma ascendência semítica (Solin,

2007, p. 1372), sendo bem menos verosímil a sua inclusão no celta continental, tal como pretende Xavier Delamarre (2007, p. 38). Muitos são, de resto, os nomes próprios parcial ou completamente integráveis noutras línguas, denominados “falsos amigos” por Raybould & Sims-Williams (2007a, p. 6, 17), que Delamarre (2007, *ss.uu.*) entendeu albergar no seu *corpus* de onomástica céltica: *Anderenus*, *Anderex(us)*, *Andos*, *Andossus*, *Andostennus*, *Andosto*, *Andoxus*, *Andrecco*, *Aquitanus*, *Arixo*, *Arsaces*, *Arsacius*, *Arsacus*, *Arsax*, *Aruabores*, *Astoilunnus*, “*Attaesonius*”, *Austinco*, “*Bastogauninus*”, *Belgo*, *Bersegus*, *Birbilitana*, *Boncoxsus*, *Boneco(nis)*, *Karalitati*, *Celtitanus*, *Cormerto*, *Cruseid*[, “*Dannadinis*”, *Ennebox*, “*Eresenis*”, *Gaetulus*, *Horolatis*, *Iberius*, *Illixo*, *Ilunnus*, *Ilunosus*, *Iurciradin*, *Lohitto*, *Lutbelscottio*, *Monsus*, “*Oandissena*”, *Odoxus*, *Ordumeles*, *Sembecco*, *Sembus*, *Senicco*, “*Senipo*”, *Senitennis*, *Senixso*, “*Silliborus*”, *Sonbrabo(nis)*, *Sosimilus*, *Sosinestani*, *Talsco*, *Tannegaldunis*, “*Tascaseceris*”, “*Tauacca*”, *Thurscando*, *Vrdinoces*, “*Xubanus*” e *Zoilos*.

Curiosamente, também Raybould & Sims-Williams (2007a, pp. 9 e n. 27, 166, 2007b, p. 105) acolheram com algumas hesitações o NP TASCASECERIS (gen.) (*CIL* II 2067) < \**taścacecer* na antroponímia céltica (analisável como \**Tasca-sego-rix*!), incorrendo assim no mesmo erro em que caiu Delamarre (*DLG*, p. 292) alguns anos antes, quando segmentava TASCASECERIS em TASCASECE-RIS; não nos parece que Delamarre (2007, p. 178) se tenha entretanto dado conta da procedência linguística do membro final do NP em apreço, ao analisá-lo agora dubitativamente como \**Tasgo-segi-rigis*. Quando muito, \**taścacecer* poderá constituir um NP híbrido, ou seja, celta e ibérico (Albertos, 1961, p. 305, 1966, p. 222; Vallejo Ruiz, 2005 [2006], p. 107). Ultimamente, Patrick Sims-Williams (2008, p. 35) voltou a este assunto, admitindo agora, a par de hipóteses tão inverosímeis como \**Tasgo-sego-rix* e *Tasgo-sacer*, a possibilidade de o NP em causa ser inteiramente não-celta, à imagem de VRCESTAR (*CIL* II 2067), do qual \**taścacecer* constitui o patronímico.

Além de ocorrer em TASCASECERIS (gen.), o componente onomástico **taśca** figura na antroponímia ibérica em **taścalirs** (C.2.3) (de preferência a **taścalir**: Ferrer, 2005 [2006], p. 962), observando-se a mesma sequência consonântica final em **bigildirs**, outro NP gravado no mesmo texto (Faria, 2005a, p. 275). Pode dar-se o caso, no entanto, que aquele NP se segmente em \**taśca-(Ca)lirs* ou em **taś-calirs**, mas não em **taś-cali** (*contra*, Ferrer, 2006 [2008], p. 136). Se, apesar da ausência de provas indiscutíveis, é razoável admitir que **taśca** consiste num empréstimo do gaulês, já não é aceitável aplicar o mesmo juízo ao elemento onomástico ibérico **sacar**, ilegitimamente assimilado ao radical celta *sacro-* (Albertos, 1961, p. 85, 1966, p. 195; De Bernardo Stempel, 2006 [2007], p. 52, 2007, p. 152, 2008, p. 106, n. 52), testemunhado já como idiótismo (SACRI [gen.]: Delamarre, 2007, p. 158), já como primeiro membro de composto (Meid, 2005, pp. 203-205; Stüber, 2007, pp. 551-552; Delamarre, 2007, p. 230). Só fazendo tábua rasa dos ineludíveis testemunhos de **sacar** nos alfabetos greco-ibérico e latino — aos quais talvez haja que juntar os NNP SACARICI (gen.) (*contra*, Albertos, 1966, p. 195; Prósper, 2005, p. 262) < \**sacarice* e, não obstante os condicionalismos de ordem geográfica e cronológica, SACARDO (Féret & Sylvestre, 2008, pp. 102-103, n.º 325) —, é possível fazer desaparecer a vogal que segue a consoante velar. Fica assim desbravado o caminho conducente a equacionar a existência de sequências violadoras da fonotaxe celta (e ibérica), tais como \**Sacrbas*, \**Sacrbes* ou \**Sacrna*[ em detrimento de **sacarbaś** (*MLH* III 1, pp. 215, 230; Faria, 1990-1991, pp. 78, 87, 2006, p. 118), **sacarbeś** (G.13.1; Faria, 1995b, p. 328, 2002a, p. 129, 2003a, p. 316) ou **sacarna[bar?]** (F.9.2; Faria, 1991a, p. 190, 1994a, p. 66, 2004a, p. 309, 2004b, p. 180). Em consequência desta postura, o facto de **sacafiscer**, independentemente de se documentar em F.13.2, ocorrer também em alfabeto greco-ibérico (G.1.1: **sacariscer**) não funcionou como obstáculo à transformação do dito NP no pretenso NE \**sakeriskyōs/Sakriskoi* (De Bernardo Stempel, 2006 [2007], p. 52, 2008, p. 106, n. 52). Bem mais verosímil do que a busca de paralelos na onomástica celta é a analogia estabelecida entre **sacar/sacaf** e o formante final do NL



VMMESAHAR (Siles, 1986, pp. 33-34). Já o cotejo com SAHER, presente nos NNP SAHEROSSIS (gen.) (Gorrochategui, 1984, pp. 252-253, n.º 285) e OSAHERR[ (Gorrochategui, 1984, pp. 249-250, n.º 277), alvitado por Quintanilla (1998, p. 84, n. 69) e Ballester (2008b, pp. 200-201), afigura-se assaz problemático. Como nota marginal, refira-se que, em OSAHERR[, *saher* surge prefixado por *o-*, tal como sucede em O-ANDISSEN[I] (*HEp* 3, 359), O-ASAI (H.3.4) e **o-tigirteger** (C.2.10) (*MLH* III 1, p. 202). Cremos que assume uma maior legitimidade a interpretação do radical dos NNP SAHEROSSIS (gen.) e OSAHERR[ como variante do que subjaz a SAHELICIA, NP que foi recolhido por M.ª L. Albertos (1966, p. 196). Tal aproximação linguística, a confirmar-se, inviabiliza a atribuição, preconizada por B. Prósper (2005, p. 267), de uma matriz indo-europeia a este último NP.

Qualquer tentativa de relacionar SAHEL/SAHER com o segundo membro de **abašager** (C.2.3) deve ser encarada com bastantes reservas, já que **abaš-ager** se apresenta como a segmentação mais aconselhável para este último NP (Faria, 1991a, p. 189, 1995a, p. 80, 83, 2004a, p. 301).

Sem embargo de **sacar** não se poder reportar ao radical celta *sacro-*, cumpre-nos reconhecer que, além de **tašca**, há mais de quatro dezenas de componentes documentados na onomástica céltica, que, salvo um ou outro caso de homonímia, terão igualmente feito parte de numerosos NNP ibéricos: *adin, aidu, aiu(n), ala, alo, an, ana, argi, as(s)a, aumi(n), betu, bitu, balce, bodo(n), bor, cacu, cani, catu, coro, elan, ende, enna, eni, esto, eta, gon, isar, lagu, lati, nas, oco, sal(ai), segi, seti, sosin, suise, tauti(n), tiger/tigir, turi, uolti e uiser* (Albertos, 1961, pp. 84-87, 1966, pp. 268-271, 282, 297; Pérez Vilatela, 2004, p. 140; De Hoz, 2005 [2006], p. 81; Vallejo Ruiz, 2005 [2006], pp. 106-107; De Bernardo Stempel, 2007, p. 152; Delamarre, 2007, pp. 210-232). Sendo esta, todavia, uma matéria complexa e sujeita a um elevado grau de especulação, não deixa, por isso, de ser merecedora de um texto monográfico que discuta, corrija e aprofunde as abordagens anteriores.

**iařiber**. Estela de arenito. Caspe (Saragoça). *MLH* III 2 E.13.1.

Vimos há alguns anos (Faria, 2002a, p. 128) que **iař**, o primeiro elemento do presente NP, consta de IARBONIS (gen.) (Gorrochategui, 1984, pp. 226-227, n.º 228), **isceriař** (G.15.1), **laceriařtur** (C.1.5) (*MLH* III 1, p. 222; Faria, 1992-1993, p. 278, 2002a, p. 128) e **šalbiriař** (Faria, 1990-1991, pp. 77, 80, 87, 1992-1993, p. 278, 1993a, p. 154, 2000a, p. 138, 2002a, pp. 128, 134, 2004a, p. 309, 2007a, p. 163). Sustentámos no mesmo artigo que também o NL basco medieval *Iarnoz* (Orpustan, 1999, p. 270; Faria, 2002a, p. 128) provém de um NP formado por **iař** e pelo sufixo hipocorístico *-no*. Aos NNP de que **iař** faz parte há agora que acrescentar **barceiař** (Simón, 2008, p. 263, n. 24). **iber**, por sua vez, além de conformar um NP documentado num fragmento de urna (Correa, 2008, p. 288), poderá comparecer em **abuiber** (G.1.7), caso seja esta a transcrição apropriada de um NP veiculado em caracteres gregos.

Em face dos elementos acima aduzidos, peca por insuficiente a informação exibida por Moncunill & Morell (2008, p. 250), que só detectaram o formante **iař** em **iařiber** e em **isceriař**, além de terem perfilhado uma segmentação errónea daquele NP: **iař-i-ber**.

Ainda no mesmo texto, ao elencarem os NNP portadores do componente **isce**, as supramencionadas investigadoras esqueceram-se de arrolar **isceunir** (Faria, 1990-1991, pp. 76, 86, 1991a, p. 190, 2000a, p. 135, 2004a, p. 303, 2007a, p. 172) e a bibliografia produzida sobre a identificação do NP **isceašco** (Faria, 1998a, p. 238, 2000a, p. 135, 2007a, p. 172).

**ildicira**. Moedas. \**ildi(r)cira*/\**ilduřcira* (Orcera, Jaén). *CNH* 356:1-2.

Não foi há muito tempo (Faria, 2007a, pp. 171-172) que dirigimos fundadas críticas a um texto que M.ª de los Santos Mozas (2007, *passim*) redigiu a propósito de “*Itiraka*” (*sic*), ceca que teria funcionado onde se situa o povoado hoje conhecido por Úbeda la Vieja. Segundo a mesma

autora, aquele alegado NL viria mais tarde a ser substituído por *Lupparia*, hipotética tradução latina de “*iltiraka*” (*sic*), legenda monetária que parece agora ter passado a contar com “*iltirakae*” (Prados, 2007, p. 101) e “*iliteraka*” (González Alcaide, 2006 [2008], p. 259) como variantes. Há inclusive quem chegue ao extremo de identificar “*Iltiraka*” com “*Iltirta*” (Rueda, 2008, p. 58, n. 6).

Mesmo que nos abstraíamos dos graves problemas que afectam a vertente epigráfico-linguística do trabalho em questão, restaria saber qual o destino que Santos Mozas reservou para *Salaria*, cidade cuja localização em Úbeda la Vieja nunca foi, até hoje, questionada (*TIR*, J-30, pp. 285-286; Mayoral, 2004, pp. 136-137, 173-175, 229; Gimeno, 2004-2005, *passim*). Se admitirmos que *Salaria* veio a ocupar o mesmo lugar de “*Iltiraka*” (*sic*) (Ruiz & Molinos, 2007, p. 121), será preciso encontrar outra ubicação para *Lupparia*. Verificamos, portanto, que a já de si absurda relação etimológica entre “*Iltiraka*” (*sic*) e *Lupparia* não é suportada por quaisquer indícios extra-linguísticos.

Aliás, escapa ao nosso entendimento que dois dos mais importantes especialistas em numismática hispânica da Antiguidade (Arévalo, 2005, pp. 46-47; Mora, 2007, p. 154; v. igualmente Rodríguez Casanova, 2008, p. 61) caucionem com o seu indiscutível prestígio destemperos como os que aqui vimos comentando. Não podia ser maior a distância entre o débil texto de Mozas Moreno e as criteriosas páginas que a esta mesma ceca dedicaram há alguns anos Sáez & Villero (2004, pp. 157-162) numa meritória monografia que é digna de todo o nosso apreço.

Ainda a propósito desta ceca e de questões conexas, é nossa obrigação advertir os potenciais leitores do supracitado livro de Ruiz & Molinos (2007) para as irremediáveis fragilidades — erros, distorções, omissões —, desatendidas pela professora Teresa Chapa (2008, p. 178), que mancham algumas das suas páginas (especificamente as pp. 42-43, 62-70, 87), pelo que só podemos aconselhar a leitura das mesmas a quem se rodear de extrema cautela. Por último, importa reconhecer que a proliferação do imarcescível NL “*Iltiraka*” (*sic*) por toda a obra, alcançando o mesmo maiúscula consagração ao figurar no título do quinto capítulo (Ruiz & Molinos, 2007, p. 111), é compensada pela completa ausência de *Lupparia*...

Escusado será dizer que as grosserias bolsadas por Rodríguez Ramos (2007 [2008], p. 93) — o inventor ou difusor de *AGERNO*, *aituatiboř*, *arkiteibas*, *arsbikiskuekiar*, *ařskitar*, \**balarbař* < Βλερυας, *biulako*, *bi]urtibař*, *iltirbař*, *kanisoř*, *neseltuko*, *otatiis*, *SERGETON*, *TABBANTV*, *řorřeiteker* e *urkailtu* — sobre o que escrevemos acerca deste NL não irão merecer qualquer comentário da nossa parte. Não podemos deixar de assinalar, no entanto, que Rodríguez Ramos não deixou fugir a oportunidade de se tentar apossar sorrateiramente de mais uma transliteração que é da nossa autoria: *ildicira*.

**labini**. Moedas. **labini**/\**Laminiium* (Alhambra, Ciudad Real?). Villaronga, 2005, *passim*.

À bibliografia que citámos sobre **labini**/\**Laminiium* (Faria, 2007a, pp. 218-221), ceca cuja existência vem sendo olímpicamente ignorada na literatura numismática mais recente (Arévalo, 2008, *passim*; Rodríguez Casanova, 2008, *passim*), importa adicionar os artigos de Rodríguez Ramos (2006 [2007], *passim*) e de Joaquín Espín (1940, *passim*). Este último trabalho passou completamente despercebido durante quase sete décadas, apesar de se encontrar disponível, desde há alguns anos, num sítio WEB gerido por Salvador Fontenla Ballesta < <http://sapiens.ya.com/sfontenla/Espintodo.PDF> > (consulta de 18/06/08). Ressalve-se, contudo, que a versão digital do artigo de J. Espín não corresponde fielmente ao original em papel. Assim, além de faltar a foto do exemplar publicado na revista, a reprodução dos caracteres da legenda toponímica viu-se significativamente afectada.

Convém, por último, chamar a atenção para o facto de a referência bibliográfica respeitante ao supracitado artigo de Rodríguez Ramos (2006 [2007], *passim*) ter sido colocada (sem nome de



autor nem paginação...) pelo seu alter-ego “Dilvish” em <http://es.wikipedia.org/wiki/Discusión:Laminio>, no dia 28 de Novembro de 2006, largos meses antes da respectiva publicação e somente algumas horas depois de ter sido divulgada na íntegra uma versão digital do nosso artigo sobre **labini** nos grupos de discussão Celtiberia < <http://www.celtiberia.net/verrespuesta.asp?idp=8405&cadena=laminio> > e Bardulia < <http://es.groups.yahoo.com/group/Bardulia/files/> >. Esta atitude, assumida sem reboço por Rodríguez Ramos, que em nada surpreende vinda de onde vem, além de esconder com indisfarçável dolo o único artigo sobre a legenda monetária laminitana que, a partir desse mesmo dia, ficou acessível a milhões de potenciais leitores, constitui uma flagrante violação do princípio da verificabilidade a observar pelos colaboradores daquela enciclopédia digital < <http://es.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Verificabilidad> >. Resulta deste facto que havia mais um motivo para expulsar Rodríguez “Dilvish” Ramos da Wikipédia espanhola < <http://es.wikipedia.org/wiki/Usuario:Dilvish> >, a somar aos que foram invocados pelas várias pessoas que tomaram tal decisão.

É triste verificar que esta repugnante conduta, que passou até hoje sem qualquer reparo, não diverge substancialmente da que subjaz aos actos de pilhagem, em número bem superior a uma centena (Faria, 2004a, pp. 275-292), até agora claramente documentados, que foram contra nós perpetrados por Rodríguez Ramos. Não temos quaisquer ilusões de que a impunidade de que este indivíduo vem gozando servirá de estímulo para que prossiga *ad nauseam* com tal actividade predatória, que decerto se fará acompanhar dos habituais impropérios.

**leibiur.** Fundo de prato de campaniense A. Coll del Moro del Borraser (Batea, Terra Alta, Tarragona). Gorgues, Moret & Ruiz-Darasse, 2003 [2004], p. 247; *HEp* 13, 671.

O NP objecto da presente entrada é naturalmente segmentável em **lei-biur**, não havendo, na nossa perspectiva (Faria, 2004b, pp. 183-184), qualquer motivo susceptível de nos levar a pensar que estamos perante uma versão sincopada de *\*leisbiur*, tal como quiseram os seus primeiros editores, agora secundados por Eugenio Luján Martínez (*ad HEp* 13, 671). De resto, a despeito de algumas dúvidas iniciais (Faria, 2004b, p. 184), não conhecemos, no âmbito da onomástica ibérica, nenhuma atestação inequívoca da perda de sibilante em posição pré-consonântica, pelo menos antes de oclusiva labial (Faria, 2004b, pp. 183-184, 2007a, p. 222). Aliás, temos fortes reservas de que tal síncope, que, em todo o caso, afectaria apenas o fonema representado por <ś>, e não por <s>, se tenha verificado mesmo antes de oclusiva dental, porquanto **culedeceř** (C.25.5) e **culataber** (C.2.3) admitem como segmentações mais prováveis **cul-ede-ceř** e **cul-eta-ber**, respectivamente (Faria, 2007a, p. 222; *contra*, Francès, Velaza & Moncunill, 2008, p. 225). Aos exemplos de NNP iniciados por **lei-** anteriormente aduzidos (Faria, 2004b, p. 184) há que acrescentar **leitaś** (F.9.7), não podendo, tão-pouco, ser descartada uma relação entre aquele segmento e os NNL bascos *Leitza*, *Leyoz* e *Leiun* (Salaberri, 2005, p. 109).

**ocanaca.** Chumbo monetiforme (moeda?). *\*Ocanaca* (localização indeterminada). Casariego, Cores & Pliego, 1987, p. 4, n.ºs 3 e 4.

Reiteramos aqui a nossa convicção (Faria, 1996a, p. 229, 1999a, p. 156, 2003b, p. 224) de que **ocanaca**, legenda toponímica em caracteres meridionais reproduzida em raros chumbos monetiformes cujos reversos são tipologicamente semelhantes aos que figuram nas moedas de *Carbula*, deve ser o nome correcto da cidade que Ptolemeu (2.4.10) designa por **Κάνακα**, por ele situada entre as cidades turdetanas da Bética contíguas à Lusitânia (*TIR*, J-29, p. 52). A circunstância de este NL surgir, à semelhança de muitos outros, deformado nos manuscritos da obra de Ptolemeu não constitui naturalmente qualquer surpresa (Gómez Fraile, 1997, pp. 199-201, 204-205, 218-238,

2001 [2002], pp. 77-78, 81-84, 93, n. 68; García Alonso, 2003, pp. 13-19). Por outras palavras, ao invés do que postula Correa (2008, p. 289), não faz nenhum sentido tentar encontrar para a vogal inicial de **ocanaca** uma qualquer explicação, pelo que não podia ser mais oportuno transcrever a advertência lançada há alguns anos por J. L. García Alonso (2003, p. 19) a propósito da (falta de) fiabilidade que caracteriza a obra geográfica de Ptolemeu:

Para guardarnos de posibles errores, debemos obviamente contrastar el texto del alejandrino con otras fuentes, siempre que sea posible. En los nombres indígenas particularmente sólo esta comparación caso a caso con los mismos nombres en fuentes latinas, a ser posible epigráficas, o indígenas, puede sacarnos de duda acerca de la calidad de las transcripciones.

Aliás, a posição assumida pelo professor Correa constitui uma clara violação — ou, antes, uma inversão — da rigorosa metodologia que ele mesmo estabeleceu (Correa, 2002 [2003], p. 134) com vista ao estudo da onomástica antiga: a primazia concedida às fontes primárias, que são naturalmente as que figuram em língua e em escrita indígenas.

**ocalacom.** Moedas. \**Ocela* (Medinaceli, Soria, ou arredores). CNH 289:1-2.

Que nos seja perdoada a insistência (Faria, 2005a, p. 282), mas fomos nós que, pela primeira vez, transliterámos correctamente a presente legenda monetária, transliterada até 2003 como **ocalacom** (Faria, 2003b, pp. 224-225). É um facto indesmentível que o texto de Rodríguez Ramos (2001-2002 [2003], pp. 431-432) veio a lume largos meses depois do nosso (Faria, 2003b, pp. 224-225).

Não obstante, enquanto F. Burillo (2007<sup>2</sup>, p. 439, n. 121) deixou no ar a suspeita de que a ordem de publicação foi justamente a oposta à que na realidade se verificou, Prósper (2007 [2008], p. 164), Jordán (2008, p. 124) e Curchin (2008, p. 23) acharam por bem torner a referência ao nosso texto. Cremos que a procura de um nível mínimo de rigor importaria que aos anos a que corresponde o vol. 20-21 da revista *Kalathos* (2001-2002) fosse acrescentado o ano — 2003 — em que, objectivamente, o mesmo foi editado. Evitar-se-iam deste modo alguns equívocos em que estes e outros autores já incorreram.

Nenhumas dúvidas nos restam de que \**Ocela* é o verdadeiro nome de *Hocilis/Ocilis*, formação toponímica que, a par de muitas outras, surge corrompida no relato de Apiano (*Hisp.* 47, 48) (Faria, 2003b, pp. 224-225, 2005a, p. 282), pelo que a equação *Ocilis* ~ Uclés, apadrinhada por diversos investigadores (Almagro, 1995a, p. 443; Nieto, 1997, p. 350; Albaigès, 1998, p. 617; García Sánchez, 2007, p. 35) não possui qualquer solidez.

**OQ'VR'(i).** Moeda. \**Ocuri*/\**Oquri* (Ubrique, Cádiz). CNH 125:5.

Tal como fizemos notar há alguns anos (Faria, 2003a, p. 325), não nos parece excessiva ousadia encontrar em OQ'VR'(i)/\**Ocuri* a génese de OCVRITANORVM (gen. pl.) (Faria, 1994c, p. 124, 1999a, p. 156, 2003a, p. 325) (não há testemunhos de \**Ocurensium*), pelo que não entendemos a pretensão reiteradamente manifestada pelo professor Correa (2002 [2003], p. 156, n. 9, 2005 [2006], p. 151 e n. 99) em encarar OQVR como NL completo. Tal desiderato é, além do mais, dificilmente conciliável com a presumível extracção ibérica do NL em apreço, cuja segmentação mais adequada julgamos ser \**oco-uri* (Faria, 1995b, pp. 326, 327, 2003a, p. 325).

Ainda a propósito desta legenda monetária, convirá notar que o louvável interesse que o professor Bartolomé Mora Serrano tem demonstrado pela historiografia dos estudos numismáticos — ocupando a mesma um lugar proeminente na sua já vasta obra —, não se manifestou no exacto momento em que atribuiu às professoras García-Bellido e Blázquez (Mora, 2007, p. 149), e não ao

redactor destas linhas (Faria, 1994c, p. 124, 1995b, pp. 326, 327, 1999a, p. 156, 2003a, p. 325), a identificação da ceca de *Ocuri*.

**siceicanśar̄**. Jarra de cerâmica. La Joncosa (Jorba, Anoia, Barcelona). Ferrer, 2006 [2008], p. 142.

Trata-se de um NP ibérico trimembre, divisível em **sice-ican-śar̄**. A procura de paralelos para os componentes inicial e final não suscita especiais dificuldades, apesar de alguns dos nomes a seguir coligidos admitirem outras segmentações, além das que são aqui consignadas: AGIRSARIS (gen.) < \**agir-śar̄* (Rubio Martínez, 1997, pp. 60-61; Faria, 1997, p. 111), \**bai-śar̄(o?)* (NL) (Faria, 2002a, p. 127, 2003a, pp. 321, 326, 2007a, p. 217), **ildir-śar̄** (Solier, 1979, p. 82, 84, 85; Faria, 1990-1991, p. 85, 1991a, p. 190, 1994a, p. 67, 1997, p. 111, 1998d, p. 269, 2002a, p. 127), L'VNT'<I>-BEL-SAR (*HEp* 6, 4), [**s**]elgi-ber-śar̄ (Faria, 1999a, p. 156), **sice-taneś** (G.1.6; Ferrer, 2006 [2008], p. 142), **sice-unin** (F.11.6), **tolo-śar̄** (Rubio Martínez, 1997, p. 61 e n. 23; Faria, 1997, p. 111, 2000a, p. 133, 2003b, pp. 222-223, 2006, p. 117). Já quanto a **ican**, é elemento que se documenta unicamente em **baśuican** (F.17.2) (Correa, 1992, p. 277), NP que é também passível de se transliterar como **baśtuican** ou **bailuican**. Não deve, porém, ser posta de parte a possibilidade, uma das duas admitidas por Ferrer (2006 [2008], p. 142; a individualização *ad hoc* de **canś** não nos parece procedente), de **siceicanśar̄** se decompor em **sicei-can-śar̄**. Nestas circunstâncias, haveria que fazer corresponder o segundo componente ao que ocorre nos NPP **CanCinai** (A.102-1., -2.; v., no entanto, *supra*, p. 75) e THVRSCANDO (*HEp* 7, 478; Faria, 1997, p. 106, 2000a, p. 123, 2003b, p. 215, 2006, p. 117), assim como no NL \**Cantigi* (Faria, 2003b, p. 211, 2007a, p. 217; Correa, 2005 [2006], pp. 149-150). O segmento **can** também poderia documentar-se no NL **bolścan** (ou **olścan**), segundo hipótese formulada por J. A. Correa (2004 [2005], p. 17), caso fosse /ka/ o valor fonético do penúltimo signo, eventualidade que carece de comprovação.

Se, há alguns anos, Rodríguez Ramos (2002b [2003b]) sentenciava que “en la actualidad no considero que haya ni un solo trimembre demostrado”, agora parece já ter condescendido em reconhecer a respectiva existência (Rodríguez Ramos, 2007-2008, pp. 86-87), ao ter descoberto nada menos do que meia dúzia deles no livro de M.<sup>a</sup> Lourdes Albertos, publicado há mais de 40 anos (Albertos, 1966). Recordar-se-á Rodríguez Ramos das interpretações por ele conferidas no seu famigerado “Índice crítico” (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a]) a todos e a cada um dos seis NNP “trimembres” descobertos por M.<sup>a</sup> L. Albertos? Conquanto tenhamos plena consciência de que, para Jesús Rodríguez Ramos, os fins justificam os meios, a total ausência de escrúpulos evidenciada por este desbragado cientista ainda nos consegue surpreender!

**SILBIS**. Moedas. *Turiaso*. RPC I 401-402.

Parece-nos razoável admitir, a título de hipótese mais económica, que a língua a que pertence o presumível ND SILBIS é a mesma que originou o NL **turiasu** (CNH 262:1-34)/TVRIASO (CNH 267:35-36). Vejamos agora quais as premissas em que assenta a nossa teoria, segundo a qual a legenda monetária **turiasu**, além configurar um NL ibérico, foi gravada nesta mesma língua (Faria, 2002a, p. 137; *contra*, Villar, 2005, pp. 477-478). Por um lado, o sufixo **-asu** deve ser considerado antecessor do sufixo basco medieval **-(a)zu**, **-(t)su**, que exprime a ideia de ‘abundância’ ou ‘frequência’ (Orpustan, 1999, pp. 125-126, 2006, p. 73; Gorrochategui, 2000, p. 150, Gorrochategui & Lakarra, 2001, pp. 431-432). No entanto, ao invés do parecer expandido por diversos especialistas (Ramírez, 1992, p. 290; Gorrochategui, 2000, p. 150; Gorrochategui e Lakarra, 2001, p. 431), cremos que o NL *Oiarso* (TIR, K-30, p. 164) (*Oiasso*, por assimilação) não ostenta este sufixo, mas um outro, homógrafo, de valor diminutivo (Faria, 2002a, p. 138), o único aceitável no plano semântico.

Por outro lado, o primeiro componente de **turiasu**, NL cuja sibilante não foi, nas moedas que o transmitem, objecto de adaptação à ortografia celtibérica (*MLH I*, 1, p. 263, *MLH IV*, pp. 382-383, *MLH V* 1, p. 425; Faria, 1998a, p. 233, 2002a, p. 137), encontra um claro paralelo nos NNP ibéricos TVRIBAS (BB II) e TVRINNVS (TSall), com o primeiro a ser considerado híbrido (ibérico e indo-europeu) por Fatás (1980, p. 96) e Villar (1995, p. 242), cabendo ao segundo, na opinião de Albertos (1961, p. 86, 1966, p. 238), uma procedência inteiramente indo-europeia. A despeito da distinção entre os signos de vibrante, não é de excluir que o primeiro elemento de **turiasu** se identifique com o que ocorre em igual posição em **tuřadin**, NP que Jordán (2004, p. 331) transformou num inverosímil NL (**tuřatin** < **iltuřatin**), recorrendo de novo a uma metodologia que não pôde deixar de merecer a nossa crítica quando foi aplicada a outro caso (Faria, 2006, p. 120). Vejamos um outro exemplo, desta feita a propósito do NL *Tyriche* (Avien. *Ora marit.* 498), da responsabilidade de Arturo Pérez Almoguera (2008, p. 58, n. 2): “[s]i el nombre de esta localidad lo precedemos del sufijo *-il* (*sic*), tan frecuente en tantos topónimos y antropónimos ibéricos, nos daría *Iltirica*”.

Centrando agora a nossa atenção em SILBIS, cremos que esta legenda só poderá constituir a transcrição de *\*silbis* ou *\*silbiś*, se não estivermos ante a latinização de *\*silbi*.

De acordo com a primeira hipótese, teríamos de cotejar -BIS com -BIX, elemento que, na eventualidade de não corresponder a *beś* (Faria, 2002a, p. 132, 2003a, p. 316, 2005b, pp. 165-166), figura no NP *\*banbis*/*\*banbiś*, do qual surgiriam diversos NNP apenas conhecidos em escrita latina: BAMBIX, BAMBIXXVS (gen.) e BAMBIXXI (gen.) e BANBIXI (gen.) (Gorrochategui, 1984, pp. 154-155, n.ºs 70-71, 2003 [2004], p. 30).

Em conformidade com a segunda opção, seria possível reconhecer o morfema final nos NNP **biurbi** (CNH 434:3-5), PIANDOXPONNI (dat.?) (Gorrochategui, 1984, pp. 251-252, n.º 281), **sisbi** (Faria, 1992, p. 44, 2000a, p. 134) e **urCailbi** (De Hoz, 1980, p. 314; Faria, 1990-1991, pp. 74, 81, 1991a, pp. 191-192, 1991b, pp. 17-18, 1992, p. 44, 1993a, pp. 154-155, 1993b, p. 139, 1994b, p. 56, n.º 403, 1994c, p. 123, 1995a, pp. 85-86, 1995b, p. 328, 1998b, p. 254, 2000a, pp. 140-141, 2000b, pp. 64-65, 2001, p. 103, 2004a, p. 300, 2007b, p. 228).

*sil*, por seu lado, combina com *di* e com *eś* para formar dois novos componentes onomásticos, *\*sildi* e *sileś*, constantes respectivamente de SILLIBORI (dat.) (*CIL II*<sup>2</sup>/7 5) < *\*sildibor* (Faria, 1994a, p. 68) e de BONSILEXSI (dat.) (Gorrochategui, 1984, pp. 173-174, n.º 102), SILEX (Gorrochategui, 1984, pp. 268-269, n.ºs 326-328), SILEXCONIS (gen.) (Gorrochategui, 1984, p. 269, n.º 329) e SILXIV(S) (Gorrochategui, 1995 [1997], p. 214, 2003 [2004], p. 34). À excepção de SILEXCONIS (gen.) e de SILXIV(S), que são NNP masculinos (Michelena, 1954/1985, p. 423; Gorrochategui, 1984, p. 362, 1993, pp. 614, 615, 1995 [1997], p. 214, 2003 [2004], p. 34), todos os nomes de que *sil* faz parte designam entidades femininas (Gorrochategui, 2003 [2004], p. 34), sejam elas de natureza humana ou divina.

Em alternativa a uma interpretação de SILBIS como nome de filiação não-indo-europeia, C. Jordán (*apud* Marco, 2008, p. 230) estima que se trata de um ND celta proveniente de *\*silubis* < *\*silubi* ‘rio Sil’, correlato de outro ND feminino, *Sulis*.

A interpretação de **caśtu**, sequência gráfica gravada nos aversos das cunhagens de **turiasu**, como abreviação do NE *Castulogi* funcionaria como um argumento a favor não só da fixação em terras turiasonenses de populações provenientes da *Gallia Belgica* (Marco, 2004, p. 88) como também da consequente relação de SILBIS com o mundo celta. Infelizmente, a este argumento opõe-se o facto de *Castulogi*, versão eleita por F. Marco em prejuízo de *Catuslogi*, constituir uma clara distorção desta última, que deve ser variante de *\*Catuslougi* (Lacroix, 2003, pp. 54, 160, 171; Marco, 2004, p. 88, n. 58; Delamarre, 2007, p. 61).

Não menos insustentável é a proposta de segmentação de **caštu** em **ca-ś-tu**, formulada com o único propósito de tratar <ś> e <tu> como abreviaturas de SILBIS e TVRIASO, respectivamente (Gozalbes, 2004-2005, pp. 251-270).

**sotiarnai**. Dracma. Ceca indeterminada. Crusafont, 2006 [2007], p. 44, n.º 15.

Conquanto até hoje ainda ninguém o tenha proposto, cremos que é possível, a despeito da utilização de <s-> em detrimento de <ś> (v. *infra*, p. 85), associar esta legenda de problemática transliteração ao NE *Sotiates*, povo aquitano citado tanto por César (*BGall.* 3.20.2-3, 3.21.1-2) como por Plínio-o-Velho (*nat.* 4.108). O mesmo se diga de **sotiarni** (Villaronga, *CNH* 46:61, 1998, p. 125, n.ºs 294-295: **sotiaoi**) e de **sotísalír** (Villaronga, 1998, p. 125, n.ºs 296-297), legendas monetárias conhecidas já há alguns anos. Tal não significa forçosamente que alguma das legendas exiba o supracitado NE, podendo qualquer das três representar o NL que o terá originado. Seja como for, dificilmente a base onomástica *soti-*, de etimologia indeterminada (Lacroix, 2003, p. 148), pertencerá a mais do que uma língua, prefigurando-se o celta como a mais plausível.

Considerando que a produção das chamadas dracmas ibéricas de imitação não deve ser posterior aos primeiros anos do século II a.C. (Villaronga, 1998, pp. 103-108), a conexão onomástica aqui aventada não é incompatível com a existência de moedas, datadas de meados do século I a.C., que exibem o nome SOTIOTA (*RIG IV* 233), cuja relação com os *Sotiates* é, esta sim, inquestionável. Do ponto de vista linguístico, tão-pouco é de excluir a possibilidade de um relacionamento entre as legendas monetárias ibéricas acima transliteradas e o NE *Soti* (Plin. *nat.* 3.47).

**subaCe**. Estela de arenito. **iešo/Iesso** (Guissona, Lérida). Guitart & al., 1996.

Em alternativa às diversas análises que já foram formuladas acerca deste NP, acreditamos que, apesar do <s> inicial (v. *infra*, p. 85) faz todo o sentido advogar a exegese de **subaCe** como iberização de um NP celta, provavelmente \**Sumagus*, que deve decerto corresponder ao patrónimo de **neitinCe**, entendível, também este, como a iberização de outro NP gaulês, \**Neitincos*. Em **neitinCe**, haveria que isolar o componente onomástico *tinco* (Billy, 1993, pp. 144-145; Meid, 2005, pp. 118-119; Delamarre, 2007, p. 234; Raybould & Sims-Williams, 2007, p. 16 e nn. 50-51), não podendo o primeiro membro do composto ser senão **nei** ou **neitin**, qualquer deles passível de ser analisado como celta (Marco, 1998, p. 391; Almagro, 2002 [2003], pp. 48-53; De Bernardo Stempel, 2002 [2003], p. 90, 2007, p. 152; Sims-Williams, 2003, p. 128, n. 735). Em conformidade com esta última hipótese, \**Neitincos* constituiria uma haplologia de \**Neitintincos*. De qualquer modo, a existência de NNP híbridos (combinando radicais celtas e ibéricos), detectada por María Lourdes Albertos (1961, *passim*, 1966, pp. 268-271) nos trabalhos que citámos a propósito de TASCASECERIS (gen.) (v. *supra*, p. 76), retira alguma relevância à determinação da origem de **nei** ou de **neitin**. Seja como for, o entendimento de **nei** como elemento onomástico celta levar-nos-ia a conferir esta mesma procedência linguística ao NP (sufixado) NEILLAE (dat.) (Rizos, 2006 [2008], pp. 160-161; *contra*, Faria, 2007a, pp. 174-175), apontando no mesmo sentido a ocorrência de EPO[N]EILVS numa epígrafe achada em território vetão (Prósper, 2005, p. 239, Vallejo Ruiz, 2005, pp. 321, 322).

Rodríguez Ramos (2002d, pp. 127-130) isolou em **neitinCe** um ND ibérico – **neitin** – sufixado por **-Ce**, supostamente com função de dativo. Tal identificação implicaria necessariamente a consideração de **subaCe** como nome do dedicante. Por estranho que possa parecer, contudo, Rodríguez Ramos (2002d, p. 127) recusou-se a discutir a classificação morfo-sintáctica daquele que deverá corresponder ao patrónimo de **neitinCe**: “[p]eor es la situación para el caso de **subake**, en el que no hay ningún elemento conocido como formante de onomástico, por lo que proponerlo como tal es una *petitio principii*”.

Já vimos que **subaCe** poderá consistir na iberização de um NP gaulês, eventualmente \**Sumagus*. Este decompõe-se em *su-* (Delamarre, *DLG*, pp. 283-284, 2007, p. 233) e em *magus* (Delamarre, *DLG*, p. 214, 2007, p. 225), apresentando, por consequência, como traduções mais plausíveis “bom servidor/rapaz” ou “servo/servidor do bem”, ainda que outras possam ser postuladas em função da etimologia apurada para o segundo membro do composto (Schmidt, 1957, p. 273; Evans, 1967, p. 472). \**Sumagus* deve denominar um fabricante de *terra sigillata* de La Graufesenque (Schmidt, 1957, p. 273; Delamarre, 2007, p. 174), que surge epigraficamente atestado como SVMAC, SVMACI, SVMACO, SVMACOS e SVMACVS (Schmidt, 1957, p. 273; Evans, 1967, p. 472; Bémont, 1976, p. 79, n.º 391; Marichal, 1988, pp. 67, 71, 72-73, 93, n. 132, 269; Genin & Schenk-David, 2007, p. 287). No entanto, como bem lembra D. Ellis Evans (1967, p. 472), uma tal relação linguística seria dificilmente disputável se não fossem conhecidos diversos grafitos com idêntica proveniência que testemunham o NP SVMMACOS/SVMMACO (Evans, 1967, p. 472; Bémont, 1976, p. 79, n.º 391; Marichal, 1988, pp. 67, 71, 72-73, 93, n. 132, 269; Genin & Schenk-David, 2007, p. 287). Caso SVMAC, SVMACI, SVMACO, SVMACOS e SVMACVS não passem de variantes gráficas de SVMMACOS/SVMMACO, a geminação gráfica da bilabial nasal, conquanto utilizada de forma inconsistente, constitui um forte indício de uma correspondência, já admitida por Schmidt (1957, p. 273), com o NP grego Σύμμαχος/*Symmachus* (Evans, 1967, p. 472; Marichal, 1988, pp. 59, 67, 93, n. 132, 269; Adams, 2003, pp. 707, 708; Bémont, 2004, pp. 118-119), precisamente o mesmo que, segundo a opinião expressa por Jürgen Untermann (2001, p. 620, n. 20), surge iberizado como **subaCe**. Bem menos provável se afigura qualquer associação entre SVMMACVS (e variantes) e o NP latino “SVMMVS, peu courant, et ses quelques dérivés” (Genin & Schenk-David, 2007, p. 308); seria, em contrapartida, plausível relacionar este último, duplamente atestado na Hispânia (*OPEL* 4, p. 99), com o(s) (N)NP **sube/sube**], em alternativa à interpretação que abaixo lhe(s) conferimos.

Não obstante a verosimilhança de que se reveste a proposta formulada por Untermann, parece-nos mais razoável tentar enquadrar **neitinCe** e **subaCe** num único idioma. Deste modo, conquanto reconhecamos a circularidade de que se reveste parte da argumentação por nós esgrimida, não há, tanto quanto sabemos, qualquer motivo que impeça a inclusão de ambos os NNP na antroponímia galesa. Assim, no tocante a SVMMACOS/SVMMACO, não nos repugna admitir a possibilidade de este consistir num “nome de assonância” (Raepsaet-Charlier, 2005, pp. 229-230) construído em grego (e não, como é habitual, em latim) a partir de \**Sumagus*, de preferência a \**Sumagos* (Schmidt, 1957, p. 273), o que não surpreenderia num ambiente marcado pela forte presença de escravos e libertos, como seria o das olarias de *Condatomagos*. É, com efeito, bem conhecido o peso que a antroponímia grega assumia entre os membros do mais baixo estrato social, decerto por imposição, ao menos numa primeira fase, de quem os comprava ou vendia (Solin, 1969, pp. 355-357; Lozano, 1993, pp. 366-374; García Ramón, 2001, p. 112; McLean, 2002, p. 127; Lassère, 2005, pp. 137-140). A confirmar-se a nossa suspeita de que SVM(M)ACOS/SVM(M)ACO pode recobrir um NP gaulês, seja ele \**Sumagus* ou \**Sumagos*, ficam à vista outras razões, decerto mais prosaicas, para a adopção de uma antroponímia grega entre o mundo servil dos inícios do Império, além das que reflectem de algum modo o nível sócio-cultural dos proprietários/patronos. As diversas manifestações a que este fenómeno esteve sujeito na Hispânia mereceu de José Cardim Ribeiro (2000, *passim*) um importante estudo, no qual, de resto, o referido investigador, sem entrar em pormenores, não deixava de aludir ao “mundo indígena (...) oculto sob múltimos antropónimos latinos – e mesmo gregos – (...)” (Cardim Ribeiro, 2000, p. 421).

Na procura de paralelos para **subaCe** no mesmo âmbito linguístico, não podemos deixar de o comparar com o NL (ou NP?) ΣΟΜΑ[ (*RIG* I, p. 123-125, n.º 108; Lambert, 2003<sup>2</sup>, p. 90), sendo esta comparação legitimada pela convicção de que \**so-* constitui variante fonética do prefixo \**su-*



(Degavre, 1998, p. 391; Bats, 2003, p. 163, n. 64; Delamarre, *DLG*, p. 283, 2007, p. 232). No entanto, a mutilação que afecta **ΣOMA** coíbe-nos de ir mais longe na sua análise.

Recentemente, Luján Martínez (*ad HEp* 13, 415) veio, no seguimento de diversos autores (entre os quais, o signatário), advogar a inserção de **subaCe** na antroponímia ibérica. No intuito de justificar a respectiva divisão em **sube** + suf. **-(a)Ce**, Luján aduziu como paralelos os NNP **sube** (Pera, 2005 [2006], p. 321, 324; *HEp* 13, 395) e **sube[** (Pera, 2005 [2006], p. 321, 323, 324; *HEp* 13, 415) gravados em duas inscrições também recolhidas em Guissona. Em idêntico sentido se pronunciou recentemente Ferrer i Jané (2006 [2008], p. 137). Todavia, os dados comparativos à nossa disposição deixam entrever a forte probabilidade de que ambas as sequências abreviem um NP gaulês iniciado por *Sume(...)*. Assim sendo, parece-nos inteiramente lícito o cotejo de **sube** (ou **sube[**) com os NNP celtas SOMENARIS (gen.) (Gorrochategui, 1984, p. 272, n.º 339; Delamarre, 2007, pp. 171, 227, 233), SVME[ (Genin & Schenck-David, 2007, p. 250, n.º 411), SVMEL[, SVMELA, SVMELI[, SVMELO, SVMELONIVS, SVMELVS (Schmidt, 1957, p. 273; Evans, 1967, pp. 114-116; Billy, 1993, p. 140; Degavre, 1998, p. 395; *OPEL* 4, p. 99; Delamarre, 2007, pp. 174-175, 233; Raybould & Sims-Williams, 2007a, pp. 77, 185, 2007b, pp. 120, 196; Falileyev, 2007, p. 135), SVMEN[ (Billy, 1993, p. 140; *OPEL* 4, p. 99; Delamarre, 2007, p. 175), SVMENVCOS (Billy, 1993, p. 140) e SVMER(E) (*OPEL* 4, p. 99; Raybould & Sims-Williams, 2007b, p. 11).

Na adaptação da antroponímia gaulesa à escrita ibérica, não pode, todavia, ser escamoteada a circunstância de a fricativa alveolar surda ser, na esmagadora maioria dos casos, representada em posição inicial por <ś>, reconhecendo-se, até ao momento, **suauge** (B.1.66) como única excepção a algo que tem sido entendido como regra (Correa, 1993b, pp. 109-110), mas que afinal poderá não passar de uma tendência, possivelmente circunscrita no espaço e no tempo, agora mitigada pelos contributos de **subaCe**, **sube** e **sube[**, aos quais se devem juntar as inscrições monetárias **sotiarnai**, **sotiarni** e **sotiśaliř** (v. *supra*, p. 83).

Além de **subaCe**, **sube** e **sube[**, é de admitir a atestação de mais um NP documentado na epigrafia ibérica de *Iesso* passível de pertencer à onomástica gaulesa; estamos a referir-nos a **latu[** (Velaza, 2006b [2007b], p. 304; *HEp* 13, 416).

Um pouco mais a sul, em **cese/Tarraco**, encontramos o NP **ledaon** (C.18.9), que poderá ser também relacionado com a onomástica céltica, se o mesmo partilhar com outros NNP o radical *ledu-*, *led-*, *laed-* (Delamarre, 2007, p. 224).

Também a legenda monetária **baCarTaCi** (Villaronga, 1998, p. 125, n.º 303) é susceptível de corresponder a um NP gaulês (dvandva), *\*Macartagios*, composto por *macar-* (Evans, 1967, pp. 364-365; Prósper, 2002, p. 185; Delamarre, *DLG*, p. 212, 2007, p. 225) e por *tago-* (Delamarre, *DLG*, pp. 431, 438, 2007, p. 233), caso a mesma não identifique um NP ibérico ou não contenha o NL *\*Bagar(a/o)*, do qual deriva o localício BAGARENSIS (TSall) (Faria, 2004b, p. 177, 2007a, p. 166). Aliás, esta última hipótese é, na nossa óptica, a mais plausível das três.

**śaiabi**. Moedas. *\*śaitabir/śaitabi* (Xàtiva, Valência). CNH 316:1.

Não obstante algumas dúvidas decorrentes do desgaste que afecta os raros exemplares pertencentes ao grupo II.6 definido por Ripollès (2007, p. 23) para as moedas de *\*śaitabir/śaitabi*, manifestamos a nossa adesão à transliteração da legenda do reverso apresentada com as pertinentes reservas por este distinto numismata. Resta saber de que maneira é possível relacionar **śaiabi** com o nome da ceca. Caso o NL primitivo tenha mesmo sido **śaiabi**, a oclusiva dental presente em **śaitabi** poderia configurar uma consoante epentética de ligação entre ambos os membros do composto. A inserção da oclusiva dental surda, talvez dotada de uma função eufónica, parece documentar-se em determinados nomes bascos medievais, em posição intervocálica ou após sibi-



lante, com especial incidência nos terminados em *-egi*, *-hegi* > *-tegi* e *-oki* > *-toki*, sendo também reconhecível nos que apresentam *-haran* > *-tharan* e *-oste* > *-toste* como componentes finais (Azkue, 1920, p. 171; Bähr, 1948, p. 175; Michelena, 1977<sup>2</sup>, p. 250; Orpustan, 1999, pp. 96-99, 250-256, 2000c, pp. 296-298). Foi esta a análise morfológica do NL **śaitabi** (**śai-t-abi**) que o professor Michel Morvan nos fez chegar em mensagem electrónica (datada de 20/02/08), sem que a legenda **śaiabi** tivesse sido por ele invocada como argumento favorável a tal exegese. Importaria, no entanto, levar a investigação um pouco mais longe e averiguar se a epêntese propugnada por Morvan poderá ser detectada noutros compostos toponímicos ibéricos. Não podem, neste sentido, ser ignorados os indícios de que a mesma ocorra em **-turgi** (De Hoz, 1989, p. 554, 2001 [2002], p. 132; Untermann, 1989, p. 441, n. 40, 2001, p. 623, n. 29; Faria, 1995b, p. 325, 2003a, p. 313, 2007a, p. 217; Velaza, 1998, p. 73, 2006c [2007c], p. 251; Corzo & al., 2007 [2008], p. 255, n. 9), estando **urgi** atestado no NP VRGIDAR (TSall) e no NL (*Castrum Iulium*) *Vrgia* (Plin. nat. 3.15). Caso **aidurgi** (G.16.3, .4) não documente o segmento em análise (Silgo, 1994, p. 34; Pérez Orozco, 2007, p. 108), teremos de retirar a crítica que dirigimos (Faria, 2002a, p. 122) a uma afirmação produzida por Untermann (2001, p. 623, n. 19), rectificando, também esta, uma posição por ele assumida anos antes em sentido diverso (*MLHI* 1, p. 219), segundo a qual **urgi** se documenta até agora apenas como primeiro membro de compostos.

Se a oclusiva dental observável em **śaitabi** não passar de uma consoante de ligação, tal como prescreve Morvan, ficará em risco a individualização do formante **tabi**(**ř?**) (Faria, 2007a, p. 178, 2007b, p. 225), que pensamos ter também isolado em **carestabicir** (F.13.3), **tařtabiegi** (Campmajó & Untermann, 1993, pp. 511, 519) e **řrtabir** (Aquilué & Velaza, 2001, p. 282; *HEp* 11, 264). Nesta eventualidade, haveria talvez que fazer corresponder este elemento ao que figura em posição inicial nos NNP *Abilux* (Albertos, 1966, p. 3), ABISVNHARI (dat.) (Gorrochategui, 1984, pp. 121-122, n.º 2; Abascal, 1994, p. 255) e ABISONIVS (Abascal, 1994, p. 255).

Seja como for, tenha, ou não, havido epêntese, não vemos razões de peso que nos levem a renunciar à nossa interpretação de **śaitabi** como ‘ninho de abutre(s)’ (v., no entanto, *infra*).

É interessante sublinhar que a legenda monetária **śaiabi** se faz acompanhar da representação de uma ave e de uma mosca, figurando **śai** sobre a primeira e **abi** imediatamente abaixo da segunda. Não nos repugnaria admitir que, tal como a ave (Faria, 2007a, p. 177), também a mosca, independentemente da verdadeira etimologia do topónimo em discussão, entrasse na categoria dos chamados “types parlants”, que já tínhamos detectado na numária de **śaitabi** (Faria, 2007a, p. 178), estando sobretudo atestados na iconografia monetária grega. Teríamos assim, por um lado, **śai** = *sai* ‘abutre’ e **abi** = (*h*)*abe* ‘moscardo’, termo que deverá pertencer ao léxico patrimonial basco (*TEV* I, pp. 279-280; Trask, 2008, p. 74), em dissonância com o parecer emitido por Hugo Schuchardt (1912, p. 34), que o fazia remontar ao lat. *ape(m)* ‘abelha’, menosprezando claramente a comparência inesperada de <b> no lexema basco, em vez de <p>, que seria o grafema apropriado (Bähr, 1936, p. 86, n. 3).

É certo que a ave gravada nos reversos das moedas divisionárias em questão dificilmente representará um abutre ou qualquer outro rapace, apontando a configuração do respectivo bico para a eventualidade de a mesma corresponder a um pato (Ripollès, 2007, p. 51). No entanto, não é menos verdade que desconhecemos por completo o grau de especialização ou de restrição semântica que um ornitónimo como **śai** possuiria há mais de 2000 anos. Neste sentido, não poderá ser subestimado o facto de o vocábulo basco correspondente a ‘pato’ constituir indubitavelmente um empréstimo latino: basc. *ahate* < lat. *anate(m)* (Michelena, 1977<sup>2</sup>, p. 300).

Lamentavelmente, nenhum proveito pode ser extraído da análise do NL latinizado SAETABIS formulada por García Sánchez (2007, p. 34), que lhe permitiu isolar “el sufijo ibérico *-be* transformado en *-bis*”.

**šeloncen.** Moedas. \**Selo* (localização indeterminada). CNH 438:1.

Sabemos de antemão que a correspondência entre **nero(ncen)** e *Nar(b)o* nunca foi devidamente demonstrada (MLHI 1, p. 159). No entanto, se aceitarmos que a equiparação entre **neroncen** e *Narbonensium*, se bem que inexplicada — pelo menos por enquanto (De Bernardo Stempel, 2006 [2007], p. 53 e n. 62) —, não pode, de modo nenhum, ser fruto do acaso, cremos que fica de algum modo legitimado, apesar das diferentes consoantes líquidas, o reenvio de **šeloncen** e de *Salluuiorum*, implicitamente negado por Patrizia de Bernardo Stempel (2006 [2007], pp. 46, 53), para uma única base onomástica.

Significará este raciocínio — cuja natureza altamente especulativa não podemos deixar de sublinhar — que **šeloncen** e *Salluuiorum* correspondem a um só NE? É muito pouco provável que tal se verifique, atendendo à grande distância a que o território outrora ocupado pelos Salúvios se encontra dos vestígios mais ocidentais da utilização do ibero. Não há quaisquer provas de que **šeloncen** derive de um NL; contudo, nesta eventualidade, o NL em causa teria sido \**Selo* (MLHI 1, p. 159), de preferência a \**Selon* (Richard, 1971, p. 379, n. 10), não podendo, à luz do cotejo com **nero(ncen)** ~ *Nar(b)o*, ser descartadas outras alternativas como \**Selbo*, \**Seluo*, \**Sal(b)o* ou mesmo \**Sal(u)o*.

**šigara.** Moeda. **šigara**/*Sigarra* (Els Prats de Rei, Anoia, Barcelona). CNH 513:31A.

O presente NL deve ser identificado com *Sigarra*, atestado em Ptolemeu (2.6.63) e em duas inscrições latinas: SIGARRENS(*is*) (gen.) e SEGARRENSIS (Faria, 1997, p. 110, 2004b, p. 186). Aquele é segmentável em **šigar-a**, a exemplo de vários outros NNL ibéricos que exibem o sufixo toponímico *-a*: **bersa**, **etogísa**, EGARA, **ildicira** e Λάσσιρα/\**Lessera* < \**lesira* (\**lasira*) (Faria, 2000a, p. 132, 2003a, p. 314, 2004a, p. 283, 2005a, p. 277).

Diversamente do que postula Pérez Almoquera (2001-2002 [2004], p. 251, 2008, p. 57), quando, em 1997, e não em 2000, nos decidimos por transliterar a legenda em questão como **šigara** em detrimento de **šikarbi**, já Almagro (1995b, p. 255) havia tomado a mesma opção, preferindo **šikara**. Leandre Villaronga (CNH, p. 513), por seu lado, admitiu a pertinência de qualquer das duas transliterações. Antes de 1997, considerámos que **šikarbi** constituía a transliteração correcta de um suposto NP cuja segmentação seria **šic(e)-arbi** (Faria, 1994b, p. 53, n.º 346, 1995a, p. 85, 1996b, p. 172).

O facto de termos alterado a nossa perspectiva sobre a leitura e a interpretação da legenda em apreço não confere a Jesús Rodríguez Ramos (2002a [2003a], pp. 254, 267) nenhuma legitimidade para se assumir como autor da identificação do pretense NP **šicarbi** e da sua segmentação em **šic(e)-arbi**.

Nos textos acima citados, Pérez Almoquera (2001-2002 [2004], p. 251, 2008, p. 57) esqueceu-se de referir quem defendeu pela primeira vez a correspondência entre a legenda monetária ibérica de que nos vimos ocupando e o NL *Sigarra*, atestado em Ptolemeu (2.6.63) e em duas inscrições latinas (Faria, 1997, p. 110).

O único paralelo que conhecemos para **šigar** figura em (PAGI) SEGARDENENSIS (gen. sg.) (Beltrán, F., 2006, *passim*; HEP 13, 731) / (PAGO) SEGARDINENSSIVM (gen. pl.) (Beltrán, M., 1977, p. 1064), não havendo nenhum documento passível de validar o uso de \**Segardenses* como NE (*contra*, Sims-Williams, 2006, p. 237).

Apesar da analogia com SEGARRENSIS, que, em face do testemunho em escrita ibérica, julgamos ser formação secundária — condicionada pelo acento — relativamente a SIGARRENS(*is*) < **šigara** (Faria, 1997, p. 110, 2000a, p. 132, 2000b, p. 64), o NL de que deriva o localício SEGARDENENSIS/SEGARDINENSSIVM deve remontar, pelo mesmo motivo, a \**šigardin*, de preferência a \**segardin*

(Beltrán, F., 2006, p. 161, n. 22). O segundo componente (ou sufixo: v. *infra*), por seu lado, figura no final do trimembre GESEL'AND'EN < \**ges'-elan-din* (Faria, 1995a, pp. 81-82, 1997, p. 106, 1998a, p. 234, 2000a, p. 123, 2003b, p. 215, 2004a, p. 306, 2006, p. 116). A menos que se trate de um substantivo comum (MLH I 1, p. 332; Faria, 1996b, p. 158) — e, neste caso, **CeśTin** constituiria a transliteração mais adequada —, também o NP **geśdin** (CNH 359:9) exhibe o mesmo elemento (Faria, 1994b, p. 45, n.º 174, 1995a, pp. 81-82, 2002a, p. 130, 2004a, p. 306). A circunstância de ocorrer invariavelmente em posição final, em conformidade com o que se verifica na morfologia basca (Lakarra, 1995, p. 192 e n. 2; Gorrochategui & Lakarra, 1996, p. 128; Trask, 1997, p. 210), induz-nos a acreditar que **din**, igualmente participante do segmento onomástico ibérico **ordin** (Faria, 2001, p. 102, 2002b, pp. 236-237), consiste num sufixo qualificativo.

Não deixa de valer a pena assinalar que, independentemente da procedência linguística de um e de outro, é possível descobrir em ELANDVS (Faria, 1998a, p. 234), nome de um dos *Segienses* pertencentes à conhecida *Turma Salluitana*, e em ENNEGES (Gorrochategui, 1993, p. 629; Faria, 1998a, p. 234), o respectivo patrónimo, dois dos elementos constituintes de GESELANDEN.

Escusado será dizer que as grosserias bolsadas por Rodríguez Ramos (2007 [2008], p. 100) — o inventor ou difusor de AGERNO, **aituatibof**, **arkiteibas**, **arsbikiskuekiar**, **arśkitar**, \**balarbaś* < Βλερυαξ, **biulako**, **bi]urtibaś**, **iltirbaś**, **kanisoř**, **neseltuko**, **otatiis**, SERGETON, TABBANTV, **śorśeiteker** e **urkailtu** — sobre o que escrevemos acerca deste último NP não irão merecer qualquer comentário da nossa parte.

**taścenYi**. Fragmento de jarro de cerâmica. Elné (Perpinhão, Pirenéus Orientais). MLH II B.9.2.

Não passaram muitos anos desde que Joan Ferrer i Jané (2005 [2006], p. 962) veio provar que a transliteração **boścenYi** (MLH II, p. 371; Faria, 2002a, p. 124) devia ser abandonada em favor de **taścenYi**.

Não vemos, contudo, quaisquer motivos que fundamentem a transformação de **taścenYi** em **taśc(a)enYi**. Assim sendo, a segmentação **taśc(a)-en-Yi**, prescrita por Ferrer (2005 [2006], p. 962), deve naturalmente dar lugar a **taśce-(e)n-Yi**. Convém ter em atenção que **taśce** deve constituir o resultado da iberização do NP gaulês *Tascos* (Evans, 1967, pp. 263-265; Billy, 1993, p. 143; Delamarre, DLG, p. 292, 2007, pp. 178, 233; Lacroix, 2007, pp. 94-98). Efectivamente, estamos na presença de mais um NP celta de tema em -o, cuja terminação na língua e na escrita ibéricas, a exemplo de muitos outros NNP pertencentes àquela língua indo-europeia, passou a ser -e (Correa, 1993b, *passim*). Tal facto ter-se-ia alegadamente devido à circunstância de a adaptação de nomes próprios latinos e celtas ao ibero se ter realizado a partir do vocativo, e não do nominativo (Correa, 1993b, p. 103, n. 9, 1994, p. 269). Na discussão deste tema, é, no entanto, conveniente levar em linha de conta que a apócope de lat. -us/-um se detecta igualmente em (paleo)basco (Michelena, 1969/1987, p. 95, n. 33, 1974/1987, pp. 203, 214, 1977<sup>2</sup>, p. 135; Irigoyen, 1990, pp. 29-30; Trask, 1997, p. 346). Partindo do princípio de que este é mais um fenómeno partilhado pelas morfologias (paleo)basca e ibérica, o facto de, pelo menos em (paleo)basco, a apócope referida se aplicar não só a NNP mas também a nomes comuns parece pôr em causa o uso do vocativo como único factor justificativo da redução de lat. -ius/m para ib. -i (Faria, 2000a, p. 137). Se, como parece, a inovação teve origem no âmbito da onomástica, e não no do léxico comum, dificilmente poderemos estar perante um caso de extensão analógica.

Seja como for, o motivo de que se valeu Correa já havia sido esgrimido com o propósito de explicar a apócope de lat. -us/-um detectável quer na epigrafia etrusca (Adams, 2003, pp. 177, 513-514, 2007, pp. 97-100), quer na epigrafia púnica do Norte de África (Adams, 2003, pp. 218-219, e n. 428, 2007, pp. 570-571). De resto, as inscrições norte-africanas redigidas em latim comprovam

que o uso do caso vocativo em nomes latinos em função nominativa perdurou por bastante tempo naquela região, ao contrário do que se verificou na Hispânia, onde esta prática foi rapidamente abandonada (Adams, 2003, pp. 512-515).

Se poucas serão as dúvidas de que **taſce** constitui o resultado da iberização do gaulês *Tascos*, já o NP que figura truncado no grafito B.1.134 não pode ser interpretado da mesma maneira. Efectivamente, desde que o supracitado estudo de Joan Ferrer (2005 [2006], *passim*) foi publicado, a transliteração **taſci**], conferida ao citado grafito (*MLH* II, p. 173; Siles, 1985, p. 190, n.º 776; Correa, 1993b, p. 111, 2001, p. 311; Luján, 2003, p. 233; Rodríguez Ramos, 2005a, p. 38), deixou de ser viável, devendo a mesma ser substituída por **daſci**]. Deste modo, a comparação de **daſci**] com os NNP gauleses TASGIVS, TASGILLVS, etc. (*MLH* II, p. 173; Correa, 1993b, p. 111; Rodríguez Ramos, 2005, p. 38) perdeu a sua razão de ser, afigurando-se mais verosímil a individualização deste NP, presumivelmente fragmentário, da base onomástica celta *das(s)-* (Delamarre, *DLG*, p. 136, 2007, p. 219; Falileyev, 2007, p. 82).

A propósito de NPP em escrita ibérica iniciados por < d >, não deixa de ser surpreendente que Artigues & al. (2007 [2008], pp. 242-243), ao tratarem do NP **deſailaur**, dividindo-o em **de-ſai(r)-laur** (outras decomposições pelo menos tão plausíveis como esta foram esquecidas por completo), tenham eludido o facto de não estarem até hoje inquestionavelmente documentados nomes próprios ibéricos iniciados por dental sonora (Michelena, 1957/1995, p. 112; Quintanilla, 1998, pp. 38, 271-272; Ballester, 2001 [2002], p. 27). Tratar-se-á de um NP híbrido iniciado pelo radical celta *dexs-/dess-* (Albertos, 1966, pp. 105-106; Delamarre, *DLG*, p. 143, 2007, p. 219; Prósper, 2005, p. 244 e n. 255, 2008, p. 163)?

## BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- ABASCAL PALAZÓN, J. M. (2002) [2003] - Téseras y monedas. Iconografía zoomorfa y formas jurídicas de la Celtiberia. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, pp. 9-35.
- ABASCAL PALAZÓN, J. M.; ALMAGRO GORBEA, M.; CEBRIÁN FERNÁNDEZ, R. (2006) - Segóbriga: *caput Celtiberiae* and Latin *municipium*. In ABAD CASAL, L.; KEAY, S.; RAMALLO ASENSIO, S., eds. - *Early Roman towns in Hispania Tarraconensis*. Portsmouth, RI: Journal of Roman Archaeology, pp. 185-196.
- ADAMS, J. N. (2003) - *Bilingualism and the Latin language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ADAMS, J. N. (2007) - *The regional diversification of Latin 200 BC-AD 600*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ALBAIGÈS OLIVART, J. M.ª (1998) - *Enciclopedia de los topónimos españoles*. Barcelona: Planeta.
- ALBERTOS FIRMAT, M.ª L. (1961) - L'indo-européen et l'anthroponymie ibérique. In PUCHNER, K., ed. - *VI. Internationaler Kongress für Namenforschung. München: 24. - 28. August 1958. Kongressberichte. Band II*. München: Bayerische Akademie der Wissenschaften, pp. 82-87.
- ALBERTOS FIRMAT, M.ª L. (1964) - Nuevos antropónimos hispánicos. *Emerita*. Madrid. 32:2, pp. 209-252.
- ALBERTOS FIRMAT, M.ª L. (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Universidad.
- ALBERTOS FIRMAT, M.ª L. (1970) - Álava prerromana y romana: estudio lingüístico. *Estudios de Arqueología Alavesa*. Vitoria. 4, pp. 107-233.
- ALLEN, D. F. [NASH, D., ed.] (1980) - *The coins of the ancient Celts*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- ALMAGRO GORBEA, M. (1995a) - Aproximación paleoetnológica a la Celtiberia meridional: las serranías de Albarracín y Cuenca. In BURILLO, F., ed. - *Poblamiento celtibérico: III Simposio sobre los Celtíberos (Daroca, 1991)*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", pp. 433-446.
- ALMAGRO GORBEA, M. (1995b) - La moneda hispánica con jinete y cabeza varonil: ¿tradicción indígena o creación romana? *Zephyrus*. Salamanca. 48, pp. 235-266.
- ALMAGRO GORBEA, M. (2002) [2003] - Una probable divinidad tartésica identificada: *Niethos/Netos*. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, pp. 37-70.
- ALMAGRO GORBEA, M.; ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1999) - *Segóbriga y su conjunto arqueológico*. Madrid: Real Academia de la Historia.

- ALMAGRO GORBEA, M.; ABASCAL PALAZÓN, J. M. (2008) - *Termes e Segobriga* y los orígenes del culto imperial en Hispania. In LA ROCCA, E.; LÉON ALONSO, P.; PARISI PRESICCE, C., eds. - *Le due patrie acquisite: studi di archeologia dedicati a Walter Trillmich*. Roma: "L'Erma" di Bretschneider, pp. 15-25.
- AQUILUÉ ABADÍAS, X.; VELAZA FRÍAS, J. (2001) [2002] - Nueva inscripción ibérica ampuritana. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, pp. 277-289.
- ARÉVALO GONZÁLEZ, A. (2005) - *Sylloge Nummorum Graecorum España. 2: Hispania. Ciudades del area meridional. Acuñaciones con escritura indígena*. Madrid: Museo Arqueológico Nacional.
- ARÉVALO GONZÁLEZ, A. (2008) - La organización y producción de moneda en la *Hispania Ulterior*. In CAMPO, M., ed. - *Els tallers monetaris: organització i producció, 27 i 28 novembre 2008: XII Curs d'història monetària d'Hispania*. Barcelona: Gabinet de Numismàtica de Catalunya, pp. 43-57.
- ARTEAGA MATUTE, O.; CORREA RODRÍGUEZ, J. A. (1994) - Inscripción vascular indígena hallada en Obulco (Porcuna, Jaén) y su contexto arqueológico. In MANGAS MANJARRÉS, J.; ALVAR EZQUERRA, J., eds. - *Homenaje a José M<sup>a</sup> Blázquez. 2*. Madrid: Ediciones Clásicas, pp. 45-58.
- ARTIGUES I CONESA, P. LI.; CODINA I REINA, D.; MONCUNILL MARTÍ, N.; VELAZA FRÍAS, J. (2007) [2008] - Un colgante ibérico hallado en Can Gambús. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 7, pp. 239-250.
- ARZAMENDI SÁEZ DE IBARRA, J. (1985) - *Términos vascos en documentos medievales de los ss. XI-XVI*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- AZKUE ABERÁSTURI, R. M.<sup>a</sup> (1920) - De la composición vasca. *Revue Internationale des Etudes Basques*. Paris. 11:3, pp. 161-173.
- BÄHR, G. (1948) - Baskisch und Iberisch II. Das Baskische. *Eusko-Jakintza*. Bayonne. 2:2-3, pp. 167-194.
- BALLESTER GÓMEZ, X. (2001) [2002] - La adfinitas de las lenguas aquitana e ibérica. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, pp. 21-33.
- BALLESTER GÓMEZ, X. (2005) [2006] - Lengua ibérica: hacia un debate tipológico. In BELTRÁN LLORIS, F.; JORDÁN CÓLERA, C.; VELAZA FRÍAS, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX: actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), pp. 361-392.
- BALLESTER GÓMEZ, X. (2007) - Tres posibles diáglorias arqueoibéricas. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 8, pp. 11-36.
- BALLESTER GÓMEZ, X. (2008a) - Del latín [ibérico] al romance [catalán]. In *Del llatí al romanç, com hem emplenat el buit?: III Jornada de l'Associació d'Amics del Professor Antoni M. Badia i Margarit (Barcelona, 17 de maig de 2007)*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, pp. 61-95.
- BALLESTER GÓMEZ, X. (2008b) - Las inscripciones arqueoibéricas sobre cerámica de La Rioja: una revisión de detalle. *Kakakorikos*. Calahorra. 13, pp. 195-212.
- BARRANDON, N. (2006) [2008] - L'affirmation des élites indigènes en Hispanie septentrionale à l'époque républicaine. *Saldue*. Zaragoza. 6, pp. 161-183.
- BATS, M. (2003) - Ligyens et Salyens d'Hécatee à Strabon. In BATS, M.; DEDET, B.; GARMY, P.; JANIN, T.; RAYNAUD, C.; SCHWALLER, M., eds. - *Peuples et territoires en Gaule méditerranéenne: Hommage à Guy Barriol*. Montpellier: Association de la *Revue Archéologique de Narbonnaise*, pp. 147-166.
- BELASKO ORTEGA, M. (1999<sup>2</sup>) - *Diccionario etimológico de los nombres de los pueblos, villas y ciudades de Navarra: apellidos navarros*. 2.<sup>a</sup> ed. (1996<sup>1</sup>). Pamplona: Pamiela.
- BELTRÁN LLORIS, F. (1980) - *Epigrafía latina de Saguntum y su territorium*. Valencia: Servicio de Investigación Prehistórica (Serie de Trabajos Varios; 67).
- BELTRÁN LLORIS, F. (2006) - An irrigation decree from Roman Spain: the *Lex Rivi Hiberiensis*. *The Journal of Roman Studies*. London. 96, pp. 147-197.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1977) - Una celebración de ludi en territorio de Gallur (Zaragoza). In *Crónica del XIV Congreso Arqueológico Nacional (Vitoria, 1975)*. Zaragoza: Secretaría General de los Congresos Arqueológicos Nacionales, pp. 1061-1070.
- BÉMONT, C. (1976) - *Recherches méthodologiques sur la céramique sigillée: les vases estampillés de Glanum*. Roma: École Française de Rome.
- BÉMONT, C. (2004) - L'écriture à La Graufesenque (Millau, Aveyron): les vaisselles sigillées inscrites comme sources d'information sur les structures professionnelles. *Gallia*. Paris. 61, pp. 103-131.
- BENAGES I OLIVÉ, J. (1990) - Escritura ibérica sobre plom. *Butlletí Arqueològic*. Tarragona. Època V. 12, pp. 41-47.
- BILLY, P.-H. (1993) - *Thesaurus Linguae Gallicae*. Hildesheim [etc.]: Olms-Weidmann.
- BILLY, P.-H. (2004) - Notes de lecture. *Nouvelle Revue d'Onomastique*. Paris. 43-44, pp. 285-286.
- BURILLO MOZOTA, F. (2007<sup>2</sup>) - *Los celtíberos: etnias y estados*. 2.<sup>a</sup> ed. (1998<sup>1</sup>). Barcelona: Crítica.
- CADIOU, F. (2008) - *Hibera in terra miles: les armées romaines et la conquête de l'Hispanie sous la république (218-45 av. J.-C.)*. Madrid: Casa de Velázquez.
- CAMPMAJÓ, P.; UNTERMANN, J. (1993) - Les influences ibériques dans la Haute Montagne catalane: le cas de la Cerdagne. In UNTERMANN, J.; VILLAR LIÉBANA, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 499-520.
- CANTO Y DE GREGORIO, A. M.<sup>a</sup> (1997) - La Tierra del Toro. Ensayo de identificación de ciudades vasconas. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 70, pp. 31-70.
- CARDIM RIBEIRO, J. (2000) - Antroponímia e helenização cultural na Hispânia romana. In HIPÓLITO, M. C.; METCALF, D. M.; CABRAL, J. M. P.; CRUSAFONT I SABATER, M., eds. - *Homenagem a Mário Gomes Marques*. Sintra: Instituto de Sintra, pp. 419-454.

- CARO BAROJA, J. (1945) - *Materiales para una historia de la lengua vasca en su relación con la latina*. Salamanca: Universidad.
- CARO BAROJA, J. (1947/1988<sup>3</sup>) - La geografía lingüística de la España antigua a la luz de la lectura de las inscripciones monetales. *Boletín de la Real Academia Española*. Madrid. 26:121, pp. 197-243 [= *Sobre la lengua vasca y el vasco-iberismo*. San Sebastián: Txertoa. 3.ª ed. (1979<sup>1</sup>), pp. 121-169].
- CASARES SÁNCHEZ, J. (1945) - El silabismo en la escritura ibérica. *Boletín de la Real Academia Española*. Madrid. 24, pp. 11-39.
- CASARIEGO CÓRDOBA, A.; CORES URÍA, G.; PLIEGO HERRERA, F. (1987) - *Catálogo de plomos monetiformes de la Hispania antigua*. Madrid: Artis Traditio.
- CHALON, M.; FLORENÇON, P. (2002) - Notes archéologiques et historiques. *Archéologie en Languedoc*. Lattes. 26, pp. 159-170.
- CHAPA BRUNET, T. (2008) - [Recensão de] RUIZ RODRÍGUEZ, A.; MOLINOS MOLINOS, M. (2007) - *Iberos en Jaén*. Jaén: Universidad. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 65:2, pp. 177-179.
- CHIC GARCÍA, G. (2001) - *Datos para un estudio socioeconómico de la Bética: marcas de alfar sobre ánforas olearias*. Écija: Gráficas Sol.
- CIL II Suppl. = HÜBNER, E. (1892) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Hispaniae Latinae Inscriptionum Supplementum*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II<sup>2</sup>/7 = STYLOW, A. U.; GONZÁLEZ ROMÁN, C.; ALFÖLDY, G. (1995) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars VII: conuentus Cordubensis*. Berlin-New York: Walter de Gruyter.
- CIL II<sup>2</sup>/14(1) = ALFÖLDY, G.; CLAUSS, M.; MAYER OLIVÉ, M.; CORELL VICENT, J.; BELTRÁN LLORIS, F.; FABRE, G.; MARCO SIMÓN, F.; RODÀ DE LLANZA, I. (1995) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars XIV: conuentus Tarraconensis. Fasc. I: Pars meridionalis conuentus Tarraconensis*. Berlin-New York: Walter de Gruyter.
- CIERBIDE MARTINENA, R. (1996) - Leyre: onomástica del Becerro Antiguo: consideraciones. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 71, pp. 119-134.
- CIERBIDE MARTINENA, R. (2005) - El nombre de los navarros. In RAMÍREZ SÁDABA, J. L., ed. - *La onomástica en Navarra y su relación con la de España: actas de las Primeras Jornadas de Onomástica (Pamplona, 2003)*. Pamplona: Universidad Pública de Navarra, pp. 15-34.
- CNH = VILLARONGA I GARRIGA, L. (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- CORELL VICENT, J. (2005) - *Inscripcions romanes del País Valencià, II. 1. L'Alt Palància, Edeba, Lesera i els seus territoris. 2. Els mil·liaris del País Valencià*. València: Universitat.
- COROMINAS I VIGNEAUX, J. (1972) - *Tópica hespérica: estudios sobre los antiguos dialectos, el substrato y la toponimia romances*. 2.º vol. Madrid: Gredos.
- CORREA RODRÍGUEZ, J. A. (1989) - Inscripción vascular indígena hallada en Baeza. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 19, pp. 183-189.
- CORREA RODRÍGUEZ, J. A. (1992) - Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *AIQN*. Napoli. 14, pp. 253-291.
- CORREA RODRÍGUEZ, J. A. (1993a) - [Recensão de] UNTERMANN, J. - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberische Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Habis*. Sevilla. 24, pp. 328-332.
- CORREA RODRÍGUEZ, J. A. (1993b) - Antropónimos galos y ligures en inscripciones ibéricas. In ADIEGO LAJARA, I.-J.; SILES RUIZ, J.; VELAZA FRÍAS, J., eds. - *Studia palaeohispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*. Barcelona: Universitat, pp. 101-116.
- CORREA RODRÍGUEZ, J. A. (1994) - La lengua ibérica. *Revista Española de Lingüística*. Madrid. 24:2, pp. 263-287.
- CORREA RODRÍGUEZ, J. A. (2001) - Las silbantes en ibérico. In VILLAR LIÉBANA, F.; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M.ª P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 305-318.
- CORREA RODRÍGUEZ, J. A. (2002) [2003] - La distribución de las oclusivas orales en la toponimia prerromana de la Bética. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, pp. 133-139.
- CORREA RODRÍGUEZ, J. A. (2004) - Los semisilabarios ibéricos: algunas cuestiones. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 5, pp. 75-98.
- CORREA RODRÍGUEZ, J. A. (2004) [2005] - Leyenda monetar y toponimia. In CHAVES TRISTÁN, F.; GARCÍA FERNÁNDEZ, F. J., eds. - *Moneta qua scripta. La moneda como soporte de escritura: actas del III Encuentro Peninsular de Numismática Antigua Osuna (Sevilla) febrero-marzo 2003*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Sevilla: Universidad - Fundación El Monte, pp. 15-23.
- CORREA RODRÍGUEZ, J. A. (2005) [2006] - Del alfabeto fenicio al semisilabario paleohispánico. In BELTRÁN LLORIS, F.; JORDÁN CÓLERA, C.; VELAZA FRÍAS, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX: actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), pp. 137-154.
- CORREA RODRÍGUEZ, J. A. (2008) - Crónica epigráfica del Sudeste I. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 8, pp. 253-291.
- CORZO SÁNCHEZ, S.; PASTOR MUÑOZ, M.; STYLOW, A. U.; UNTERMANN, J. (2007) [2008] - *Betatun*, la primera divinidad ibérica identificada. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 7, pp. 251-262.
- CRUSAFONT I SABATER, M. (2006) [2007] - Dracmes i divisors ibèrics inèdits en una troballa a la Ribera d'Ebre. *Acta Numismàtica*. Barcelona. 36, pp. 39-53.
- CURCHIN, L. A. (1997) - Celticization and Romanization of toponymy in Central Spain. *Emerita*. Madrid. 65:2, pp. 257-279.

- CURCHIN, L. A. (2008) - Place-names of the Ebro Valley: their linguistic origins. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 8, pp. 13-33.
- DCPH II = GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, M.<sup>a</sup> P.; BLÁZQUEZ CERRATO, C. (2001) [2002] - *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos. Con una introducción a la numismática antigua de la Península Ibérica. Volumen II: catálogo de cecas y pueblos que acuñan moneda*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Colección Textos Universitarios; 36).
- DE BERNARDO STEMPEL, P. (2002) [2003] - Centro y áreas laterales: la formación del celtibérico sobre el fondo del celta peninsular hispano. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, pp. 89-132.
- DE BERNARDO STEMPEL, P. (2006) [2007] - From Liguria to Spain: unaccented \*yo> (y)e in Narbonensic votives ('Gaulish' ΔEKANTEM), Hispanic coins ('Iberian' -(sk)en) and some theonyms. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 6, pp. 45-58.
- DE BERNARDO STEMPEL, P. (2007) - Varietäten des Keltischen auf der Iberischen Halbinsel: neue Evidenzen. In BIRKHAN, H., ed. - *Kelten-Einfälle an der Donau. Akten des vierten Symposiums deutschsprachiger Keltologinnen und Keltologen. Philologische – historische – archäologische Evidenzen. Konrad Spindler (1939-2005) zum Gedenken (Linz/Donau, 17.-21. Juli 2005)*. Wien: Österreichische Akademie der Wissenschaften, pp. 149-162.
- DEGAVRE, J. (1998) - *Lexique gaulois: recueil de mots attestés, transmis ou restitués et de leurs interprétations*. Bruxelles: Société Belge d'Études Celtiques.
- DELAMARRE, X. (2007) - *Nomina celtica antiqua selecta inscriptionum: (noms de personnes celtiques dans l'épigraphie classique)*. Paris: Errance.
- DEPEYROT, G. (2005) - *Le numéraire celtique, VI: de la Manche au Soissonais*. Wetteren: Moneta.
- DEVI = AGUD QUEROL, M.; TOVAR LLORENTE, A. (1989) - *Diccionario Etimológico Vasco, I: A - ARDUL*. Donostia-San Sebastián: Gipuzkoako Foru Aldundia/Diputación Foral de Guipúzcoa.
- DLG = DELAMARRE, X. (2003<sup>2</sup>) - *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental. 2<sup>e</sup> édition revue et augmentée. (2001<sup>1</sup>)*. Paris: Errance.
- DOLÇ I DOLÇ, M. (1951) - Los primitivos nombres de Huesca. *Argensola*. Huesca. 2:6, pp. 153-165.
- DOLÇ I DOLÇ, M. (1955) - ¿Una cita altoaragonesa en Marcial?. *Argensola*. Huesca. 6:21, pp. 15-21.
- EE = *Ephemeris Epigraphica: Corporis Inscriptionum Latinarum Supplementum*. Berlin: Reimer.
- E.R.Ter. = NAVARRO CABALLERO, M. (1994) - *La epigrafía romana de Teruel*. Teruel: Instituto de Estudios Turolenses; Zaragoza: Departamento de Ciencias de la Antigüedad, Arqueología; Pessac: Centre Pierre Paris, Université Michel de Montaigne, Bordeaux III.
- ESPÍN RAEI, J. (1940) - Un bronce ibérico desconocido de una serie ignorada. *Anales del Centro de Cultura Valenciana*. Valencia. Segunda Época. 9, pp. 39-41.
- EVANS, D. E. (1967) - *Gaulish personal names: a study of some Continental Celtic formations*. Oxford: Clarendon.
- FALILEYEV, A. (2007) - *Celtic Dacia: personal names, place-names and ethnic names of Celtic origin in Dacia and Scythia Minor*. Aberystwyth: CMCS Publications.
- FARIA, A. M. de (1990-1991) - Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12, pp. 73-88.
- FARIA, A. M. de (1991a) - [Recensão de] UNTERMANN, J. - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Conimbriga*. Coimbra. 30, pp. 187-197.
- FARIA, A. M. de (1991b) - Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, pp. 13-22.
- FARIA, A. M. de (1992) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, pp. 39-48.
- FARIA, A. M. de (1992-1993) - Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 13-14, pp. 277-279.
- FARIA, A. M. de (1993a) - A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. Lisboa. 12, pp. 145-161.
- FARIA, A. M. de (1993b) - [Recensão de] CURCHIN, L. A. - *The Local Magistrates of Roman Spain* (Phoenix, Supplementary volume; 28), Toronto: University of Toronto Press, 1990, 275 p. *Vipasca*. Aljustrel. 2, pp. 136-140.
- FARIA, A. M. de (1994a) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, pp. 65-71.
- FARIA, A. M. de (1994b) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Porto. Nova Série. 15, pp. 33-60.
- FARIA, A. M. de (1994c) - [Recensão de] VILLARONGA, L. - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A., 1994. *Vipasca*. Aljustrel. 3, pp. 121-124.
- FARIA, A. M. de (1995a) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, pp. 79-88.
- FARIA, A. M. de (1995b) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova Série. 16, pp. 323-330.
- FARIA, A. M. de (1996a) - [Recensão de] TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-29: Lisboa. *Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Emerita-Scallabis-Pax Iulia-Gades*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente-Ministerio de Cultura, 1995. *Conimbriga*. Coimbra. 35, pp. 227-234.
- FARIA, A. M. de (1996b) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, pp. 149-187.
- FARIA, A. M. de (1997) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, pp. 105-114.



- FARIA, A. M. de (1998a) - [Recensão de] QUINTANILLA, A. - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 232-240.
- FARIA, A. M. de (1998b) - [Recensão de] ALFARO, C.; ARÉVALO, A.; CAMPO, M.; CHAVES, F.; DOMÍNGUEZ, A.; RIPOLLÈS, P. P. (1998) - *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 241-256.
- FARIA, A. M. de (1998c) - [Recensão de] COLLANTES PÉREZ ARDÁ, E. (1997) - *Historia de las cecas de Hispania antigua*. [S.L.]: Arkis. *Vipasca*. Aljustrel. 7, pp. 123-126.
- FARIA, A. M. de (1998d) - [Recensão de] Javier VELAZA FRÍAS, *Epigrafía y lengua ibéricas* [Cuadernos de Historia; 16], Madrid: Arco Libros, S. L., 1996, 69 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 37, pp. 267-271.
- FARIA, A. M. de (1999a) - Novas notas de onomástica hispánica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, pp. 153-161.
- FARIA, A. M. de (1999b) - [Recensão de] *La moneda en temps d'August. Curs d'Història Monetaria d'Hispania. (13 i 14 de novembre de 1997)*. Barcelona: Gabinet Numismàtic de Catalunya del Museu Nacional d'Art de Catalunya; *La moneda en la societat ibèrica. II Curs d'Història monetaria d'Hispania. (26 i 27 de novembre de 1998)*. Barcelona: Gabinet Numismàtic de Catalunya del Museu Nacional d'Art de Catalunya. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, pp. 273-281.
- FARIA, A. M. de (2000a) - Onomástica paleo-hispánica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, pp. 121-151.
- FARIA, A. M. de (2000b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, pp. 61-66.
- FARIA, A. M. de (2001) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, pp. 95-107.
- FARIA, A. M. de (2002a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, pp. 121-146.
- FARIA, A. M. de (2002b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, pp. 233-244.
- FARIA, A. M. de (2003a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 313-334.
- FARIA, A. M. de (2003b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, pp. 211-234.
- FARIA, A. M. de (2004a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 273-315.
- FARIA, A. M. de (2004b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, pp. 175-192.
- FARIA, A. M. de (2005a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 273-292.
- FARIA, A. M. de (2005b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 163-175.
- FARIA, A. M. de (2005c) - [Recensão de] RIPOLLÈS ALEGRE, P. P. - *Monedas hispánicas de la Bibliothèque Nationale de France*. Madrid: Real Academia de la Historia; Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2005. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 630-635.
- FARIA, A. M. de (2006) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, pp. 115-129.
- FARIA, A. M. de (2007a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (13). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:2, pp. 161-187.
- FARIA, A. M. de (2007b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, pp. 209-238.
- FATÁS CABEZA, G. (1980) - *Contrebia Belaisca (Botorrita, Zaragoza) II. Tabula Contrebiensis*. Zaragoza: Universidad.
- FAUST, M. (1966) - *Die antiken Einwohnernamen und Völkernamen auf -itani, -etani. Eine Untersuchung zur Frage des westmediterranen Substrats*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- FÉRET, G.; SYLVESTRE, R. (2008) - *Les graffiti sur céramique d'Augusta Raurica*. Augst: AUGUSTA RAURICA.
- FERRER I JANÉ, J. (2005) [2006] - Novetats sobre el sistema dual de diferenciació gràfica de les oclusives sordes i sonores. In BELTRÁN LLORIS, F.; JORDÁN CÓLERA, C.; VELAZA FRÍAS, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX: actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), pp. 957-982.
- FERRER I JANÉ, J. (2006) [2008] - Nova lectura de la inscripció ibèrica de La Joncosa (Jorba, Barcelona). *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 23, pp. 129-170.
- FERRER I JANÉ, J. (2007) [2008] - Sistemes de marques de valor lèxiques en monedes ibèriques. *Acta Numismàtica*. Barcelona. 37, pp. 53-73.
- FITA I COLOMER, F. (1892) - [Notícias] Cabeza del Griego. Rectificaciones y adiciones. *Boletín de la Real Academia de la Historia*. Madrid. 21, pp. 250-252 < <http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=018155> > (consulta de 08/10/08).
- FLETCHER VALLS, D.; SILGO GAUCHE, L. (1991) - Plomo ibérico, en escritura jonica, procedente de Sagunto. *Arse*. Sagunto. 26, pp. 1-6.
- FORT CAÑELLAS, M.ª R. (1992) - Antroponimia primitiva aragonesa. In ARIZA VIGUERA, M., ed. - *Actas del II Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española (Sevilla, 1990)*. Vol. 2. Sevilla: Pabellón de España, pp. 969-980.
- FRANCÈS I FARRÉ, J.; VELAZA FRÍAS, J.; MONCUNILL MARTÍ, N. (2008) - Los esgrafiados sobre cerámica de Ca n'Oliver (Cerdanyola del Vallès). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 8, pp. 217-242.
- GAILLEDRAT, É. (1997) - *Les Ibères de l'Èbre à l'Hérault*. Lattes: Association pour la Recherche Archéologique en Languedoc Oriental.
- GALMÉS DE FUENTES, A. (2000) - *Los topónimos: sus blasones y trofeos (la toponimia mítica)*. Madrid: Real Academia de la Historia.

- GARCÉS ESTALLO, I.; PÉREZ CONILL, J. (2006) - Inscripció ibèrica *ante cocturam* del Tossal de les Tenalles (Sidamon, Pla d'Urgell). In TORRES BENET, M., ed. - *Arqueologia i arqueòlegs. El poblat ibèric dels Estinclells de Verdú. Actes de la XXXV Jornada de Treball. Verdú 2004: homenatge a Ramón Boleda Cases*. Sant Martí de Maldà (Lleida): Grup de Recerques de les Terres de Ponent, pp. 55-62.
- GARCÍA ALONSO, J. L. (2003) - *La Península Ibérica en la Geografía de Claudio Ptolomeo*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- GARCÍA ALONSO, J. L. (2006) [2007] - Vettonos y Layetanos. La etnonimia antigua de Hispania. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 6, pp. 59-116.
- GARCÍA ALONSO, J. L. (2007) - La toponimia en el territorio de la Carpetania. In CARRASCO SERRANO, G., ed. - *Los pueblos prerromanos en Castilla-La Mancha*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 67-106.
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, M.ª P. (2001) [2002] - Plomos monetiformes con el topónimo ibérico de Gador. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, pp. 335-340.
- GARCÍA RAMÓN, J. L. (2001) - Onomástica y cultura clásica. *Estudios Clásicos*. Madrid. 43:120, pp. 105-118.
- GARCÍA SÁNCHEZ, J. J. (2007) - *Atlas toponímico de España*. Madrid: Arco Libros.
- GARCÍA Y BELLIDO, A. (1955) - Nombres de artistas en la España romana. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 28, pp. 3-19.
- GAVEL H. (1921) - Éléments de phonétique basque. *Revista Internacional de los Estudios Vascos*. Paris. 12:1, pp. 2-536.
- GENIN, M.; SCHENK-DAVID, J.-L. (2007) - Les timbres. In GENIN, M., ed. - *La Graufesenque (Millau, Aveyron), II: sigillées lisses et autres productions*. Pessac: Fédération Aquitania, pp. 169-312.
- GIMENO PASCUAL, H. (2004-2005) - Nuevos datos para la *colonia Salaria*. *Lucentum*. Alicante. 23-24, pp. 181-184.
- GOLDSWORTHY, A. (2006) - *Caesar: the live of a colossus*. London: Weidenfeld & Nicolson.
- GÓMEZ FRAILE, J. M.ª (1997) - La Geografía de la Hispania Citerior en C. Tolomeo: análisis de sus elementos descriptivos y aproximación a su proceso de elaboración. *Polis*. Alcalá de Henares. 9, pp. 183-247.
- GÓMEZ FRAILE, J. M.ª (2001) [2002] - Reflexiones críticas en torno al antiguo ordenamiento étnico de la Península Ibérica. *Polis*. Alcalá de Henares. 13, pp. 69-98.
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, M. (1949) - *Misceláneas. Historia-arte-arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GÓMEZ PALLARÈS, J. (1997) - *Edición y comentario de las inscripciones sobre mosaico de Hispania. Inscripciones no cristianas*. Roma: "L'Erma" di Bretschneider.
- GONZÁLEZ ALCAIDE, J. (2006) [2008] - Totemismo del lobo, rituales de iniciación y cuevas-santuario mediterráneas e ibéricas. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. Castelló de la Plana. 25, pp. 249-269.
- GONZÁLEZ OLLÉ, F. (1997) - La función de Leire en la génesis y difusión del romance navarro, con noticia lingüística de su documentación (I). *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 34, pp. 653-708.
- GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, M.ª C. (1986) - *Las unidades organizativas indígenas del área indoeuropea de Hispania*. Vitoria-Gasteiz: Instituto de Ciencias de la Antigüedad, Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, J. (1984) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, J. (1993) - La onomástica aquitana y su relación con la ibérica. In UNTERMANN, J.; VILLAR LIÉBANA, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 609-634.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, J. (1995) [1997] - Los Pirineos entre Galia e Hispania: las lenguas. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 12, pp. 181-234.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, J. (2000) - Ptolemy's Aquitania and the Ebro Valley. In PARSONS, D. N.; SIMS-WILLIAMS, P., eds. - *Ptolemy: towards a linguistic atlas of the earliest Celtic place-names of Europe. Papers from a workshop, sponsored by the British Academy, in the Department of Welsh, University of Wales, Aberystwyth, 11-12 April 1999*. Aberystwyth: CMCS, pp. 143-157.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, J. (2002a) - Theonyme in der baskisch-keltischen Kontaktzone Aquitaniens. *Anzeiger der Philosophisch-Historischen Klasse*. Wien. 137:2, pp. 5-14.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, J. (2002b) - Las lenguas de los Pirineos en la antigüedad. In *Els substrats de la llengua catalana: una visió actual*. Barcelona: Societat Catalana de Llengua i Literatura, pp. 75-101.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, J. (2003) [2004] - Las placas votivas de plata de origen aquitano halladas en Hagenbach (Renania-Palatinado, Alemania). *Aquitania*. Pessac. 19, pp. 25-47.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, J. (2006) - Onomástica vascónica y aquitana: elementos para el conocimiento de la historia antigua de Navarra. In ANDREU PINTADO, J., ed. - *Navarra en la Antigüedad: propuesta de actualización*. Pamplona: Gobierno de Navarra, pp. 111-134.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, J.; LAKARRA ANDRINUA, J. A. (1996) - Nuevas aportaciones a la reconstrucción del Protovasco. In VILLAR LIÉBANA, F.; ENCARNACÃO, J. d', eds. - *La Hispania prerromana: actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, pp. 101-145.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, J.; LAKARRA ANDRINUA, J. A. (2001) - Comparación lingüística, filología y reconstrucción del Protovasco. In VILLAR LIÉBANA, F.; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M.ª P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 407-438.

- GOZALBES FERNÁNDEZ DE PALENCIA, M. (2004-2005) - Desarrollo y contexto de las emisiones de *Turiazu. Kalathos*. Teruel. 22-23, pp. 251-270.
- GUITART I DURÁN, J.; PERA I ISERN, J.; MAYER, M.; VELAZA, J. (1996) - Noticia preliminar sobre una inscripción ibérica encontrada en Guissona (Lleida). In VILLAR LIÉBANA, F.; ENCARNAÇÃO, J. d', eds. - *La Hispania prerromana: actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, pp. 163-170.
- HASELGRÖVE, C. (1993) - Archaeological evidence for the dating of Iron Age potin coinage: the case for Scheers 191. In HACKENS, T.; MOUCHARTE, G., eds. - *Actes du XI<sup>e</sup> Congrès International de Numismatique organisé à l'occasion du 150<sup>e</sup> anniversaire de la Société Royale de Numismatique de Belgique. Bruxelles, 8-13 septembre 1991. Vol. 2: monnaies celtiques et romaines*. Louvain-la-Neuve: Séminaire de Numismatique Marcel Hoc, pp. 11-20.
- HEp* = *Hispania Epigraphica*. Madrid.
- DE HOZ BRAVO, J. (1980) - Crónica de lingüística y epigrafía prerromanas de la Península Ibérica: 1979. *Zephyrus*. Salamanca. 30-31, pp. 299-323.
- DE HOZ BRAVO, J. (1989) - El desarrollo de la escritura y las lenguas de la zona meridional. In AUBET SEMMLER, M.<sup>a</sup> E., ed. - *Tartessos: arqueología protohistórica del Bajo Guadalquivir*. Sabadell: AUSA, pp. 523-587.
- DE HOZ BRAVO, J. (1991) - Epigrafía y lingüística paleohispánicas. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*. Madrid. 30-31, pp. 181-193.
- DE HOZ BRAVO, J. (1993) - La lengua y la escritura ibéricas, y las lenguas de los iberos. In UNTERMANN, J.; VILLAR LIÉBANA, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 635-666.
- DE HOZ BRAVO, J. (1994) - Notas sobre inscripciones meridionales de la Alta Andalucía. In MANGAS MANJARRÉS, J.; ALVAR EZQUERRA, J., eds. - *Homenaje a José M<sup>a</sup> Blázquez. 2*. Madrid: Ediciones Clásicas, pp. 167-179.
- DE HOZ BRAVO, J. (1995a) - Notas sobre nuevas y viejas leyendas monetales. In GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, M.<sup>a</sup> P.; CENTENO, R. M. S., eds. - *La moneda hispánica: ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos del *Archivo Español de Arqueología*; 14), pp. 317-324.
- DE HOZ BRAVO, J. (1995b) - El poblamiento antiguo de los Pirineos desde el punto de vista lingüístico. In BERTRANPETIT I BUSQUETS, J.; VIVES I BALMAÑA, E., eds. - *Muntanyes i població: el passat dels Pirineus des d'una perspectiva multidisciplinaria*. Andorra La Vella: Centre de Trobada de les Cultures Pirenenques, pp. 271-297.
- DE HOZ BRAVO, J. (1997) - [Comentários ao catálogo de inscrições ibéricas]. In *Les Ibères*. Paris: Association Française d'Action Artistique; Madrid: Ministerio de Educación y Cultura; Barcelona: Fundación "la Caixa"; Bonn: Kunst- und Ausstellungshalle der Bundesrepublik Deutschland, pp. 251-271.
- DE HOZ BRAVO, J. (1998) - La epigrafía. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*. Madrid. 38, pp. 219-225.
- DE HOZ BRAVO, J. (2001) [2002] - Sobre algunos problemas del estudio de las lenguas paleohispánicas. *Paleohispanica*. Zaragoza. 1, pp. 113-149.
- DE HOZ BRAVO, J. (2002) [2003] - El complejo sufijal *-(e)skēn* de la lengua ibérica. *Paleohispanica*. Zaragoza. 2, pp. 159-168.
- DE HOZ BRAVO, J. (2005) - Ptolemy and the linguistic history of Narbonensis. In DE HOZ BRAVO, J.; LUJÁN MARTÍNEZ, E. R.; SIMS-WILLIAMS, P., eds. - *New approaches to Celtic place-names in Ptolemy's Geography*. Madrid: Ediciones Clásicas, pp. 173-188.
- DE HOZ BRAVO, J. (2005) [2006] - Epigrafías y lenguas en contacto en la Hispania antigua. In BELTRÁN LLORIS, F.; JORDÁN CÓLERA, C.; VELAZA FRÍAS, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX: actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Paleohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), pp. 57-97.
- DE HOZ BRAVO, J. (2007) - Cerámica y epigrafía paleohispánica de fecha prerromana. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 80, pp. 29-42.
- HUALDE, J. I. (1999) - Pre-Basque plosives. In FRANCO ELORZA, J.; LANDA AREVALILLO, A.; MARTÍN, J., eds. - *Grammatical analyses in Basque and Romance linguistics: papers in honor of Mario Saltarelli*. Amsterdam, Philadelphia, PA: John Benjamins, pp. 77-104.
- HUALDE, J. I. (2003a) - Segmental phonology. In HUALDE, J. I.; ORTIZ DE URBINA ARRUBARRENA, J., eds. - *A grammar of Basque*. Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 15-65.
- HUALDE, J. I. (2003b) - Compounds. In HUALDE, J. I.; ORTIZ DE URBINA, J., eds. - *A grammar of Basque*. Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 351-362.
- IGLESIAS, H. (2002) - Sur le toponyme *Gasteiz*: origine et signification. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 89, pp. 129-138.
- IRABURU MATHIEU, J. M. (1975) - Notas sobre varias piedras de Navarra. *Cuadernos de Etnología y Etnografía de Navarra*. Pamplona. 7:19, pp. 83-91.
- IRIGOYEN ECHEVARRIA, A. (1990) - *Sobre toponimia del País Vasco norpirenaico (observaciones en torno a la obra Toponymie basque de Jean-Baptiste Orpustan)*. Bilbao: Wilsen.
- IRIGOYEN ECHEVARRIA, A. (1997) - Las lenguas de los vizcaínos: antroponimia y toponimia medievales. In *Opera selecta*. Bilbao: Universidad de Deusto, pp. 373-429.
- IRIGOYEN ECHEVARRIA, A. (2000) - Sobre el origen de los patronímicos y de ciertos topónimos terminados en *-ain*, *-ein*, sul. *-añe*. In GORROTXATEGI NIETO, M.; KNÖRR BORRÁS, H., eds. - *Actas de las II Jornadas de Onomástica, Orduña, septiembre de 1987*. Bilbao: Real Academia de la Lengua Vasca-Euskaltzaindia (*Onomasticon Vasconiae*; 17), pp. 111-121.

- IRMN = CASTILLO GARCÍA, C.; GÓMEZ-PANTOJA FERNÁNDEZ-SALGUERO, J.; MAULEÓN, M. D. (1981) - *Inscripciones romanas del Museo de Navarra*. Pamplona: Navarra (Comunidad Autónoma). Servicio de Prensa, Publicaciones y Relaciones Sociales.
- JAUREGI NAZABAL, O. (2007) - Trazando cambios en la estructura silábica del euskera. *Interlingüística*. Barcelona. 17, pp. 528-536.
- JORDÁN CÓLERA, C. (2004) - *Celtibérico*. Zaragoza: Universidad.
- JORDÁN CÓLERA, C. (2008) - Toponimia y etnonimia en leyendas monetales celtibéricas y vasconas: 1. Tarmeskom NO Bormeskon. 2. Bolsken NO Bolskan. In GARCÍA ALONSO, J. L., ed. - *Celtic and other languages in ancient Europe*. Salamanca: Universidad, pp. 119-132.
- KNÖRR BORRÀS, H. (1995) - La huella del latín en la lengua vasca. In VALCÁRCEL MARTÍNEZ, V., ed. - *Didáctica del latín. Actualización científico-pedagógica*. Madrid: Ediciones Clásicas, pp. 213-225.
- LACROIX, J. (2003) - *Les noms d'origine gauloise: la Gaule des combats*. Paris: Errance.
- LACROIX, J. (2007) - *Les noms d'origine gauloise: la Gaule des dieux*. Paris: Errance.
- LAKARRA ANDRINUA, J. A. (1995) - Reconstructing the Pre-Proto-Basque root. In HUALDE, J. I.; LAKARRA ANDRINUA, J. A.; TRASK, R. L., eds. - *Towards a History of the Basque Language*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, pp. 189-206.
- LAKARRA ANDRINUA, J. A. (2002a) - Etimologiae (proto)uasconicae LXV. In ARTIAGOITIA BEASKOETXEA, X.; GOENAGA MENDIZABAL, P.; LAKARRA ANDRINUA, J. A., eds. - *Erramu boneta: Festschrift for Rudolf P. G. de Rijk*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 425-442.
- LAKARRA ANDRINUA, J. A. (2002b) - *Adar, abuntz, handi*: sobre la identificación de sustratos y morfología de la protolengua. In GARCÍA, M.ª J., ed. - *ΤΙΜΕΣ ΞΑΡΑΙΝ: homenaje al profesor Pedro A. Gáinzarain*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco (Veleia. Anejos. Serie minor; 17), pp. 417-429.
- LAKARRA ANDRINUA, J. A. (2004) - Etimología y reconstrucción en el campo vasco: hacia un nuevo paradigma. In RIDRUEJO, E., ed. - *Las otras lenguas de España: IV Curso de invierno de la Universidad de Valladolid*. Valladolid: Universidad, pp. 41-116.
- LAMBERT, P.-Y. (2003<sup>2</sup>) - *La langue gauloise. Édition revue et augmentée*. (1994<sup>1</sup>). Paris: Errance.
- LAPESA MELGAR, R. (1988) - Sobre el origen de *Sancho*. In KREMER, D., ed. - *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85.º aniversário*. Tübingen: Niemeyer, pp. 79-83.
- LASSÈRE, J.-M. (2005) - *Manuel d'épigraphie romaine*. Paris: Picard.
- LEDO CABALLERO, A. C. (1999) - El topónimo ibérico *Bétera* y su valor hidrográfico. In ALONSO ÁVILA, Á.; CRESPO ORTIZ DE ZÁRATE, S.; GARABITO GÓMEZ, T.; SOLOVERA SAN JUAN, M.ª E., eds. - *Homenaje al Profesor Montenegro: estudios de Historia Antigua*. Valladolid: Universidad, pp. 335-348.
- LORRIO ALVARADO, A. (2001) - La ciudad celtibérica de *Ercauica*: propuesta de localización. In LORRIO ALVARADO, A. - *Ercauica: la muralla y la topografía de la ciudad*. Madrid: Real Academia de la Historia, pp. 127-133.
- LOZANO VELILLA, A. (1993) - La transmisión de antropónimos griegos en la epigrafía latina de Hispania. In UNTERMANN, J.; VILLAR LIÉBANA, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 361-409.
- LUJÁN MARTÍNEZ, E. R. (2003) - Gaulish personal names: an update. *Études Celtiques*. Paris. 35, pp. 181-247.
- LUJÁN MARTÍNEZ, E. R. (2007) - Problemas de morfología nominal ibérica: sufijos y pautas de composición asociados a topónimos. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 8, pp. 49-88.
- MARCO SIMÓN, F. (1998) - Texto e imagen, *ethos* y creencias en la Hispania indoeuropea de época republicana. In MANGAS MANJARRÉS, J., ed. - *Italia e Hispania en la crisis de la República romana: actas del III Congreso Hispano-Italiano (Toledo, 20-24 de septiembre de 1993)*. Madrid: Universidad Complutense, pp. 387-402.
- MARCO SIMÓN, F. (2004) - Acerca de las migraciones célticas a la Península Ibérica. In MARCO SIMÓN, F.; PINA POLO, F.; REMESAL RODRÍGUEZ, J., eds. - *Vivir en tierra extraña: epigración e integración cultural en el mundo antiguo: actas de la reunión realizada en Zaragoza los días 2 y 3 de junio de 2003*. Barcelona: Universitat; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", pp. 77-93.
- MARCO SIMÓN, F. (2008) - Aproximación al itinerario de una deusa celtibérica: *Silbis*. In ENCARNACIÓN, J. d', ed. - *Divindades indígenas em análise: actas do VII workshop F.E.R.C.A.N, Cascais, 25-27.05.2006*. Coimbra; Porto: Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e do Porto, pp. 221-235.
- MARICHAL, R. (1988) - *Les graffites de La Graufesenque*. Paris: CNRS.
- MARINER BIGORRA, S. (1972) - Adaptaciones latinas de términos hispánicos. In *Homenaje a Antonio Tovar ofrecido por sus discípulos, colegas y amigos*. Madrid: Gredos, pp. 283-299.
- MASSON, O. (1976) - Grecs et libyens en Cyrénaïque, d'après les témoignages de l'épigraphie. *Antiquités Africaines*. Aix-en-Provence. 10, pp. 49-62.
- MASSON, O. (1977) - La déclinaison des noms étrangers dans les inscriptions latines d'Afrique du Nord. In *L'onomastique latine. Paris, 13-15 octobre 1975*. Paris: CNRS, pp. 307-313.
- MAYORAL HERRERA, V. (2004) - *Paisajes agrarios y cambio social en Andalucía Oriental entre los períodos ibérico y romano*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.

- MCLEAN, B. H. (2002) - *An introduction the Greek epigraphy of the Hellenistic and Roman Periods from Alexander the Great to the reign of Constantine (323 B.C. – A.D. 337)*. Ann Arbor, MI: The University of Michigan Press.
- MEID, W. (2005) - *Keltische Personennamen in Pannonien*. Budapest: Archaeolingua.
- MENÉNDEZ PIDAL, R. (1952) - *Toponimia prerrománica hispana*. Madrid: Gredos.
- MENÉNDEZ PIDAL, R. (1960) - Dos problemas iniciales relativos a los romances hispánicos. In ALVAR LÓPEZ, M.; BADÍA I MARGARIT, A.; BALBÍN LUCAS, R. DE; LINDLEY CINTRA, L. F., eds. - *Enciclopedia Lingüística Hispánica, I: antecedentes; onomástica*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. xxvii-cxxxviii.
- MICHELENA ELISSALT, L. (1954/1985) - De onomástica aquitana. *Pirineos*. Jaca. 10, pp. 409-455 [= *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, pp. 409-445].
- MICHELENA ELISSALT, L. (1957) - El genitivo en la onomástica medieval. *Emerita*. Madrid. 25:1, pp. 134-148.
- MICHELENA ELISSALT, L. (1957/1995) - Las antiguas consonantes vascas. In CATALÁN MENÉNDEZ PIDAL, D., ed. - *Miscelánea de homenaje a André Martinet*. La Laguna: Universidad, 1, pp. 113-157. [The ancient Basque consonants. In HUALDE, J. I.; LAKARRA ANDRINUA, J. A.; TRASK, R. L., eds. - *Towards a history of the Basque language*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, pp. 101-135].
- MICHELENA ELISSALT, L. (1969/1987) - Notas lingüísticas a “Colección diplomática de Irache”. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 1, pp. 1-59 [= *Palabras y textos*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 87-140].
- MICHELENA ELISSALT, L. (1974/1987) - El elemento latino-románico en la lengua vasca. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 6, pp. 183-209 [= *Palabras y textos*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 195-219].
- MICHELENA ELISSALT, L. (1977<sup>2</sup>) - *Fonética histórica vasca*. 2.ª ed. (1961<sup>1</sup>). San Sebastián: Diputación Foral de Guipúzcoa.
- MICHELENA ELISSALT, L. (1997<sup>5</sup>) - *Apellidos vascos*. 5.ª ed. (1953<sup>1</sup>). San Sebastián: Txertoa.
- MLH I 1 = UNTERMANN, J. (1975) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: die Münzlegenden. 1. Text*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH II = UNTERMANN, J. (1980) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: die Inschriften in iberischer Schrift aus Südfrankreich*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, J. (1997) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. [Unter Mitwirkung von Dagmar Wodtko]. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH V 1 = WODTKO, D. (2000) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band V 1. Wörterbuch der keltiberischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MONCUNILL MARTÍ, M. (2007a) - *Lèxic d'inscripcions ibèriques (1991-2006)*. Tesis doctoral dirigida pel Prof. Dr. Javier Velaza Frías. Barcelona: Universitat < [http://www.tesisenxarxa.net/TESIS\\_UB/AVAILABLE/TDX-1004107-105220//NMM\\_TESI.pdf](http://www.tesisenxarxa.net/TESIS_UB/AVAILABLE/TDX-1004107-105220//NMM_TESI.pdf) > (consulta de 12/10/07).
- MONCUNILL MARTÍ, M. (2007b) - La llengua de les inscripcions ibèriques sobre moneda. In CAMPO DÍAZ, M., ed. - *La interpretació de la moneda: passat i present. XI Curs d'Història Monetària d'Hispania*. Barcelona: Gabinet de Numismàtica de Catalunya, pp. 87-101.
- MONCUNILL MARTÍ, N.; MORELL I CORTÉS, N. (2008) - Reexcavando en los museos: novedades epigráficas en soportes de plomo. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 8, pp. 243-255.
- MORA SERRANO, B. (2007) - Identificación y ubicación de la cecas de la Hispania Ulterior-Baetica (siglos XVI-XIX). In CAMPO DÍAZ, M., ed. - *La interpretació de la moneda: passat i present. XI Curs d'Història Monetària d'Hispania*. Barcelona: Gabinet de Numismàtica de Catalunya, pp. 143-162.
- MOZAS MORENO, M.ª de los S. (2007) - Consideraciones sobre las emisiones de *Iltiraka*: procedencia y tipología. In *Actas del XII Congreso Nacional de Numismática, Madrid, 25-26 de octubre de 2004*. Madrid: Real Casa de la Moneda, pp. 269-286.
- MULLEN, A. (2008) - Rethinking ‘Hellenization’ in South-eastern Gaul: the Gallo-Greek epigraphic record. In HÄUSSLER, R., ed. - *Romanisation et épigraphie: études interdisciplinaires sur l'acculturation et l'identité dans l'Empire romain*. Montagnac: Monique Mergoïl, pp. 249-266.
- NIETO BALLESTER, E. (1997) - *Breve diccionario de topónimos españoles*. Madrid: Alianza.
- NIETO BALLESTER, E. (2006) - “Euphrasia”, “Eupraxia”, “Orpesa”, “Offreisa”: una nota de onomástica (toponimia y antroponimia) en latín tardío de España. In ARIAS ABELLÁN, C., ed. - *Latin vulgare-latin tardif. Actes du VII<sup>ème</sup> Colloque international sur le latin vulgare et tardif. Séville, 2-6 septembre 2003*. Sevilla: Universidad, pp. 499-512.
- NOGUERA GUILLÉN, J. (2006) - *Gènesi i evolució de l'estructura del poblament ibèric en el curs inferior del riu Ebre: la Ilercavònia septentrional*. Barcelona: Universitat (tese de doctoramento). < <http://www.tdx.cat/TDX-0627107-104522> >.
- OPEL 3 = LÓRINCZ, B. (2000) - *Onomasticon Provinciarum Europae Latinarum III: Labareus - Pythea*. Wien: Forschungsgesellschaft Wiener Stadtarchäologie.
- OPEL 4 = LÓRINCZ, B. (2002) - *Onomasticon Provinciarum Europae Latinarum IV: Quadratia - Zures*. Wien: Forschungsgesellschaft Wiener Stadtarchäologie.

- ORPUSTAN, J.-B. (1987) - Les traces du gascon dans les noms de provenances, vallées, comunes et quartiers historiques de Labourd, Soule et Basse-Navarre. In CIERBIDE MARTINENA, R., ed. - *Pirenaico navarro-aragonés, gascón y euskera: V Cursos de Verano en San Sebastián*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 31-69.
- ORPUSTAN, J.-B. (1999) - *La langue basque au Moyen Age (IX<sup>e</sup>-XV<sup>e</sup> siècles)*. Baigorri: Izpegi.
- ORPUSTAN, J.-B. (2000a) - De quelques etymologies basco-aquitaines dans de Dictionnaire etymologique des noms de lieux de France d'A. Dauzat et Ch. Rostaing. In GORROTATEGI, M.; KNÖRR, H., eds. - *Actas de las II Jornadas de Onomástica, Orduña, septiembre de 1987*. Bilbao: Real Academia de la Lengua Vasca-Euskaltzaindia (*Onomasticon Vasconiae*; 17), pp. 95-110.
- ORPUSTAN, J.-B. (2000b) - Anthroponomastique médiévale en Pays Basque: prénoms et surnoms en Basse-Navarre et Soule au début du XIV<sup>e</sup> siècle (1305-1350). *Lapurdum*. Bordeaux; Bayonne. 5, pp. 183-219.
- ORPUSTAN, J.-B. (2000c) - *Les noms de maisons médiévales en Labourd, Basse-Navarre et Soule*. Baigorri: Izpegi.
- ORPUSTAN, J.-B. (2006) - *Nouvelle toponimie basque: noms de pays, vallées, communes et hameaux historiques de Labourd, Basse-Navarre et Soule*. Pessac: Presses Universitaires de Bordeaux.
- PANOSA DOMINGO, M.<sup>a</sup> I. (1999) - *La escritura ibérica en Cataluña y su contexto socioeconómico (siglos V-I a.C.)*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- PENA GIMENO, M.<sup>a</sup> J. (2002) - CLE republicanos: texto y contexto. In DEL HOYO, J.; GÓMEZ PALLARÈS, J., eds. - *ASTA AC PELLEGE: 50 años de la publicación de Inscripciones Hispanas en Verso, de S. Mariner*. Madrid: Signifer Libros, pp. 47-62.
- PERA ISERN, J. (2005) [2006] - Pervivencia de la lengua ibérica en el siglo I a.C.: el ejemplo de la ciudad romana de Iesso (Guissona, Lleida). In BELTRÁN LLORIS, F.; JORDÁN CÓLERA, C.; VELAZA FRÍAS, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX: actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), pp. 315-331.
- PÉREZ ALMOGUERA, A. (2001-2002) [2004] - De nuevo sobre la ubicación de la ceca de Iltirke y el tritetartemorian de Sikaṛbi/Sikaṛa. *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia. 17-18, pp. 247-252.
- PÉREZ ALMOGUERA, A. (2008) - Las monedas con nombres de étnicos del s. II a.C. en el Nordeste peninsular. ¿Reflejo de posibles circunscripciones?, ¿Civitates con doble nombre?. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 81, pp. 49-73.
- PÉREZ OROZCO, S. (1993) - Observaciones sobre los sufijos ibéricos. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 63, pp. 221-229.
- PÉREZ OROZCO, S. (2007) - Sobre la posible interpretación de algunos componentes de la onomástica ibérica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 8, pp. 89-117.
- PÉREZ ROJAS, M. (1993) - Las inscripciones con escritura tartésica de la Cueva de La Camareta y su contexto onomástico (aportaciones sobre la "celtización" del mundo ibero-tartésico). In GONZÁLEZ BLANCO, A.; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, R.; AMANTE SÁNCHEZ, M., eds. - *La Cueva de La Camareta (Agramón, Hellín-Albacete)*. Murcia: Universidad (Antigüedad y Cristianismo; 10), pp. 139-266.
- PÉREZ VILATELA, L. (1996-1997) - Basped (...), del plomo de Ampurias. *Arse*. Sagunto. 30-31, pp. 97-118.
- PÉREZ VILATELA, L. (2000) - *Lusitania: historia y etnología*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- PÉREZ VILATELA, L. (2004) - Panorama de las lenguas hispánicas en época ibérica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 5, pp. 129-165.
- PETERSON, D. (2005) - *La Sierra de la Demanda en la Edad Media: el valle de San Vicente (ss. VIII-XII)*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos.
- POLAK, M. (2000) - *South Gaulish terra sigillata with potters' stamps from Vechten*. Nijmegen: Katholieke Universiteit.
- PRADOS MARTÍNEZ, F. (2007) - La presencia neopúnica en la Alta Andalucía: a propósito de algunos referentes arquitectónicos y culturales de época bárquida (237-205 a.C.). *Gerión*. Madrid. 25:1, pp. 83-110.
- PRÓSPER PÉREZ, B. (2002) - *Lenguas y religiones prerromanas del occidente de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad.
- PRÓSPER PÉREZ, B. (2005) - Estudios sobre la fonética y la morfología de la lengua celtibérica. In VILLAR LIÉBANA, F.; PRÓSPER PÉREZ, B. - *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, pp. 153-364.
- PRÓSPER PÉREZ, B. (2007) [2008] - Varía celtica epigraphica. 1) Botorrita K.1.4. Nueva lectura e interpretación. 2) Nuevas organizaciones suprafamiliares del Occidente peninsular. 3) Tres divinidades de la Hispania celta: Aeiodaicino, Aiioragato, Boiogenae. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 7, pp. 161-174.
- PRÓSPER PÉREZ, B. (2008) - Los nombres 'itálicos' de los Astures meridionales. *Conimbriga*. Coimbra. 47, pp. 147-169.
- QUETGLAS NICOLAU, P. J., ed. (2005) - *Guerra civil / Julio César. Guerra de Alejandría. Guerra de África. Guerra de Hispania / autores del cuerpo cesariano*. Madrid: Gredos.
- QUINTANILLA NIÑO, A. (1998) - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco (*Veleia*. Anejos. Serie Minor; 11).
- QUINTERO ATAURI, P. (1913) - *Uclés: excavaciones efectuadas en distintas épocas y noticia de algunas antigüedades. Segunda parte*. Cádiz: Imprenta de Manuel Álvarez.
- RAEPSAET-CHARLIER, M.-Th. (2005) - Réflexions sur les anthroponymes «à double entrée» dans le monde romain. *L'Antiquité Classique*. Bruxelles. 74, pp. 225-231.



- RAMÍREZ SÁDABA, J. L. (1987) - Toponimia vasca y toponimia navarra: su contribución para ponderar los efectos del proceso de aculturación. In *Primer Congreso General de Historia de Navarra (22-27 septiembre 1986)*, 2. *Comunicaciones*. Pamplona: Institución "Príncipe de Viana" (*Príncipe de Viana*; Anejo 7), pp. 563-576.
- RAMÍREZ SÁDABA, J. L. (1992) - La onomástica de los vascones. Autóctonos e inmigrantes. In *Segundo Congreso General de Historia de Navarra, 24-28 septiembre 1990*, 2. *Conferencias y comunicaciones sobre Prehistoria, Historia Antigua e Historia Medieval*. Pamplona: Institución "Príncipe de Viana" (Anejo 14 de *Príncipe de Viana*), pp. 287-293.
- RAMÍREZ SÁDABA, J. L. (2002) - Navarra: los colectivos sociales en la Antigüedad. In ERRO GASCA, C.; MUGUETA MORENO, I., eds. - *Grupos sociales en Navarra. Relaciones y derechos a lo largo de la Historia. Actas del V Congreso de Historia de Navarra, Pamplona, septiembre de 2002, volumen III: ponencias*. Pamplona: Eunat, pp. 21-53.
- RAYBOULD, M. E.; SIMS-WILLIAMS, P. (2007a) - *The geography of Celtic personal names in the Latin inscriptions of the Roman Empire*. Aberystwyth: CMCS Publications.
- RAYBOULD, M. E.; SIMS-WILLIAMS, P. (2007b) - *A corpus of Latin inscriptions of the Roman empire containing Celtic personal names*. Aberystwyth: CMCS Publications.
- RICHARD, J.-C. M. (1971) - Une monnaie ibérique à légende seloncen découverte aux environs de Burgos. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. Madrid. 7, pp. 377-380.
- RIG I = LEJEUNE, M. (1985) - *Recueil des Inscriptions Gauloises (R.I.G.)*. Vol. I: *textes gallo-grecs*. Paris: CNRS.
- RIG IV = COLBERT DE BEAULIEU, J.-B.; FISCHER, B. (1998) - *Recueil des Inscriptions Gauloises (R.I.G.)*. Vol. IV: *les légendes monétaires*. Paris: CNRS.
- RIPOLLÈS ALEGRE, P. P. (2005) - *Monedas hispánicas de la Bibliothèque Nationale de France*. Madrid: Real Academia de la Historia; Paris: Bibliothèque National de France (Bibliotheca Numismatica Hispana; 1).
- RIPOLLÈS ALEGRE, P. P. (2007) - *Las acuñaciones de la ciudad ibérica de Saitabi*. València: Universitat.
- RIPOLLÈS, P. P.; LLORENS, M.<sup>a</sup> del M. (2002) - *Arse-Saguntum: historia monetaria de la ciudad y su territorio*. Sagunto: Fundación Bancaja.
- RIZOS JIMÉNEZ, C. Á. (2006) [2008] - La antroponimia latina (¿romana?) en la Ribagorza a la luz de la toponimia. *Alazet*. Huesca. 18, pp. 159-170.
- RODRÍGUEZ CASANOVA, I. (2008) - Programas iconográficos en las cecas de la Ulterior. In CAMPO, M., ed. - *Els tallers monetaris: organització i producció, 27 i 28 novembre 2008: XII Curs d'història monetària d'Hispania*. Barcelona: Gabinet de Numismàtica de Catalunya, pp. 59-69.
- RODRÍGUEZ COLMENERO, A. (1983) - Cuenca romana. Contribución al estudio epigráfico (II). *Lucentum*. Alicante. 2, pp. 319-330.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000) - Nuevas observaciones de crono-paleografía ibérica levantina. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 73, pp. 43-57.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2001) - Aspectos de la morfología de los formantes segundos de los compuestos de tipo onomástico en la lengua íbera. *Faventia*. Barcelona. 23:1, pp. 7-19.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002a) - El origen de la escritura sudlucitano-tartesia y la formación de alfabetos a partir de alefatos. *Rivista di Studi Fenici*. Roma. 30:2, pp. 187-222.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002b) - La inscripción sobre escultura de Cerro de los Santos G.14.1 y los problemas de homomorfía en la escritura íbera meridional. *Habis*. Sevilla. 33, pp. 203-211.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002c) - La escritura íbera meridional. *Zephyrus*. Salamanca. 55, pp. 231-245.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002d) - Acerca de los afijos adnominales de la lengua íbera. *Faventia*. Barcelona. 24:1, pp. 115-134.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2001-2002) [2003] - Okelakom, Sekeida, Bolšken. *Kalathos*. Teruel. 20-21, pp. 429-434.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002a) [2003a] - Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua íbera. *Cypsela*. Girona. 14, pp. 251-275.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002b) [2003b] - Problemas y cuestiones metodológicas en la identificación de los compuestos de tipo onomástico de la lengua íbera. *Arse*. Sagunto. 36, pp. 15-50.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002c) [2003c] - The lexeme *arś* in the Iberian onomastic system and language. *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. Neue Folge. 37:3, pp. 245-277.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2004) - *Análisis de epigrafía íbera*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2005a) - Introducció a l'estudi de les inscripcions ibèriques. *Revista de la Fundació Privada Catalana per a l'Arqueologia Ibèrica*. Barcelona. 1, pp. 13-144.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2005b) - La problemática del sufijo «primario» o «temático» -k- en la lengua íbera y del vocabulario de las inscripciones religiosas íberas. *Faventia*. Barcelona. 27:1, pp. 23-38.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2006) [2007] - Sobre la identificación de la ceca íberica de Lamini(um). *Acta Numismática*. Barcelona. 36, pp. 55-61.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2007) [2008] - Ética y epigrafía: respuesta a Marques de Faria y observaciones sobre los antropónimos paleohispánicos en inscripciones latinas. *Arse*. Sagunto. 41, pp. 75-114.

- RPCI = BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. (1992) - *Roman Provincial Coinage, I: from the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC-AD 69)*. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale.
- RUBIO MARTÍNEZ, J. C. (1997) - Una estela funeraria romana en San Andrés de Cameros, La Rioja. Estudio preliminar. *Faventia*. 19:1, pp. 55-63.
- RUEDA GALÁN, C. (2008) - Las imágenes de los santuarios de Cástulo: los exvotos ibéricos en bronce de Collado de los Jardines (Santa Elena) y los Altos del Sotillo (Castellar). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 8, pp. 55-88.
- RUIZ RODRÍGUEZ, A.; MOLINOS MOLINOS, M. (2007) - *Iberos en Jaén*. Jaén: Universidad.
- SÁEZ BOLAÑO, J. A.; BLANCO VILLERO, J. M. (2001) - *Las monedas de la Bética romana, III: Conventus Cordubensis*. San Fernando (Cádiz): Quadix Libros.
- SALABERRI ZARATIEGI, P. (2000) - Acerca del sufijo toponímico *-ain*. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 83, pp. 113-137.
- SALABERRI ZARATIEGI, P. (2005) - Origen y significado de la toponimia de Navarra. In RAMÍREZ SÁDABA, J. L., ed. - *La onomástica en Navarra y su relación con la de España: actas de las Primeras Jornadas de Onomástica (Pamplona, 2003)*. Pamplona: Universidad Pública de Navarra, pp. 91-127.
- SALABERRI ZARATIEGI, P. (2006) - Sobre los nombres de Ujué. *Euskera*. Pamplona. 51:2, pp. 693-711.
- SANMARTÍ GREGO, E. (1988) - Una carta en lengua ibérica, escrita sobre plomo, procedente de Emporion. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, pp. 95-113.
- SCHMIDT, K. H. (1957) - Die Komposition in gallischen Personennamen. *Zeitschrift für Celtische Philologie*. Tübingen. 26, pp. 33-301.
- SCHMOLL, U. (1966) - Althspanische Miscellen II. *Zeitschrift für Vergleichende Sprachforschung auf dem Gebiete der Indogermanische Sprachen*. Göttingen. 80, pp. 182-198.
- SCHUCHARDT, H. (1907) - Die iberische Deklination. *Sitzungsberichte der Wiener Akademie der Wissenschaften, Philologisch-historische Klasse*. Wien. 157:2, pp. 1-90.
- SCHUCHARDT, H. (1909a) - Iberische Personennamen. *Revue Internationale des Etudes Basques*. Paris. 3:3, pp. 237-247.
- SCHUCHARDT, H. (1909b) - Span. vega; nava. *Zeitschrift für Romanische Philologie*. Halle an der Saale. 36, pp. 462-468.
- SCHUCHARDT, H. (1912) - Romano-baskisches. *Zeitschrift für Romanische Philologie*. Halle an der Saale. 36, pp. 33-41.
- SILES RUIZ, J. (1976) - Sobre la epigrafía ibérica. In *Reunión sobre epigrafía hispánica de época romano-republicana. Actas. Zaragoza, 1-3 de diciembre de 1983*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", pp. 17-42.
- SILES RUIZ, J. (1985) - *Léxico de inscripciones ibéricas*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- SILGO GAUCHE, L. (1988) - La antroponimia ibérica de Sagunto (1). *Arse*. Sagunto. 23, pp. 67-77.
- SILGO GAUCHE, L. (1992) - *Textos ibéricos valencianos (Contestania, Edetania, Ilercavonia)*. Tese policopiada. Valencia: Universidad.
- SILGO GAUCHE, L. (1994) - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 1).
- SILGO GAUCHE, L. (2007) [2008] - El complejo sufijal -(e)sken y las constituciones políticas de las ciudades ibéricas. *Arse*. Sagunto. 41, pp. 15-20.
- SIMÓN CORNAGO, I. (2008) - Dos estampillas inscritas sobre pesas de telar de la colección Samitier. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 8, pp. 257-278.
- SIMS-WILLIAMS, P. (2003) - *The Celtic inscriptions of Britain: phonology and chronology, c. 400-1200*. Oxford; Boston, MA: Blackwell.
- SIMS-WILLIAMS, P. (2006) - *Ancient Celtic place-names in Europe and Asia Minor*. Oxford; Boston, MA: Blackwell.
- SIMS-WILLIAMS, P. (2008) - Comparing the distribution of Celtic personal names with that of Celtic place-names. In GARCÍA ALONSO, J. L., ed. - *Celtic and other languages in ancient Europe*. Salamanca: Universidad, pp. 29-51.
- SOLIER, Y. (1979) - Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 12, pp. 55-123.
- SOLIN, H. (1969) - Die griechischen Personennamen in Rom. In HORNUNG, H. H., ed. - *10. Internationaler Kongress für Namenforschung. Wien 8.-13. IX. 1969. Abhandlungen. Disputationes ad montium vocabula aliorumque nominum significationes pertinentes*. Tom. II. Wien: Wiener Medizinische Akademie, pp. 351-357.
- SOLIN, H. (2007) - Mobilità socio-geografica nell'impero romano: orientali in Occidente: considerazioni isagogiche. In MAYER I OLIVÉ, M.; BARATTA, G.; GUZMÁN ALMAGRO, A., eds. - *Acta XII Congressus Internationalis Epigraphiae Graecae et Latinae: Provinciae Imperii Romani inscriptionibus descriptae: Barcelona, 3-8 Septembris 2002*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, pp. 1363-1379.
- STÜBER, K. (2007) - Der Beitrag der Namenkunde zur Erforschung von Lexicon und Grammatik des Gallischen. In BIRKHAN, H., ed. - *Kelten-Einfälle an der Donau. Akten des vierten Symposiums deutschsprachiger Keltologinnen und Keltologen. Philologische – historische – archäologische Evidenzen. Konrad Spindler (1939-2005) zum Gedenken (Linz/Donau, 17.-21. Juli 2005)*. Wien: Österreichische Akademie der Wissenschaften, pp. 549-557.
- TIR, J-29 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-29: Lisboa. *Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Emerita-Scallabis-Pax Iulia-Gades*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente-Ministerio de Cultura, 1995.
- TIR, J-30 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-30: Valencia. *Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Corduba, Hispalis, Carthago Nova, Astigi*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Fomento-Ministerio de Ciencia y Tecnología-Ministerio de Educación y Cultura, 2000 [2002].

- TIR, K-30 = *TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja K-30: Madrid. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Caesaraugusta-Clunia*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente-Ministerio de Cultura, 1993.
- TIR, K/J-31 = *TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja K/J-31: Pyrénées Orientales - Baleares. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Tarraco - Baliares*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Fomento-Ministerio de Educación y Cultura-Institut d'Estudis Catalans, 1997.
- TOLOSA LEAL, A. (2000) - Sobre formas verbales ibéricas en *-in*. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 3, pp. 143-147.
- TRASK, R. L. (1997) - *The History of Basque*. London; New York: Routledge.
- TRASK, R. L. (2008) - *Etymological Dictionary of Basque* < [www.sussex.ac.uk/linguistics/documents/lxwp23-08\\_edb.pdf](http://www.sussex.ac.uk/linguistics/documents/lxwp23-08_edb.pdf) > (consulta de 01/12/08).
- UHLENBECK, C. C. (1910) - Contribution à une phonétique comparative des dialectes basques (fin). *Revista Internacional de los Estudios Vascos*. Paris. 4:1, pp. 65-120.
- UHLENBECK, C. C. (1949) - Los nombres vascos de miembros de cuerpo que comienzan con *b-*. *Euzko-Jakintza*. Bayonne. 3:1, pp. 105-111.
- UNTERMANN, J. (1964) - Zur Gruppierung der hispanischen „Reitermünzen“ mit Legenden in iberischer Schrift. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 5, pp. 91-155.
- UNTERMANN, J. (1989) - arganto- “Silber” im Keltiberischen. In HELLER, K.; PANAGL, O.; TISCHLER, J., eds. - *Indogermanica Europea. Festschrift für Wolfgang Meid zum 60. Geburtstag am 12. 11. 1989*. Graz: Institut für Sprachwissenschaft, pp. 431-450.
- UNTERMANN, J. (1992a) - Quelle langue parlait-on dans l'Hérault pendant l'Antiquité? *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 25, pp. 19-27.
- UNTERMANN, J. (1992b) - Los etnónimos de la Hispania antigua y las lenguas prerromanas de la Península Ibérica. In *Paleoetnología de la Península Ibérica: actas de la reunión celebrada en la Facultad de Geografía e Historia de la Universidad Complutense. Madrid, 13-15 diciembre de 1989*. Madrid: Universidad Complutense [Complutum. Madrid. 2-3, 1992], pp. 19-33.
- UNTERMANN, J. (1991-1993) - Intercanvi epistolar en un plom ibèric?. *Acta Numismàtica*. Barcelona. 21-23, pp. 93-100.
- UNTERMANN, J. (1995) - La latinización de Hispania a través del documento monetar. In GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, M.ª P.; CENTENO, R. M. S., eds. - *La moneda hispánica: ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos del *Archivo Español de Arqueología*; 14), pp. 305-316.
- UNTERMANN, J. (1996) - Onomástica. In BELTRÁN LLORIS, F.; DE HOZ BRAVO, J.; UNTERMANN, J., eds. - *El tercer bronce de Botorríta*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón (Colección *Arqueología*; 19), pp. 109-166.
- UNTERMANN, J. (1998) - La onomástica ibérica. *Iberia*. Logroño. 1, pp. 73-85.
- UNTERMANN, J. (1999) - Joan Coromines y la onomástica de la Hispania antigua. In SOLÀ I CORTASSA, J., ed. - *L'obra de Joan Coromines. Cicle d'estudi i homenatge*. Sabadell: Fundació Casa de Sabadell, pp. 183-192.
- UNTERMANN, J. (2001) - Algunas novedades sobre la lengua de los plomos ibéricos. In VILLAR LIÉBANA, F.; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M.ª P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 613-627.
- UNTERMANN, J. (2002) [2003] - Dos nuevos textos ibéricos del sur de Francia. *Palaehispanica*. Zaragoza. 2, pp. 355-361.
- VALLEJO RUIZ, J. M.ª (2004) - La flexión indoeuropea en *-(o)n*: algunos datos onomásticos galos e hispanos. *Aquitania*. Pessac. 20, pp. 133-148.
- VALLEJO RUIZ, J. M.ª (2005) - *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- VALLEJO RUIZ, J. M.ª (2005) [2006] - La composición en la antroponimia antigua de la Península Ibérica. In BELTRÁN LLORIS, F.; JORDÁN CÓLERA, C.; VELAZA FRÍAS, J., eds. - *Acta Palaehispanica IX: actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico” (*Palaehispanica*. Zaragoza. 5, 2005), pp. 99-134.
- VALLEJO SÁNCHEZ, J., ed. (1946a) - *Tito Livio, libro XXI*. Madrid: Instituto “Antonio de Nebrija”.
- VALLEJO SÁNCHEZ, J. (1946b) - Sobre la *Otogesa* de César. *Bell. Ciu.* I, 61, 68 y 70. *Emerita*. Madrid. 14, pp. 259-272.
- VELAZA FRÍAS, J. (1991) - *Léxico de inscripciones ibéricas (1976-1989)*. Barcelona: Universitat.
- VELAZA FRÍAS, J. (1992) - Βασπεδ- sur le plomb grec d'Emporion: un anthroponyme ibérique? *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. Neue Folge. 27:3-4, pp. 264-267.
- VELAZA FRÍAS, J. (1998) - La epigrafía monetar paleohispánica: breve estado de la cuestión. In *La moneda en la societat ibérica: II Curs d'Història Monetària d'Hispania (26 i 27 de novembre de 1998)*. Barcelona: Museu Nacional d'Art de Catalunya, pp. 67-84.
- VELAZA FRÍAS, J. (2003) [2004] - La epigrafía ibérica emporitana: bases para una reconsideración. *Palaehispanica*. Zaragoza. 3, pp. 179-192.
- VELAZA FRÍAS, J. (2006a) [2007a] - Lengua vs. cultura material: el (viejo) problema de la lengua indígena de Catalunya. In BELARTE FRANCO, M.ª C.; SANMARTÍ GREGO, J., eds. - *De les comunitats locals als estats arcaics: la formació de les societats complexes a la costa del Mediterrani occidental. Homenatge a Miquel Cura. Actes de la III Reunió Internacional d'Arqueologia de Calafell (Calafell, 25 al 27 de novembre de 2004)*. Barcelona: Universitat; Institut Català d'Arqueologia Clàssica, pp. 273-280.
- VELAZA FRÍAS, J. (2006b) [2007b] - *Chronica epigraphica ibérica (sic) VII (2004-2005)*. *Palaehispanica*. Zaragoza. 6, pp. 303-327.

- VELAZA FRÍAS, J. (2006c) [2007c] - Tras las huellas del femenino en ibérico: una hipótesis de trabajo. *Palaehispanica*. Zaragoza. 6, pp. 247-254.
- VELAZA FRÍAS, J. (2007) - Aspectos en torno a la escritura y la lengua ibérica en el Sureste de la Meseta meridional. In CARRASCO SERRANO, G., ed. - *Los pueblos prerromanos en Castilla-La Mancha*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 271-284.
- VILÀ I BOTA, M.<sup>a</sup> del V. (1996) - Àmfora amb inscripció llatina i grafit ibèric. *Pyrenae*. Barcelona. 27, pp. 295-299.
- VILLAR LIÉBANA, F. (1995) - *Estudios de celtibérico y de toponimia prerromana*. Salamanca: Universidad.
- VILLAR LIÉBANA, F. (1999) - Los topónimos meridionales de la serie ipo. In VILLAR LIÉBANA, F.; BELTRÁN LLORIS, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", pp. 685-718.
- VILLAR LIÉBANA, F. (2000) - *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania prerromana: las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*. Salamanca: Universidad.
- VILLAR LIÉBANA, F. (2002) - El topónimo de la ceca *Bentia* y la lengua de los vascones. In CRESPO ORTIZ DE ZÁRATE, S.; ALONSO ÁVILA, Á., eds. - *Scripta antiqua in honorem Ángel Montenegro Duque et José María Blázquez Martínez*. Valladolid: Los Coordinadores, pp. 183-194.
- VILLAR LIÉBANA, F. (2005) - Indoeuropeos y euskaldunes en el País Vasco y Navarra. Genes, lenguas y topónimos. In VILLAR LIÉBANA, F.; PRÓSPER PÉREZ, B. - *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, pp. 367-514.
- VILLARONGA I GARRIGA, L. (1998) - *Les dracmes ibèriques i llurs divisors*. Barcelona: Societat Catalana d'Estudis Numismàtics.
- VILLARONGA I GARRIGA, L. (2005) - LEUNI, una nova seca ibèrica. *Acta Numismàtica*. Barcelona. 35, pp. 35-38.